Diogo Manuel Morais Pinheiro
Orientador: Prof. Dr. João Rodrigo Parreira Coelho

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
2019

Esta Dissertação de Mestrado adota o novo acordo ortográfico.
As citações utilizadas encontram-se traduzidas para português pelo autor.
As imagens utilizadas foram editadas, apresentando, na sua generalidade, alterações em relação às originais.

Ao Sr. Prof. Rodrigo Coelho
por toda a disponibilidade oportuna e informada,
à Sra. Eng. Raquel Dias
por colmatar claros défices do conhecimento técnico do autor,
ao Exmo. Sr. Presidente Joaquim Faria
por lançar o desafio e apoiar a procura da solução,
ao Sr. Eng. Américo Luís Valente
pela proficiente base para um enquadramento do lugar,
ao Sr. Eng. Sérgio Barata
pela disponibilidade no trabalho de reconhecimento do objeto,
à Arq. Mariana Sá e ao Arq. Pedro Alarcão
pelos fortalecedores intervalos da vida académica,
aos meus pais e amigos
por tudo o que não é arquitetura mas faz parte dela.

Obrigado.

PRAÇA DE FEIRA

Proposta de intervenção no
MERCADO SILVA ARAÚJO

RESUMO

Se o espaço público assume uma importância determinante para coser um tecido urbano, sobrepor um espaço de mercar nesse contexto resulta numa oportunidade de reflexão que revela uma particular pertinência no contexto disciplinar atual.

O Mercado Silva Araújo tem estes pontos como nucleares e, portanto, justificativos de uma intenção de intervenção. O seu estado de degradação física e a sua débil presença como equipamento no tecido de Vila das Aves são a ignição para este trabalho. O arranque passa inevitavelmente por perceber o papel do Mercado e o que o carateriza, não só no tempo em que se este trabalho o vê, mas também é importante perceber toda a herança que o tornou o que é hoje.

Esta demanda servirá de pretexto para abordar três temas que informarão o desenho que se persegue. O programa em causa - espaço de troca - , é ,naturalmente, um motivo de investigação, seguido da condição em que se faz esta intervenção - sobre um edifício existente - , e, por fim, a necessidade de flexibilidade que o espaço apresenta, já que o seu programa original só se manifesta em pleno um dia por semana. Todos estes temas derivam do objeto de estudo e o método passou por dissecá-los mais profundamente, usando exemplos concretos como suporte das ideias enunciadas.

Apesar da importância destas questões, o objetivo sempre foi o de chegar a um desenho concreto, o que surge no momento final. Mais do que um projeto de execução, os desenhos apresentados deverão funcionar como uma declaração de intenções que nascem das ideias apresentadas e analisadas ao longo do trabalho.

ABSTRACT

If the public space is of decisive importance in sewing an urban fabric, overlapping a space for marketing in this context results in an opportunity for reflection that reveals a particular relevance in the current disciplinary context.

The *Mercado Silva Araújo* has these points as core and, therefore, justification of an intention to intervene. Its state of physical degradation and its weak notability as an equipment in the fabric of *Vila das Aves* are the ignition for this work. The startup inevitably passes through the role of the Market and what characterizes it, not only in the time when this work sees it, but it is also important to realize the inheritance that made it what it is today.

This demand will serve as a pretext to address three more abstract topics that will inform the drawing that is pursued. The program in question - a space for commercial exchange - is, of course, a reason for inquiry, followed by the condition in which this intervention is made - on an existing building - and, finally, the need for that its original program only manifests itself in full one day a week. All these themes are requested by the object of study and the method has gone through to dissect them more deeply, using concrete examples as support of the ideas enunciated.

Despite the importance of these issues, the goal has always been to arrive at a concrete design, which arises in the final moment. More than an execution project, the presented drawings should act as a declaration of intentions that are born from the ideas presented and analyzed throughout the work.

SUMÁRIO

Nota introdutória 13

I. LUGAR 17

Aproximação ao território 19

Mercado Silva Araújo 30

II. MATÉRIA 55

Programa 57

Memória 75

Flexibilidade 87

III. PROPOSTA 99

Desenhos 100

Descrição e justificação 113

Considerações Finais 131

Referências Bibliográficas 135

Referências de imagens 139

Anexos 145

NOTA INTRODUTÓRIA

A intervenção em mercados é um tema que, mais concretamente dentro da disciplina, e no âmbito da reabilitação, formam um conjunto de reflexões contemporâneas que comprovam a atualidade da questão. Entre estes temas, serão oportunos os que partilham a ideia de intervenção em edifícios com um interesse público excecional, dos quais resta uma nostalgia que, apesar de tudo, não foi suficiente para os manter vivos. Esta é uma premissa que será inevitavelmente a moldura de um campo mais vasto de matéria teórica que se apoia num projeto concreto para pensar estas e outras questões lançadas pelo objeto de estudo.

Dada esta questão, o desafio será encontrar uma forma de, cumprindo os princípios que orientam uma intervenção responsável num desenho consolidado, dar resposta a um problema concreto no tecido de Vila das Aves. A vontade de intervir no Mercado Silva Araújo parte da Junta de Freguesia de Vila das Aves e é dessa premissa que derivam uma série de conversas com o Sr. Presidente Joaquim Faria de modo a identificar necessidades e estabelecer objetivos.

A reflexão relativa à permanência programática é, por si só, uma oportunidade de discussão. Apesar das evidentes alterações na forma de consumir das sociedades contemporâneas, o espaço de troca comercial representa um dos pontos de maior permanência nas cidades. Assim, e partindo de exemplos concretos de intervenções deste tipo, será oportuno perceber que posição foi estabelecida perante o problema e de que forma é que esse gesto foi recebido. Enfrentando um problema de áreas excessivamente generosas para um espaço de mercado, tendo em conta a forma de consumo contemporânea, as respostas prender-se-ão com tentativas de, simplesmente, reduzir a dimensão do edifício, ou de fazer coabitar outros programas que alimentem a dinâmica urbana onde se inserem. Fazer coabitar várias valências nm mesmo edifício representa um excecional desafio, no sentido em que implica

uma vontade de assegurar a permanência de um programa e uma identidade herdada num novo ambiente: independentemente do gesto, o resultado será, necessariamente, diferente do ponto de partida. Esta ideia é importante para que não se comprometa o funcionamento de um programa estabelecido, de modo a evitar a inserção de um parasita que o sufoque. O objetivo será, portanto, perceber os critérios para a seleção destes usos, de forma a assegurar a sua compatibilidade.

O manifesto de alguns arquitetos pela reabilitação do Mercado do Bom sucesso, no Porto, assinado por Álvaro Siza Vieira, Francisco Barata Fernandes, Manuel Correia Fernandes, entre outros, pode funcionar como ignição deste tema no trabalho, no sentido de esclarecer as prioridades que devem determinar o rumo de um projeto deste tipo. No primeiro ponto desse manifesto, a posição é definida claramente

> "A cidade do Porto precisa dos seus mercados para viver e se regenerar. A reabilitação de uma cidade faz-se na habitação, no espaço público e através do pequeno comércio de proximidade. A «alma do pequeno comércio popular» faz parte da alma desta cidade do Porto. Uma cidade cosmopolita precisa de mercados vivos. A zona da Boavista está saturada de centros comerciais, edifícios na grande maioria sem qualquer qualidade arquitectónica, estando alguns meio-ocupados, meio-abandonados há muito."[1]

Todas estas posições face ao problema assentam num ideia de elasticidade que o edifício terá que garantir. Este é um tema que, tendo em conta o caso de estudo, faz já parte da sua identidade. O trabalho de investigação é fundamental para que uma posição crítica seja formada e daí resultar uma proposta. Sendo conterrâneo do Mercado, há já um trabalho de reconhecimento do contexto, nomeadamente das caraterísticas, carências e ambições, que foi feito empiricamente. A ideia de um mercado que é, antes disso, espaço público - Praça de Feira -, e que levanta grande parte das questões teóricas deste trabalho, surge provavelmente da memória de ouvir a minha avó dizer que vai à *praça*. É nesta ambiguidade terminológica que se pretende desenhar uma proposta para o Mercado Silva Araújo.

1 "Manifesto – Arquitectos pela reabilitação do Mercado do Bom Sucesso", 16 de Março de 2016. in *Mercado do Bom Sucesso vivo*, disponível em <https://mercadobomsucesso.wordpress.com/2010/03/16/manifesto-arquitectos-pela-reabilitacao-do-mercado-do-bom-sucesso/>

A reflexão tem como nuclear a noção de espaço público e que passa pela sua importância coletiva. A flexibilidade desse espaço é uma caraterística que tem, invariavelmente, que estar presente, já que tem como objetivo dar resposta a uma série de carências diferentes de inúmeros tipos diferentes de utilizador. A solução para esta necessidade está, justamente, na sua permeabilidade.

Apesar da evidente relevância de recolher matéria teórica que informe oportunamente uma proposta que sintetize essas ideias numa resposta concreta a um problema, será importante encontrar exemplos que concretizem essas ideias. Assim, e para cada grupo de ideias apresentadas, será selecionado um modelo que as valide pela sua relevante vinculação ao real.

Esta aproximação ao real é um dos objetivos que a proposta deverá considerar, já que, e apesar de toda a nuvem teórica que se pretende construir, a condensação dessas partículas deve acontecer no momento final, já que um dos motes nucleares desta dissertação partiu da vontade concreta de resolver um problema. A materialização dessas ideias far-se-á de forma a garantir a sua viabilidade construtiva, enunciando os princípios imprescindíveis que a salvaguardam.



1. Identificação do objeto de estudo.


Fábrica Rio Vizela
Mercado Silva Araújo
Centro Cívico das Fontaínhas
Estação de Caminho-de-ferro
Urbanização do Bom Nome
0
50
100
150

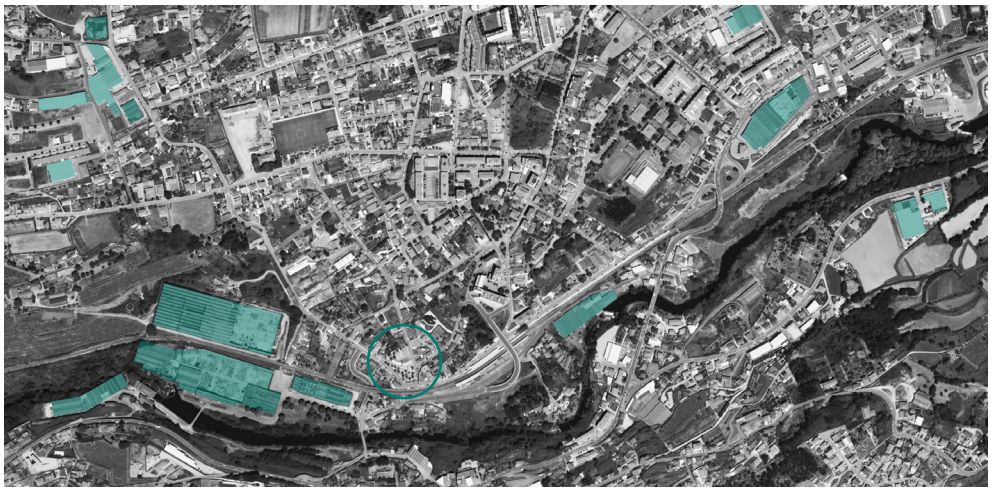
I LUGAR

Aproximação ao território

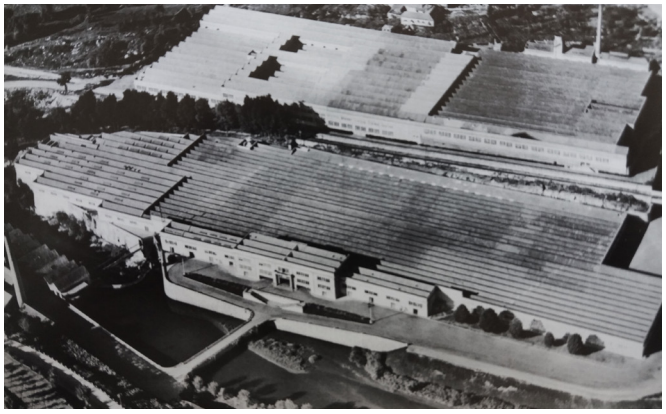
- O Vale do Ave
- Entre os Aves

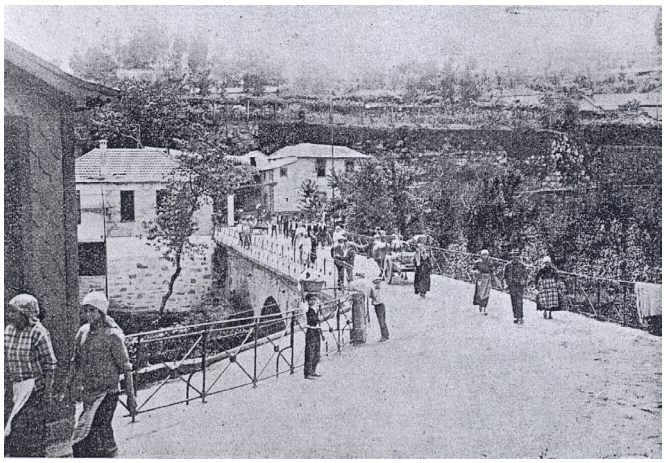
Mercado Silva Araújo

- O Mercado atual
- Desenhos de levantamento
- Faseamento cronológico
- Levantamento fotográfico



3. Vila das Aves e identificação dos principais complexos industriais.





4. Fábrica de Fiação e Tecidos do Rio Vizela, década de 1960 e Ponte sobre o Rio Vizela.

Este ponto de ligação entre as duas margens do Rio Vizela corresponde, justamente, ao lugar para onde se abre o portão principal da Fábrica do Rio Vizela. Foi nesta confluência de fluxos intensos de trabalhadores e habitantes que reside o principal critério para a instalação do Mercado Silva Araújo no lugar onde está, ainda hoje, implantado.

APROXIMAÇÃO AO TERRITÓRIO

Para compreender mais claramente o papel que o Mercado Silva Araújo representa na vila é, logicamente, necessário perceber o enquadramento do caso de estudo, não só em Vila das Aves, como também no Vale do ave, como região com caraterísticas bastante particulares e que influenciam diretamente o que o Mercado e a sua envolvente próxima são hoje.

O Vale do Ave

O grande motor de desenvolvimento da vila foi a indústria, marca comum na região do vale do Ave, nomeadamente o setor têxtil. A escolha deste local para a implantação da Fábrica do Rio Vizela em 1845[1] terá sido fundamental para a fixação de habitantes [3 e 4]. O Mercado Silva Araújo será, mais tarde, uma das consequências deste crescimento. O setor secundário é ainda um importante gerador de emprego, e do qual depende a grande maioria dos habitantes, apesar da grande crise do têxtil em todo o Vale do Ave e o consequente fecho de várias empresas, como a Fábrica do Rio Vizela, em 2004.

O resultado da instalação destas grandes estruturas num meio rural é a convivência de duas realidades contrastantes e que terá consequências no modo de viver e, naturalmente, no desenho dos aglomerados urbanos da região. Todo o vale do ave pode ser considerado uma 'periferia' feita de elementos dispersos entre zonas arborizadas e de cultivo, em que a construção se vai apoiando e ramificando a partir

1 "A 15 de Setembro de 1845, onze homens de negócio da cidade do Porto selavam entre si o projecto de criação de uma "sociedade de parceria mercantil sem firma", tendo por objecto "o estabelecimento d' huma fabrica de fiação d'algodão movida por agoa nas margens do rio Vizella". (...) Os anos seguintes correspondem a tempos de crescente afirmação, com a Fábrica do Rio Vizela a constituir um pólo industrial com inegável dinamismo no meio local: tornou-se o maior empregador da região, contando-se por vários milhares (oscilando em volta dos três mil) a população operária, apesar das vicissitudes da vida industrial." - in ALVES, Jorge Fernandes e LACERDA, Silvestre. "Fábrica de Fiação e Tecidos do Rio Vizela - As origens" *in O Tripeiro*, 7a série, ano XV (1995), no 1-2 (Janeiro/Fevereiro), p. 4, 15.

de vias com uma relevância excecional, como uma estrada nacional. Tendo como implantação preferencial as margens dos rios, as fábricas geram emprego, atraem habitantes e promovem a construção de habitação na proximidade.

O resultado é um *patchwork* [5] pouco hierarquizado , o que se reflete, necessariamente, no modo de viver. Esta é uma caraterística que ainda se sente hoje, muito decorrente da globalização, em que progressos tecnológicos convivem com a deficiência dos mais elementares recursos contemporâneos como as infraestruturas de saneamento que ainda manifestam graves carências. Não sendo este um problema exclusivo da região, é uma imagem que tem consequências diretas na análise do caso de estudo, em que todas as intervenções são feitas de forma pouco informada e numa tentativa de solucionar problemas imediatos.

É evidente que este tipo de apropriação do território não segue o padrão clássico de formação de cidade, mas não deve, por isso, ser ignorado. O seu desenho é o reflexo da época e das condicionantes que o construíram e é a partir destas premissas que se deve montar uma estratégia que siga a lógica do aglomerado em causa. O tecido polinucleado, desde que proponha conexões pertinentes, é um modelo que serve as necessidades deste território, até porque se foi formando naturalmente. A posição destes lugares em relação aos grandes centros urbanos é de um tal afastamento que o seu caráter periférico se dilúi num conjunto de fragmentos que formam os seus próprios núcleos. Acreditar na diferença e aceitar a complexidade são as bases para uma investigação informada e pertinente. É aliás a ideia que contaminou toda a exposição "Território: Casa Comum" e, por consequência o livro homónimo. Apesar de focar o território Famalicense, as questões fundamentais são partilhadas por todos os municípios que integram o Vale.

> "O principal obstáculo ao entendimento da urbanização contemporânea é a dificuldade de desligar da ideia de cidade enquanto ideal-tipo. A cidade enquanto forma, centro e limite (...) deu origem à urbanização extensiva com a variedade de morfologias e descontinuidades que a caracteriza. (...) A civitas, a urbis ou a polis deixaram de ser um 'interior' nitidamente confinado no seu limite - a urbanização há muito que é um 'exterior', um processo que ocorre nos mais variados contextos, formas e extensões."[2]

2 *Território: Casa comum* (coord. Álvaro Domingues, Nuno Travasso) . Porto: Faup, 2015. p.164



5. *The space in-between the Patchwork Metropolis - Redrawing, updating and inverting the original map of Neutelings* (1991), Carlo Pisano, 2016

"As formas da cidade tradicional acabariam por se dissolver numa nova paisagem "geourbana" definitivamente "aberta" e "heterogénea", potencial - e deficitariamente - misturando escala global e local. (...) Como um *patchwork* sobre o território, a forma cristalina da cidade primitiva explodiu, e é assim, uma gama heterogênea de salpicos e cavidades, um *patchwork* de realidades entrelaçadas..." in GAUSA, Manuel. *Open: espacio, tiempo, información*. Barcelona: Actar, 2010. p.171

Recuperando a ideia de globalização como agente ativo neste processo, o termo hiper-modernidade é referido nesta publicação para definir este período em que a identidade local é fruto de um conjunto de influências externas cujos limites se diluem nas características históricas e tradicionais e que têm um reflexo direto na paisagem. A própria noção de identidade como algo estabilizado é também subvertida pela velocidade deste processo, já que da análise do todo resulta uma constante mutação. Isto é, por si só, um valor identitário.

> "Unidas, primordialmente, por misteriosas forças telúricas, mas separadas pelo punho do homem, as freguesias de Vila das Aves. Lordelo e Riba d'Ave, conscientes da sua identidade ancestral, envidaram esforços para reunir num seio comum aquilo que fora administrativamente separado.[3] Situadas no extremo de cada um dos concelhos a que pertencem, aquelas freguesias terão sentido, ao longo dos anos, o peso da sua condição periférica."[4]

Entre-os-Aves

Vila das Aves é uma freguesia do concelho de Santo Tirso, com cerca de 6.16km^2. Situa-se entre os rios Ave e Vizela e o seu limite poente é o ponto de confluência entre ambos, que segue para Santo Tirso como Ave. É, aliás esta caraterística que lhe dá o nome: *São Miguel de Entre Ambos-os-Aves*, que designava a aldeia até 1955, antes de ser elevada a vila. [5]

Apesar de se implantarem em zonas mais periféricas, os complexos industriais têm bastante impacto no desenho urbano da vila. Esta ideia é enunciada por Álvaro Domingues no "Plano Estratégico do Sistema Urbano do Vale do Ave" quando se refere a Vila das Aves.

> "O seu perfil sócio-económico é dominado pelo sector secundário sendo muito reduzida a importância do terciário, o que dificulta a formação da referida centralidade dada a escassez de equipamentos e serviços que consti-

3 Enquanto que Vila das Aves pertence ao concelho de Santo Tirso, distrito do Porto, Riba d'Ave pertence ao concelho de Famalicão e Lordelo ao concelho de Guimarães, ambas no distrito de Braga. Apesar da proximidade, representam o encontro entre zonas administrativas distintas e, portanto, estão nos seus extremos.

4 OLIVEIRA, Pe Fernando Marques de. *Vila das Aves: elementos para uma monografia*. Vila das Aves: Tipografia das Aves - Liberto & Filho - Artes gráficas Lda., 2005. p. 164

5 *Vila das Aves em livro aberto*, (coord. Geraldo J. Amadeu Coelho Dias e Felisbela da Conceição F. M. Freitas) Vila das Aves: Junta de Freguesia de Vila das Aves, 2005. p.22

tuem as funções urbanas por excelência." [6]

Desde que este trabalho foi escrito passaram 23 anos e a realidade transformou-se. Apesar do comércio ser ainda um ponto frágil na economia da vila, é claro o esforço institucional para evidenciar a importância da cultura como matéria agregadora.

A construção do *Centro Cultural Municipal de Vila das Aves* é o reflexo mais imediato dessa intenção. O edifício foi projetado pelo arquiteto Manuel Fernandes de Sá e faz parte do "Plano de Pormenor das Fontaínhas" (1987-88) [6-11], onde trabalha também Francisco Barata Fernandes, que desenha a Junta de Freguesia e uma torre de escritórios, por exemplo. Este plano foi uma consequência da passagem da gestão urbanística da vila para os serviços municipais, em 1984[7]. O resultado deste trabalho foi um plano de pormenor que previa a construção de um *centro cívico* constituído por equipamentos voltados para uma praça e lotes para habitação plurifamiliar, construção essa de iniciativa privada.[8] É, na época, um investimento significativo no desenho urbano e arquitetónico e que não encontra facilmente um comparativo nas proximidades. O projeto consolida-se totalmente apenas em 2005 com a conclusão da construção do Centro Cultural.

Este tipo de iniciativa, apesar de escassa, pode ser encontrada noutros momentos da Vila. O *Bom Nome* é outro exemplo de um conjunto habitacional desenhado criteriosamente. Apesar de assentar, mais uma vez, na iniciativa privada, este conjunto tem um importante papel urbano pela concentração de serviços, como os correios, bancos, e vários tipos de espaços comerciais. Neste ambiente a dinâmica é bastante diferente. Pelo cuidado no desenho de espaço público e pelo aumento de cérceas com os edifícios de habitação de 5/6 pisos, fortalece-se uma coerência interna que, com o passar do tempo, se tem sublinhado pela adição de construções que

6 DOMINGUES, Álvaro. *Plano estratégico do sistema urbano do Vale do Ave : projecto de plano*. [Porto] : Quaternaire, 1995. p.59

7 *Santo Tirso : da tradição à modernidade* (Fot. Francisco Piqueiro, Anabela Rosas Trindade). Santo Tirso : Câmara Municipal de Santo Tirso, 2009. p.338

8 "Em Agosto de 1987 a Junta de Freguesia requer uma alteração ao loteamento porque pretende criar um centro capaz de polarizar algumas das atividades terciárias da zona e porporcionar um espaço claramente urbano (...) Pela primeira vez em Santo Tirso foi elaborado um loteamento com regras de construção para o edificado muito objetivas, que garantiram uniformidade aos projetos de iniciativa privada". in *Santo Tirso : da tradição à modernidade* (Fot. Francisco Piqueiro, Anabela Rosas Trindade). Santo Tirso : Câmara Municipal de Santo Tirso, 2009. p.338



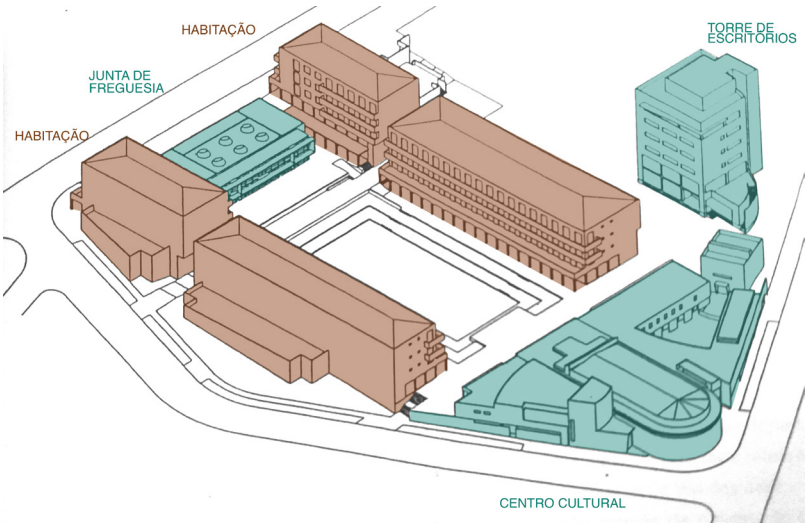
6. Planta com identificação dos principais núcleos.



7. Habitação Plurifamiliar, João Álvaro Rocha, 2008



8. Habitação Plurifamiliar, Francisco Barata Fernandes, 2006



9. Centro Cívico de Vila das Aves, 1987-88



10. Torre de escritórios, Francisco Barata Fernandes, 2006



11. Junta de Freguesia, Francisco Barata Fernandes, 1998-2004

corroboram esta lógica. O edifício que se junta mais recentemente a este conjunto é da autoria de João Álvaro Rocha e segue a lógica programática do lugar, constituido com cinco pisos de habitação e comércio no piso térreo e que recebe, em 2009, o *Prémio Municipal de Arquitetura e Urbanismo*, entregue pela Câmara Municipal de Santo Tirso.

Pode concluir-se destas ideias que Vila das Aves vive de uma malha pouco organizada que integra núcleos relativamente dispersos de algum controlo no desenho. O caráter policêntrico deste esquema pode ser um atributo, desde que as conexões sejam otimizadas e a estratégia uniformizada. No entanto, pela análise histórica dos planos urbanos desenhados para a vila, percebe-se a escassez de desenho ou, quando existe, não se vê a materialização dessas ideias no tecido construído.

O primeiro "Ante-Plano de Urbanização de Vila das Aves" é desenhado em 1966 [12] e propõe intervenções significativas no desenho. São previstas várias construções, muitas delas para habitação. É pela análise das plantas do levantamento feito que se percebe um tecido feito de pequenas habitações se dispersavam entre os campos e pequenas veredas que as ligavam, habitações onde se instalavam os operários das muitas fábricas que se foram instalando na aldeia. As grandes manchas de construção que dominam o desenho são as que representam complexos industriais, em contraste com os débeis equipamentos públicos como a junta, os correios ou o mercado. Alguns dos traçados são reconhecíveis no desenho urbano atual, mas grande parte destas propostas não é concretizada.[9]

Em 1980 é feito um "Estudo Prévio do Plano de Urbanização" pelos arquitetos F. Wenceslau Moreira Dias e A. Micael Amaral. Aqui são apontadas algumas propostas bastante embrionárias, que nunca vêm a sua concretização num plano de urbanização concreto, e por consequência, não chegam a contaminar verdadeiramente a forma como o povoado se expandiu e desenvolveu. A estratégia passou por focar "a importância da localização geográfica e das vias de comunicação rodo e ferroviárias no desenvolvimento da Vila."[10] O crescimento não foi, lamentavelmente, planeado e a regra para a construção foi ditada, essencialmente, pela necessidade de construir e poder para o fazer.

9 Neste plano é desenhada uma proposta de intervenção no Mercado Silva Araujo, que não é construída, e que é dissecada mais à frente neste trabalho [p.42].

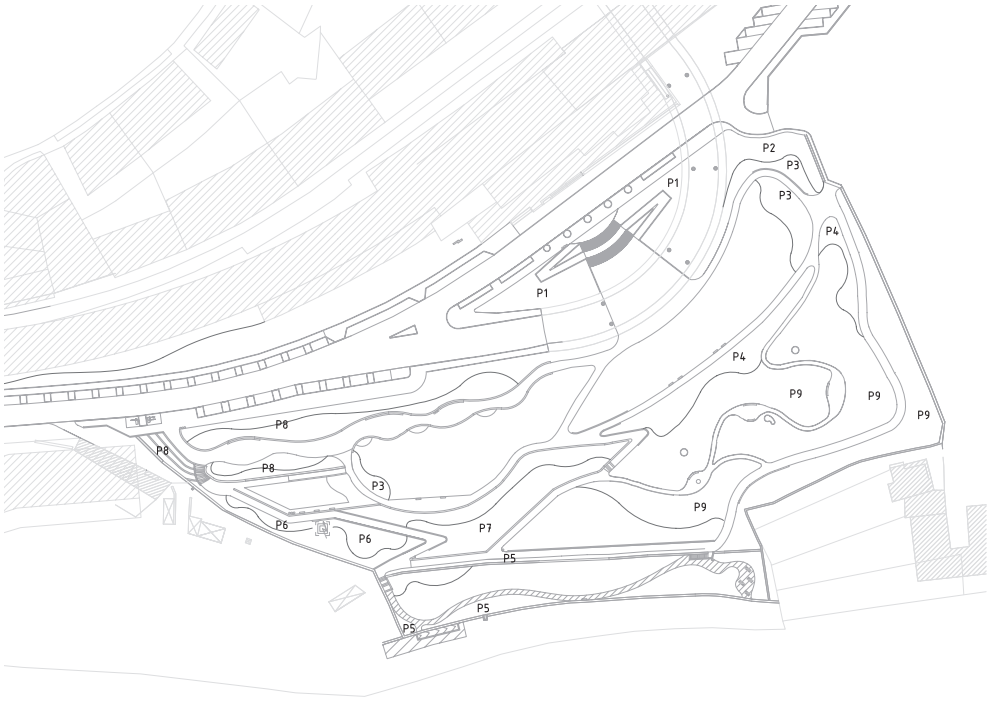
10 *Santo Tirso : da tradição à modernidade* (Fot. Francisco Piqueiro, Anabela Rosas Trindade). Santo Tirso : Câmara Municipal de Santo Tirso, 2009. p.336



12. Ante-Plano de Urbanização de Vila das Aves, 1966



13. Viaduto sobre a estação de caminho-de-ferro.



14. Projeto para o *Parque Sustentável do Verdeal*, Miguel Barreira, 2008

Como foi verificado neste plano, a rede de acessos que vemos ainda hoje foi um fator determinante para justificar a implantação da Vila e a sua apropriação do território. A ligação rodoviária é garantida pela N105, que liga o Alfena a Guimarães e forma, com a N104 o eixo do ave. O acesso à A3 é também bastante facilitado, pelo que permite uma rápida ligação ao Porto e Braga. A ligação ferroviária foi, desde o séc. XIX, um importante impulso na economia da , então, aldeia, já que permitia um transporte facilitado de mercadorias das novas fábricas que vão surgindo. A linha de caminho-de-ferro foi construída em 1883 e permitia a ligação ao Porto e a Guimarães, um circuito mantido até hoje pelos comboios Urbanos do Porto, depois de uma profunda intervenção feita em 2004, ano de inauguração da nova estação ferroviária.

Com esta intervenção, os atravessamentos do caminho-de-ferro passam a ser feitos por túnel ou por viaduto. É aqui que, mais uma vez, o desenho é feito para resolver uma situação pontual. O viaduto que foi construído para fazer este atravessamento junto à nova estação reflete um corte de escalas, de linguagem e de orientação de traçados. [13] Se o objetivo era a ligação entre dois pontos divididos pela barreira física que a linha ferroviária representa, a verdade é que cria um lugar marginalizado entre a linha e o rio. A intenção atual passa por revitalizar essa zona e inclui-la no restante tecido. A construção do parque do verdeal é um exemplo de uma iniciativa que segue este princípio. Esta é uma ideia que defendida pela administração local há vários anos mas cuja concretização tem, por diversos motivos, sido adiada até hoje. O Parque Sustentável do Verdeal [14] é um projeto de 2008 do arquiteto paisagista Miguel Barreira e tem, potencialmente, bastante interesse, já que cria um espaço voltado para o rio Vizela, frente nunca valorizada até então.[11]

Tendo em conta estas carências e condicionantes, o novo mercado deve servir como gerador de atividade comercial e cultural na zona baixa, criando mais um núcleo cívico. Assumindo a estação ferroviária como porta da Vila para muitos, o atual Mercado Silva Araújo é, necessariamente, um ponto de receção incontornável, pelo que deve corresponder formalmente e programaticamente a essa condição inerente. Para além desta lógica, é uma vontade clara do executivo criar um espaço híbrido que, para além de permitir trocas comerciais, funcione como equipamento cultural e de lazer.

11 Parte da quinta do verdeal foi ocupada pela construção da nova estação, pelo que a sua presença teve, necessariamente de ser integrada no projeto, bem como o viaduto. - "Devido à sua dimensão, a nova estação abrange uma área muito superior à da antiga, ocupando parte do terreno da Quinta do Verdeal." in OLIVEIRA, Pe Fernando Marques de. *Vila das Aves: elementos para uma monografia*. Vila das Aves: Tipografia das Aves - Liberto & Filho - Artes gráficas Lda., 2005. p. 143

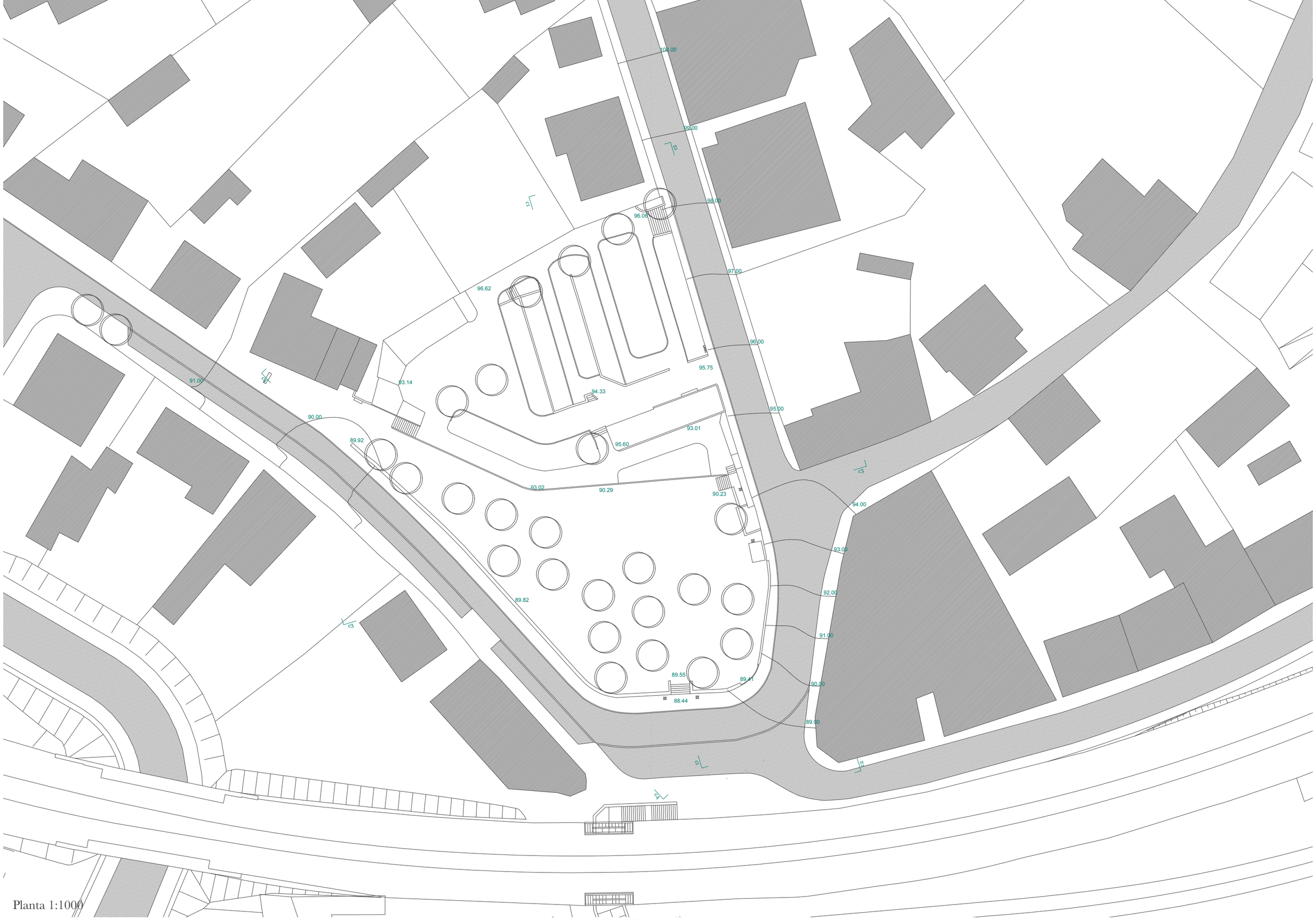
O MERCADO SILVA ARAÚJO

O Mercado atual

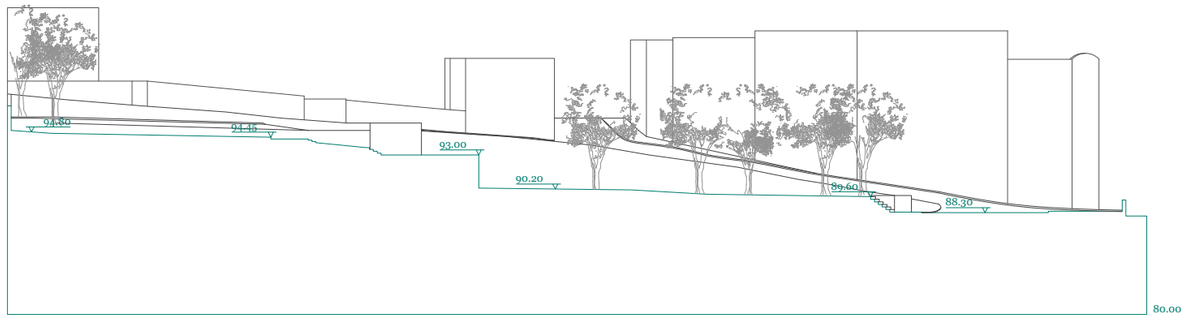
O atual Mercado Silva Araújo implanta-se na zona baixa de Vila das Aves e é um importante ponto de charneira entre várias ruas que confluem para este ponto. A sua forma é consequência disso, resultando em algo que se pode considerar de gaveto. De poente, a rua Silva Araújo contorna o mercado com uma pequena pendente descendente e que se assentua na viragem para a rua D. Nuno Álvares Pereira, com um diferencial de cotas de cerca de dez metros, considerando o ponto mais alto do arruamento junto ao mercado. O espaço aproveita esse grande declive para se desenvolver em socalcos e implantar neles as construções perenes para que se liberte o espaço voltado a sul para a instalação das estruturas provisórias da feira semanal realizada todos os sábados.

A feira semanal é um momento bastante ativo na vida do mercado e, consequentemente, da vila. A montagem das bancas e toldos é feita ao nascer do sol, para que tudo esteja pronto para as vendas feitas durante toda a manhã. Apesar do espaço reduzido, a divisão de espaços de venda [17] é feita em 108 parcelas, de forma irregular, com diferentes tamanhos e configurações. As áreas destes segmentos variam entre os 2 e os 50 m^2, distribuídos em quatro áreas, dispostas nos vários socalcos do espaço da feira. Assim, pode deduzir-se um claro critério na distribuição de zonas, em que as diferenças de cota materializadas em muros e escadas funcionam como peças distanciadoras entre, por exemplo, os frescos e o vestuário. O tipo de infraestrutura montada também se ajusta às necessidades do produto que se vende em determinada zona. Fatores como a pendente, a incidência solar e o acesso a pontos de água são um critério para a instalação das bancas.

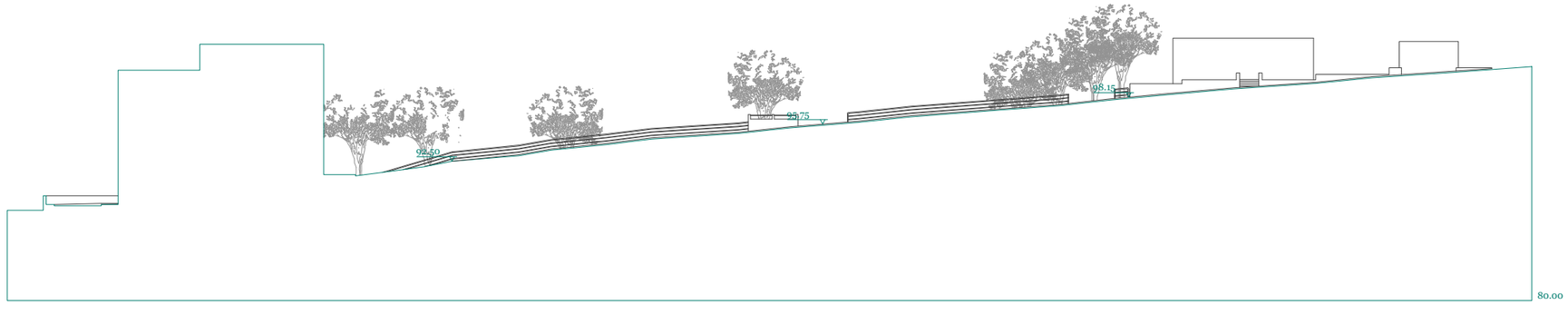
Para além destas estruturas desmontáveis, o Mercado Silva Araújo integra pequenas lojas que dão rosto e propósito ao muro de suporte entre-níveis. Estes espaços são maioritariamente usados para a venda de carne e peixe, o que, devido ao estado avançado de degradação que apresentam, impedem qualquer tipo de atividade no seu interior. A falta de qualidade construtiva e a falta de manutenção contribuí-



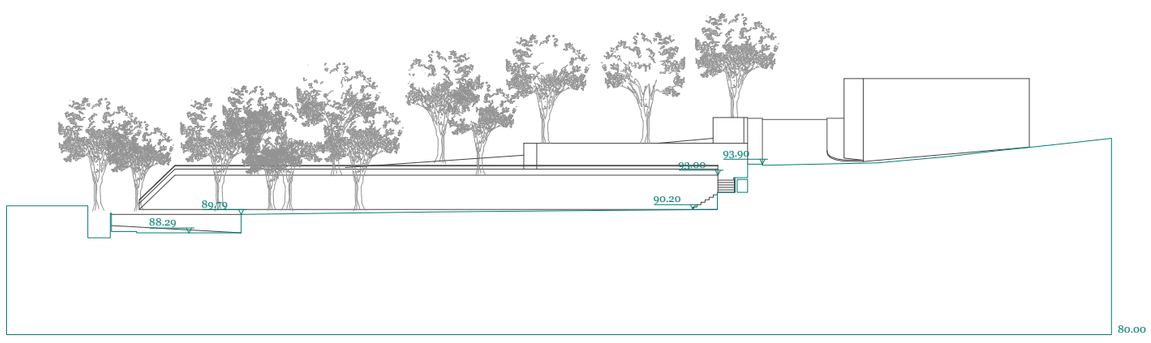
Planta 1:1000



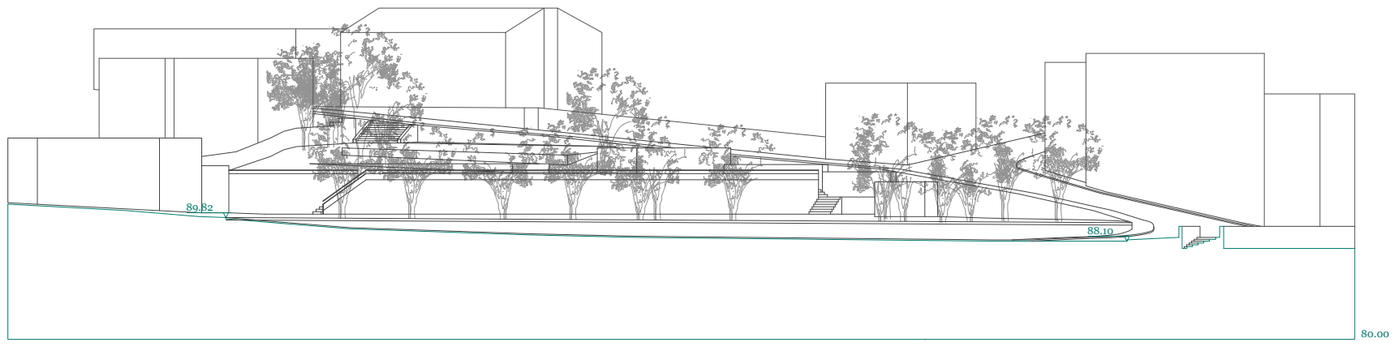
corte 1



corte 2

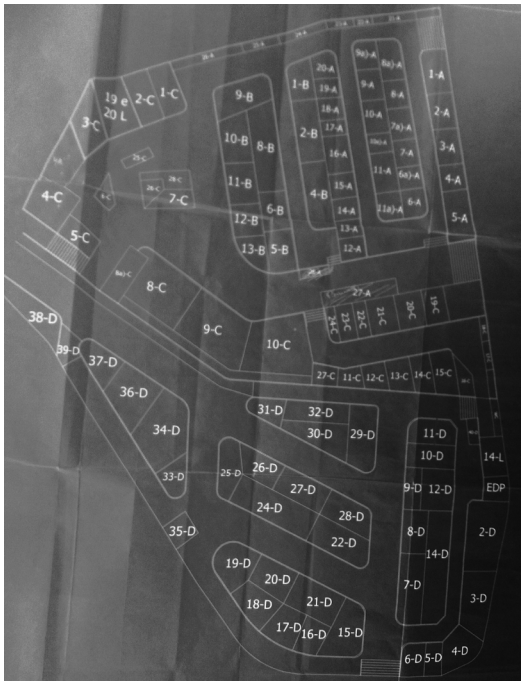


corte 3



corte 4

Perfis 1:1000



17. Esquema de distribuição de espaços para instalação de bancas de venda.





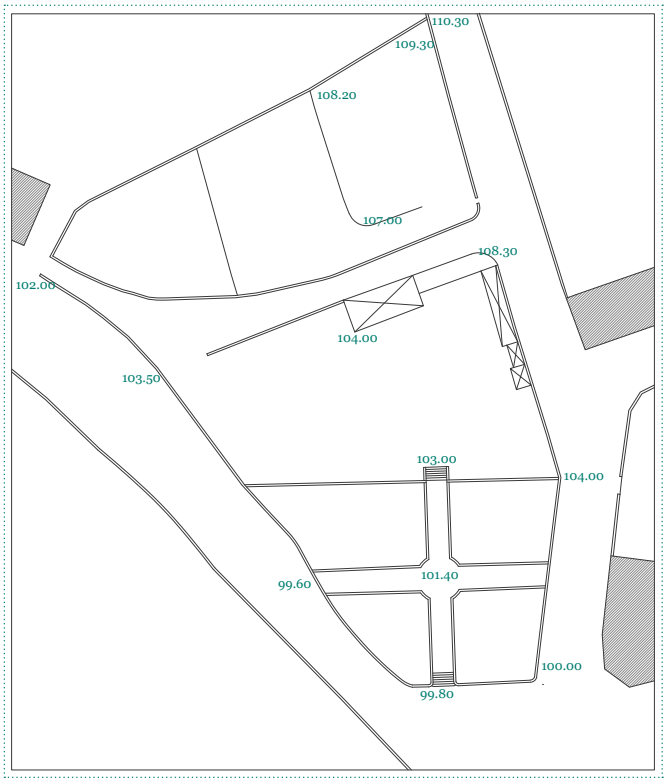
18. Vista da Rua Silva Araújo - década de 60 e 2005.

ram ambas para uma impermeabilização deficiente e a derrocada é contornada com o recurso a escoras. A emergência na intervenção é melhor representada por estes espaços que, por razões de segurança estão fechados e levarão à mudança provisória do local para a realização da *feira de sábado*.

Nos restantes dias, o espaço deixado pela feira dá lugar, à cota superior a um pequeno espaço de cafetaria e de comes e bebes. À cota baixa, os automóveis apoderam-se da área entre as árvores.

A acumulação de intervenções de linguagens diferentes é evidente e reflete uma ampliação que se fez de acordo com uma necessidade imediata e sem uma estratégia orientadora. Dada essa sobreposição de linguagens, foi pertinente perceber a história de vida do Mercado Silva Araújo desde a sua fundação, em 1930.

Partindo desta ideia, fará sentido expor cronologicamente as alterações de que o mercado foi alvo, mantendo-se, apesar de tudo, a forma de se implantar e os seus limites. As grandes propostas de reformulação não passaram de projetos e, portanto, o que vemos hoje é um mercado cuja relação com a envolvente se mantém relativamente estabilizada. [18]



19. Mercado Silva Araújo - Planta de 1930.

Desenho construído com base no registo gráfico do Projeto de 1494 para o Mercado Silva Araújo em Arquivo na Junta de Freguesia de Vila das Aves. A envolvente resulta de especulação dada a inexistência de registos gráficos da época. As cotas são retiradas diretamente da planta de 1949, pelo que não coincidem com as cotas de hoje. Partindo do princípio que a cota zero, de referência é distinta da convencionada atualmente, a cotagem altimétrica será útil para perceber a relação diferenciais de cotas entre níveis e pendentes de arruamentos.

Faseamento cronológico

I. Outubro de 1930

O Mercado Silva Araújo é construído em Outubro de 1930 para dar resposta a uma necessidade de abastecimento dos trabalhadores da *Fábrica do Rio Vizela*. A fábrica instala-se aqui em Setembro de 1845[12], e o seu primeiro edifício é implantado na margem oposta do rio Vizela, em São Tomé de Negrelos. Mais tarde a fábrica expande-se e constrói-se predominantemente em Vila das Aves, fazendo aí a sua entrada principal, voltada para nascente, onde surgirá o Mercado. No espaço à saída da fábrica, que ainda hoje se chama o 'Largo da Fábrica do Rio Vizela' começam, então, a instalar-se espaços comerciais bastante procurados pelos muitos que aqui trabalhavam. Na década de 50 a fábrica dava emprego a 3000 operários[13], o que justificava um desenvolvimento comercial significativo na zona envolvente. Para além disso, a proximidade da estação de caminho-de-ferro também terá contribuído para o surgimento desta dinâmica comercial no largo à entrada da, então, aldeia.

A primeira ação pelo desenvolvimento de S. Miguel das Aves parte do presidente da Junta de Freguesia João Bento Padilha. Em 1928 escreve um artigo para o jornal "Diário do Minho", onde assinala as principais carências da aldeia.

> "Esquecida de tudo e de todos - até dos seus próprios filhos - vegeta esta freguesia há longos anos numa apatia que tem sido prejudicialíssima aos seus interesses, pois lhe falta tudo que as necessidades da vida moderna exigem."[14]

Este apelo faz despoletar uma série de obras onde se inclui o Mercado, dois

12 MOREIRA, Álvaro Brito; OLAIO, Nuno Miguel. *Fábrica de fiação e tecidos do Rio Vizela - comemoração dos 150 anos*. Santo Tirso: Câmara Municipal, 1995

13 ALVES, Jorge Fernandes e LACERDA, Silvestre. "Fábrica de Fiação e Tecidos do Rio Vizela - As origens" *in O Tripeiro*, 7a série, ano XV (1995), no 1-2 (Janeiro/Fevereiro), p.15.

14 PADILHA, João Bento. *S. Miguel das Aves*, 1928. in BARCA, Pe. Joaquim da. *S. Miguel das Aves (Monografia)*. Vila das Aves: Tipografia das Aves, 1953



ANO XLIX — O jornal mais antigo e de maior tiragem do concelho — Número 26

JORNAL DE SANTO THYRSO

Fundador — José Bento Cerveira — Publica-se às quintas-feiras — Redacção, Administração e Oficinas:
Proprietários, Director e Editor — José Cardoso Santarem — Quinta-feira, 23 de Outubro de 1930 — Rua Sousa Trepa, 49

S. MIGUEL DAS AVES

INAUGURAÇÃO DO MERCADO

Tirsenses pelo sangue e pelo coração, consideramos nossa terra não apenas a vila, mas o concelho integro, unido num só pensamento, vibrando numa só fé, constituindo um só corpo e uma só alma.

Esta política de unidade, de amor homogéneo, de solidariedade perfeita, temo-la nós aqui advogado com fervor patriótico, cônscios de que ela é a que mais convem aos destinos locais.

Queremos que os benefícios abranjam todos os que se sacrificam, que paguem e trabalham em proveito do Município; queremos enfim que o concelho seja um agregado consciente e sincero, e não uma mera ficção para uso e vantagem exclusivos de uma parcela.

Deste modo, sempre que qualquer freguesia se desenvolve, progride, ou se enriquece, regozijamo-nos com isso, sentimos a satisfação de quem assiste á sua propria victoria.

O avanço duma freguesia é o caminhar do concelho inteiro, é um facto que a todos os tirsenses interessa e de que todos nos devemos orgulhar.

Ora, sem desprimor para nenhuma, temos que reconhecer que S. Miguel das Aves dá, neste hora, um alto exemplo de *élan*, de confiança no seu futuro, de trabalho em prol do seu progredimento.

Os seus habitantes, numa simpática e edificante comunhão de ideais, lutam, esforçam-se, sem desfalecimento, numa constumacia de quem quer vencer, procurando com sorisolado carinho elevar a sua linda terra ao nível das povoações modernas.

Iluminação electrica, igrejs, estradas, escolas, fontenarios, etc. Por ultimo, um magnifico mercado que vai ser inaugurado festivamente no proximo domingo.

É tudo quasi exclusivamente á custa do sacrifício dos seus moradores, da benemerencia inegualavel dos seus filhos!

Saudamos, pois, essa progressiva localidade, essa jóia do concelho, que é S. Miguel das Aves, acompanhando intimamente o seu regosijo—o seu triunfo.

Viva o povo de S. Miguel das Aves!

José da Silva Araujo

O Grande Benemérito de S. Miguel das Aves

A freguesia de S. Miguel das Aves vai homenagear, no proximo domingo 26 do corrente, um dos seus filhos mais ilustres:—o grande benemerito José da Silva Araujo.

Alma aberta a todas as manifestações da bondade, falar no seu nome é exaltar uma obra notavel de bem-fazer—e altruismo—obra maravilhosa onde o amor pela sua terra iguala a grandeza dos melhoramentos comque, dia a dia, a vai dotando!

A confirma-lo aí estão a construção do magnifico mercado, no logar da Ponte, a estrada entre o logar de S. Honorato e a ponte sobre o rio Ave, em Romão, a fonte de Sense; os seus valiosos donativos para as obras da igreja paroquial e instalação da luz electrica na freguesia—e tantos outros.

Mas o seu coração generoso, sedenho de praticar o bem, não esquece os pobres; e sempre que o seu obulo é solicitado, a esmola vem, magnanima e bendita, suavisar infortunios e espalhar bençãos!

A reconstrução da fonte de Sense, no logar de Romão, recorda uma pagina belissima da sua inata bondade.

Era esta pequeno fonte um pequeno charco, onde, numa promiscuidade docente, se abasteciam de agua os moradores do local e se dessedentavam os animais. Perto havia um pequeno lavadouro, onde as pobres mulheres, de joelhos e quasi sempre atoladas em lama, lavavam, a custo, os miseros trapos.

O coração magnanimo e bom do nosso grande benemerito confrangia-se, sempre que os seus olhos presenciávam o triste espectaculo—e resolveu pôr-lhe termo. E um dia, sem me conhecer, procurou-me.

Extremamente honrado com tal visita, abri de par em par as portas da minha casa ao homem admiravel, cujs auréola de bondade linha chegado até mim trazida pela gratidão dos contemplados com as avultadas esmolas que, anualmente, do Brazil mandava para os pobres da sua terra,—e ouvi com commovido interesse a sua exposição. Alguem o informara de que eu fazia parte da Junta, e vinha solicitar a colaboração desta na grande obra de benemerencia que na sua mente delineara, e que pretendia levar a cabo com urgencia.

Não pedia qualquer auxilio monetario; simplesmente queria que não se opusessem quaisquer entraves aos seus intentos.

Assim se fez. E da antiga e tão impropriamente chamada fonte de Sense, surgiu um belissimo e artistico fontenario—que não ficaria mal dentro dos muros de uma cidade—donde brota um caudal de agua pura e cristalina, que julgara ao sol em scintilações de diamante!

Agora, mercê do nosso grande benemerito, os pobres teem agua pura e abundante; as lavadeiras lavam comodamente as suas roupas; o local, um recondito mas pitoresco cantinho, foi aformoseado, e nem mesmo os animais foram esquecidos! Para eles mitigarem a sêde lá deslisa um veio de agua limpida e corrente. Tal cinzia destes rasgos de beleza moral a vida de tão preclara cidadão!

José da Silva Araujo pertence á categoria daqueles homens esforçados, perante os quais me curvo reverente, que todo o que são o devem aos seus proprios meritos, ao seu amor pelo trabalho e á sua inteligencia.

De origem humilde, soube engrandecer-se, soube elevar-se; é hoje, rico e poderoso, é a modestia personificada, e aponta aos seus, com santo orgulho, a casinha modesta, onde nasceu e onde viveram seus pais!

Membro categorisadissimo da colonia portuguesa no Rio de Janeiro, cidade onde possue um importante estabelecimento fabril, lambem em terras brasileiras

JOSÉ DA SILVA ARAUJO

tem sabido honrar e esalteer o nome portuguez! Chefe de familia exemplarissimo, profundamente dedicado aos seus, amando com ternura os seus encantadores netinhos, bem merece pelas suas virtudes morais e civicas as homenagens do nosso afecto e da nossa maior veneração.

O povo de S. Miguel das Aves, que tanto tem beneficiado com as suas benemerencias, deve patentear-lhe a sua gratidão, lançando de rosas o seu caminho, e prestar-lhe as mais respeitosas, as mais sinceras e entusiasticas saudações.

João Bento Padilha
(Da Junta de S. Miguel das Aves).

Salvé 25-10-1930

Paroco da freguesia de S. Miguel das Aves, vendo-a progredir tão vertiginosamente, sinto-me orgulhoso de aqui ter nascido e viver. Associo-me de todo o coração ás suas alegrias de hoje, e peço a Deus nos conserve a todos a vida para umas alegrias proximas bem maiores.

Apresento as melhores e mais sinceras homenagens ao grande benemerito, filho desta freguesia, o sr. José da Silva Araujo, e de Deus imploro Suas melhores bençãos para sua ex.ª

Todos sabem e eu melhor que ninguem quanto a freguesia deve a sua ex.ª, e o seu nome ficará eternamente gravado com letras de ouro no coração de cada um dos habitantes desta freguesia privilegiada.

Um povo que sabe o que quer e tantas provas tem dado de abnegação, não se poupando aos maiores sacrificios, ha de conseguir sempre ver realizados todos os seus projectos, por mais arrojados que sejam.

Que o nosso lema continue: *um por todos, e todos por um.*

Aves, 22-10-1930.

O Paroco,
Alvaro F. S. Guimarães.

Em honra das minhas Aves

Nunca em nenhum momento da minha vida tanto desejei possuir uma pena de ouro como hoje.

Tal anelo, nesta hora, abrasa a minha alma intera. Quem me dera ter para honrar S. Miguel de Entre Ambas as Aves e este jornal amicissimo na consagração que com esta pagina lhe prendo, num requinte de amabilidade e gentileza!

Eu tenho á minha freguesia um amor sem limites. Se no mundo se acabasse a tinta, eu não hesitaria um só momento em dar o sangue das minhas arterias para se escrever a seu favor. Verto-lo-hia até com prazer.

Nutro por ela uma paixão ardentissima e amo-a com todo o coração. Vê-a resplandecer como o astro mais rutilante nesta a minha suprema ventura.

Se em meu poder estivessem os destinos do Universo, sentá-la-ia numa alcatifa urdida das mais belas flores e tramada dos mais finos rubi; adereçá-la-ia de mil fios de corais e perolas; cobri-la-ia a figura esbelta e graciosa com um manto de esmeraldas e safiras; coroa-la-ia das estrelas mais brilhantes; embalsama-la-ia de nardo e incenso; colocar-lhe-ia na destra formosa cetro do mundo e levaria toda a humanidade a beijar-lhe os pés!

Quem me dera ao menos, já que não sou senhor do orbe, saber desfilhar uma lira afinada pelos anjos para lhe entoar cantos todos e hinos festivos!...

Como porem as Musas me não rogram a fronte com as suas azas divinais, eu bem feliz me julgaria se, ao menos, pudesse celebrar as suas graças e minos sem conta em linguagem harmoniosa e cantante como a das suas fontes e dos seus incomparaveis rios que teem a ventura de a cingir!...

Mas como no mundo não passo dum grão de areia desprezivel, e não tenho um plectro inspirado, nem sei afinar com arte perfeitos cadenciados, bem tenho de me contentar, em ocasião tão solene, com os desejos de tudo isso e de me sentir do calamo fusco de todas as semanas, para, mais uma vez, celebrar os raros e publicos encantos da minha terra, as suas riquezas e valores.

Ao certo, não se sabe quando a freguesia de S. Miguel das Aves começou a ter vida propria e independente.

O pêso dos seculos parece ter delido a data do seu nascimento. O que muito bem se sabe é que é antiquissima e que foi primaz entre as primazes destes arredores desde os seus principios. Sobre isto é que não ha duvidas.

Tanto no administrativo como no eclesiastico foi sempre a mais categorisada, e, apesar dos tempos já rodarem sobre ela alraz de muitos seculos, cada vez se apresenta mais remocada, garbosa e engrinalda de joias verdadeiras.

Em 1879, ao separar-se de Paialão para se lançar nos braços de Santo Tirso, já era uma grande e rica gente.

A sua perda chorou-a e ainda a chora hoje aquele concelho que viu destalcado o seu diadema do maior valor e do mais promelidor.

Nem sempre se chamou, como agora, S. Miguel das Aves ou simplesmente Aves. Durante muitos anos, melhor dizendo, durante muitos seculos, denominou-se S. Miguel de Entre Ambas as Aves ou de Entre Ambos os Aves, como os documentos o atestam e os eruditos o sabem. *Inter duas aquas Ave et Aviola* ou *inter duas arragias Ave et Aviola*.

Em razão de se achar colocada entre as duas *ribeiras* chamaram-lhe assim para a distinguir das outras freguesias ou paroquias só banhadas por uma delas, como Riba d'Ave, Santo Tirso de Riba d'Ave e Refojos de Riba d'Ave, Santo Adrião de Vizela, etc.

Por esse maravilhoso Portugal fora la mais freguesas de situação geografica semelhante. Mas não ha nenhuma tão angulo da confluencia de rios mais lindos nem com mais esplendidas condições topograficas.

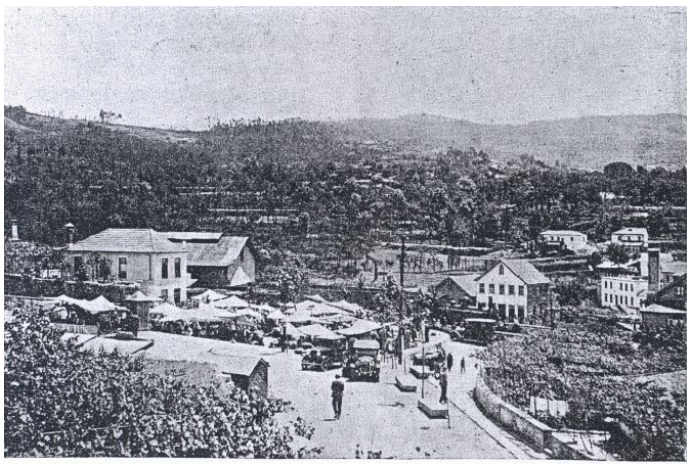
No seu ambito cabia uma grande capital!

O seu territorio é uma planicie sem monotonia, com fontes cristalinas aqui e ali, com vastos campos, na Primavera verdejante e louros no Outono, balisados por fileiras de arvores vigorosas amadas com inteligente carinho por uma população honesta e pacifica, e, de vez em quando, entrecortados por formosos massiços de pinheiros e carvalheiras. É um vergel delicioso. A Natureza recamou-o de belezas com a maxima prodigalidade.

S. Miguel das Aves, com o seu desenvolvimento, absorveu por completo duas freguesas pequeninas mas galhardas, S. Lourenço de Romão e Santo André de Sobrado, de cuja existencia só nos falam as pequeninas igrejas em ruinas solitarias e melancolicas. Todas tres constituem actualmente um magnifico bloco homogenio, que a cordialidade e o perpassar dos seculos tem de tal sorte caldeado, que não será jamais possivel arrancar-lhes dos braços umas das outras.

Este privilegiada terra de Entre Ambas as Aves é habitada por uma grande população. O numero dos seus moradores de-

20. Jornal de Santo Thyrso, Número 26. 23 de Outubro de 1930



21. Registo fotográfico do Mercado Silva Araújo.

Data e autor desconhecidos. Contudo, tendo em conta o desenho do mercado e construções envolventes, corresponderá ao primeiro momento da vida do mercado.

anos depois. Para dar resposta a estas necessidades apontadas por João Bento Padilha, o benemérito José da Silva Araújo (1856-1937) financiou esta e outras obras para a vila. Silva Araújo nasce em Vila das Aves, mas muda-se para o Brasil em criança, onde fez a sua fortuna. É, depois de falecer, condecorado pelo governo com a Comenda da Ordem de Benemerência. No *Jornal de Santo Thyrso*, aquando da inauguração do mercado, a 25 e 26 de Outubro de 1930, é descrita a importância do seu contributo para o desenvolvimento de Vila das Aves:

> "A construção do magnífico mercado, no logar da ponte, a estrada entre o logar de Sto. Honorato e a ponte sobre o rio ave, em Romão, a fonte de Sense; os seus valiosos donativos para as obras da igreja paroquial e a instalação de luz elétrica na freguesia - e tantos outros."[15]

O largo da fábrica é mantido e a construção é feita a uma cota superior, mas assegurando uma grande proximidade com a fábrica e todos os estabelecimentos comerciais que se fixaram em permanência, e que conviveram pacificamente com a feira semanal que se instalou na aldeia de S. Miguel das Aves. Hoje esta continuidade é menos visível pela barreira que a linha de caminho-de-ferro representa. Até Janeiro de 2004 a linha estava praticamente desprotegida e a passagem de nível fundia-se com o espaço público que ligava a ponte sobre o Rio Vizela ao Mercado Silva Araújo. Por questões de segurança, hoje em dia, a linha é completamente vedada e o atravessamento só pode ser feito por ponte ou por túnel. Apesar dos constrangimentos que estes gestos implicam, é compreensível a sua necessidade.

Dada a antiguidade da construção, não há desenhos disponíveis do projeto do mercado. No entanto, a partir de um projeto não executado de 1949, é possível ver a planta do mercado existente sumariamente representado. Tendo consciência que poderá não ser a primeira versão do desenho, é a representação mais aproximada que pode ser considerada.

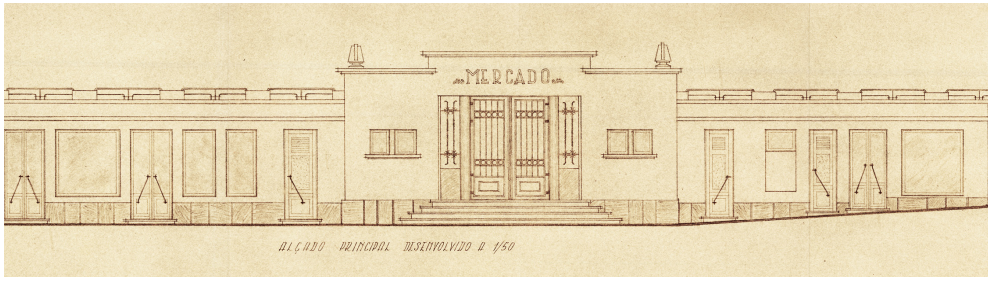
O desenho é irregular e o tratamento das grandes diferenças de cota é feito de forma bastante orgânica. Os vários patamares tentam diminuir o impacto da pendente no espaço do mercado e apenas a zona à cota baixa parece ter um tratamento mais cuidado. A configuração da implantação será praticamente mantida até hoje, vendo-se apenas um recuo do muro a sul, o que oferece mais espaço ao arruamento.

15 PADILHA, João Bento. *José da Silva Araújo : o grande benemérito de S. Miguel das Aves*. in *Jornal de Santo Thyrso*. Santo Tirso. Número 26, Outubro de 1930. p.1



22. Projeto para o Mercado Silva Araújo - Planta de 1949.

Desenho construído com base no registo gráfico em Arquivo na Junta de Freguesia de Vila das Aves. Representada a cor está desenhada a planta do mercado existente sobre o qual é desenhado o projeto.



23. Alçado do projeto de Março de 1949.

II. Março de 1949

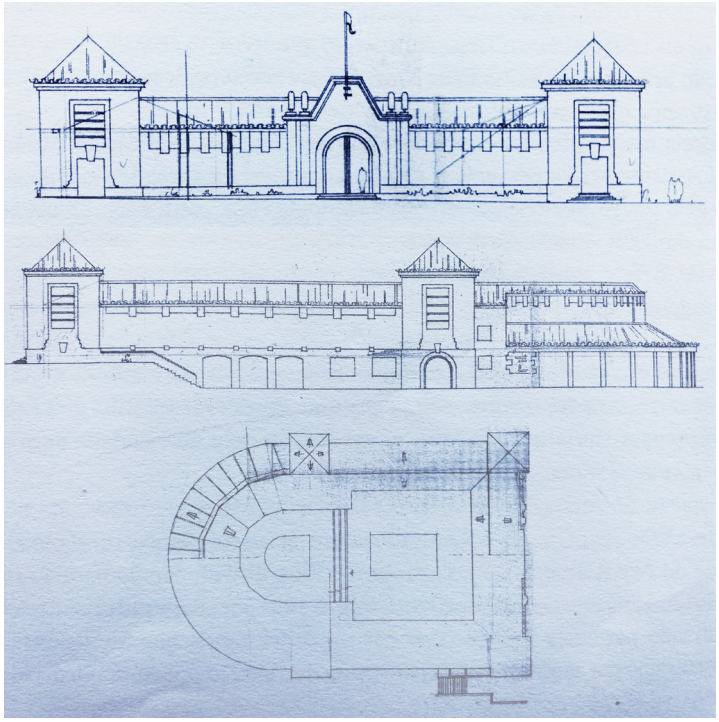
O projeto[16] que surge 19 anos depois do primeiro Mercado Silva Araújo não é construído, mas apresenta uma ideia consistente, cuja construção se dividia em três fases. A primeira passa por tornar de nível todo o terreno, permitindo três pontos de acesso. Os limites do mercado eram definidos por dois volumes - a norte e a sul - preenchidos programaticamente com lojas, armazéns e sanitários. No edifício principal é feita a entrada no mercado e através de um jogo de pendentes e degraus permite aceder à sua cobertura. O volume mais estreito encosta-se ao limite oposto e corrige o grande desnível que se forma com o aterro feito. O miolo é composto por *placas de venda*[17] exteriores paralelas ao volume das traseiras. São também projetados espaços exteriores de venda pelo restante perímetro do espaço. Apesar da consistência da proposta que, ao contrário das intervenções seguintes, apresenta um desenho coeso, negligencia o grande diferencial de cotas que o Mercado apresenta. Desenhar toda a proposta tendo uma única cota de pavimento resulta, necessariamente, numa desconecção da proposta com os seus limites, materializado com muros de suporte interrompidos momentaneamente por escadas.

A imagem do edifício é representativa do Português Suave e da crise de identidade que a arquitetura Portuguesa enfrentou nesta altura. Apesar de tudo, é relevante ter em conta que este projeto foi desenhado por *Rebelo&Dias Lda.*, um escritório de 'projetos e cálculos de engenharia'. No entanto a imagem do edifício reflete o tipo de estética que rapidamente se identifica como um desenho deste período, inclusivamente pelo programa em causa.

Um claro exemplo desta opção é o mercado de Santo Tirso, projetado em 1943 pelo arquiteto Rogério de Azevedo. Estes desenhos são uma ótima base para uma comparação informada que situa cronologicamente o projeto para o Mercado

16 Desenhos originais em Anexos.

17 Terminologia usada na legendagem dos desenhos.



24. Mercado Municipal de Santo Tirso, Rogério de Azevedo, 1943.



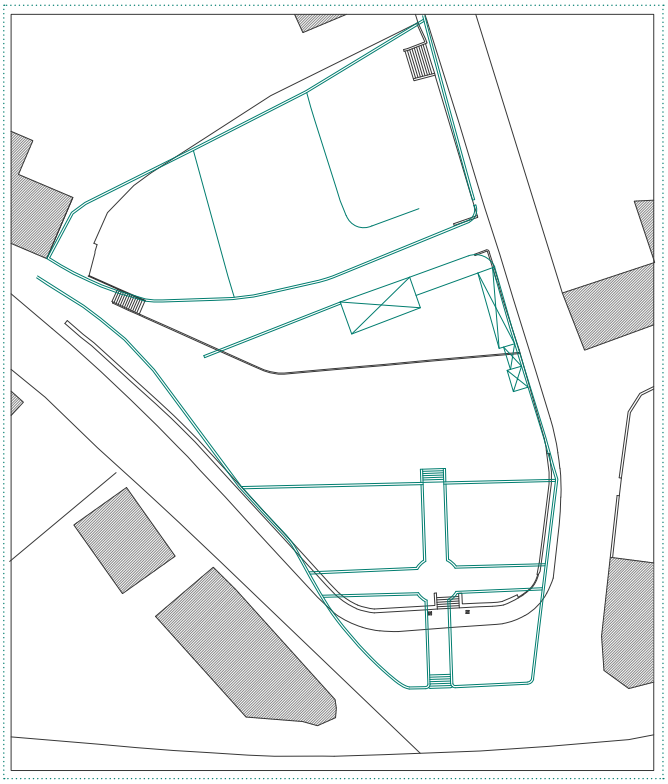
25. Proposta vencedora do Europan13 para a requalificação do Mercado Municipal de Santo Tirso, Laura Alvarez, 2016.

de Vila das Aves. Para além da evidente proximidade temporal, os dois edifícios coabitariam no mesmo concelho. Ao contrário do que sucedeu em Vila das Aves, o projetado de Rogério de Azevedo é construído e é o que se pode ver hoje em Santo Tirso, apesar de ter sido posteriormente intervencionado[18]. Este projeto surge na sequência do "Ante-Plano de Urbanização da Vila de Santo Tirso" que Rogério de Azevedo apresenta em 1944. Apesar de todas as caraterísticas comuns, os dois projetos diferenciam-se pela sua relação com as pré-existências.

O projeto para Vila das Aves mantém maioritariamente a anterior implantação, no sentido em que os seus limites se mantêm, e reformula apenas a organização do espaço. O Mercado de Santo Tirso, por seu turno, cria um novo traçado para se inserir, como explica o arquiteto na memória descritiva do Ante-Plano: "Este novo traçado que tem por limites o futuro edifício dos paços do concelho dum lado e o novo Mercado Municipal do outro é a parte mais onerosa do estudo mas a mais necessária."

O plano urbano que é considerado em Santo Tirso é desenhado mais tarde, em 1947, por Miguel Rezende. No entanto, esta estratégia de Rogério de Azevedo é mantida, bem como o projeto para o Mercado Municipal.

18 Para além da proximidade geográfica e cronológica destes desenhos, o mercado de Santo Tirso tem um papel excecioanalmente relevante já que, enquanto decorre este trabalho de investigação, o Mercado de Santo Tirso é tema para a discussão relativa à sua reabilitação. Decorrente de um concurso público de arquitetura em 2016 (Europan13), surge um projeto da arquiteta espanhola Laura Alvarez e que toca, necessariamente, nos temas levantados por este trabalho. A proposta, muito sumariamente, "prevê uma reabilitação física do mercado municipal mas também da sua zona envolvente – o recinto da feira semanal e os espaços que ligam o mercado ao centro da cidade e ao rio. (...) Com uma visão ampla, o projeto conjuga a vertente comercial do mercado citadino, e a sua função de uso, quer permanente, no interior do edifício, quer temporária, com eventos complementares da feira, na área envolvente." in "Requalificação do Mercado Municipal quer dinamizar o centro da cidade", 2 de Fevereiro de 2016. in Santo Tirso - Câmara Municipal, disponível em <https://www.cm-stirso.pt/conhecer/noticias/noticia/requalificacao-do-mercado-municipal-quer-dinamizar-o-centro-da-cidade.>



26. Mercado Silva Araújo - Planta de 1959.

Desenho construído com base no levantamento do atual mercado e descrição das atas da Junta de Freguesia de Vila das Aves. Representada a cor está desenhada a planta do mercado que precede esta construção.



27. Registo fotográfico da passagem de nível junto ao Mercado Silva Araújo (à esquerda) - meados do séc. XX

III. Abril de 1958

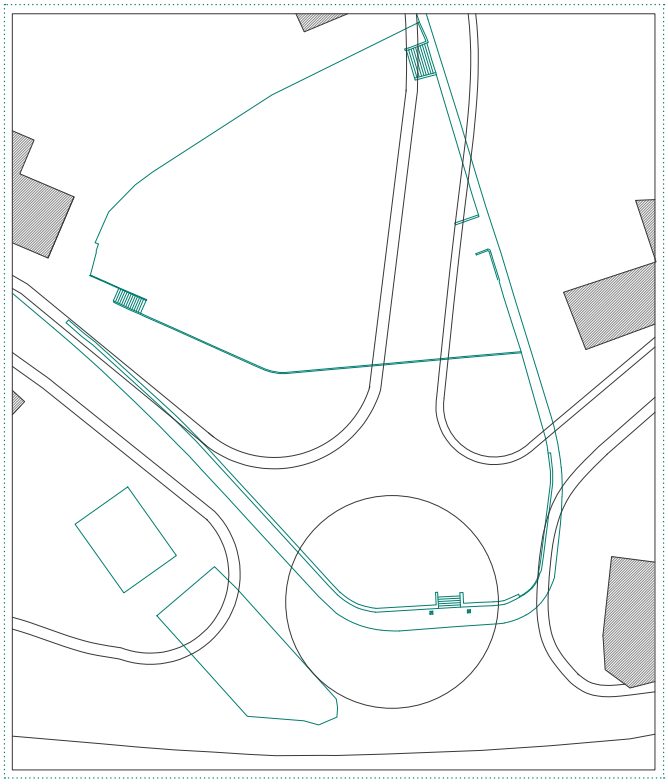
Na ata 589 da Junta de Freguesia de Vila das Aves, de dia 9 de Abril de 1958, ficou decidido "proceder-se ao desaterro de parte do mercado Silva Araújo, para que este fique em dois pisos, por virtude das obras de beneficiação da Rua Silva Araújo, levadas a efeito pela Câmara Municipal deste concelho."[19] Há uma intenção concreta de um desenho que se confirma no que se vê hoje: um espaço que se desenvolve, essencialmente, em dois níveis. Não há, no entanto, nenhum registo gráfico do projeto.

IV. Março de 1959

Surge, mais uma vez, uma referência ao Mercado Silva Araújo na ata 601, de 11 de Março de 1959, referente à construção de "uma placa em betão de cimento para a cobertura das caves destinadas à venda de peixe no Mercado Silva Araújo"[20]. Tal como na ata referida anteriormente, não existe qualquer desenho. No entanto, e tendo em conta o funcionamento do mercado hoje, pode deduzir-se que esta obra se refere ao volume que aproveita a diferença de cota entre os dois níveis para se implantar. Pela diferença de apenas um ano desde a última intenção de intervir neste espaço, pode perceber-se que não existe um gesto claro, mas antes um aglomerado de construções que surgem de acordo com as carências que vão surgindo.

19 *Ata 589 da Junta de Freguesia de Vila das Aves*. 9 de Abril de 1958

20 *Ata 601 da Junta de Freguesia de Vila das Aves*. 11 de Março de 1959



28. Ante-Plano de Urbanização - Planta de 1966.

Desenho construído com base no registo gráfico do Ante-Plano de Urbanização em Arquivo na Junta de Freguesia de Vila das Aves. Representada a cor está desenhada a planta do mercado existente sobre o qual é desenhado o projeto.

V. Maio de 1966

O "Ante-Plano de Urbanização" de 1966 vai também incidir na zona onde se implanta o Mercado Silva Araújo. A proposta do arquiteto Francisco Wenceslau passa por aumentar a área de circulação automóvel, com o desenho de uma rotunda e a criação de um espaço verde no que restava do antigo mercado. O novo mercado estaria noutra zona da vila, a uma cota superior, no que se pode considerar um núcleo mais vivo: a Tojela.[21] Esta proposta acaba, no entanto, por não ser concretizada.

A intenção de alargar aquele que é um espaço estrangulado para que se faça uma circulação automóvel mais fluída não é despropositada. Contudo, há uma grande perda de qualidade do espaço público que se vai gerar. Um ponto de comércio na zona baixa da vila é um bom 'gancho' para ligar a zona da estação ao restante tecido, para que esta perca o caráter periférico que por vezes se sente. O favorecimento da circulação automóvel em deterimento de um espaço público qualificado é outra opção discutível já que não corresponde aos às necessidades que o objeto de estudo manifesta tendo em conta a sua relação com o tecido urbano envolvente.

A relocalização do mercado é um tema abordado mais adiante.[22] No entanto, interessa referir que, dado o contexto sobre o qual se desenvolve o trabalho, caraterizado por alguma dispersão e fragmentação das manchas de ocupação, será claramente benéfico assegurar a permanência dos espaços e investir na sua otimização. Assim, a procura da compactação será um caminho mais sensato na busca da coesão do tecido urbano, mais do que um gesto de expansão.

VI. Maio de 1980

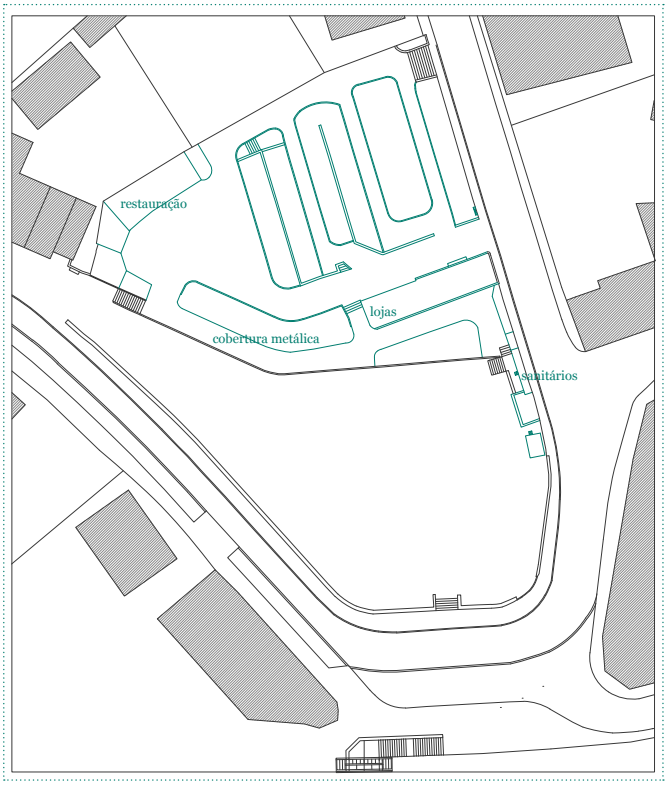
A ideia de relocalizar o mercado continua a ser uma vontade visível, expressa no Estudo Prévio do Plano de Urbanização para Vila das Aves, de 1984. A intenção seria a de construir um novo mercado na zona do 'Bom Nome' e fazer do espaço deixado pelo Mercado Silva Araújo um espaço ajardinado. Esta informação é comprovada por um Folheto informativo de Junho de 1984:

> "O recinto da feira será, no futuro, um espaço ajardinado. Desempenhará a sua função até à construção do Mercado novo, em local já aprovado e integrado no Estudo Prévio do Plano de Urbanização."[23]

21 Curiosamente, o que se vê hoje construído nesse espaço é um supermercado. Do ponto de vista comercial, a proposta mostrava-se, portanto, oportuna.

22 Matéria: Memória, página 75.

23 *Informação Autárquica de Vila das Aves*. Ano II, nº5. Vila das Aves: Junta de Freguesia. Junho de 1984.



29. Mercado Silva Araújo - Planta atual.

Desenho construído com base no levantamento realizado pelo topógrafo Sérgio Barata. Representada a cor estão desenhadas as alterações e adições à construção existente.



30. Registo fotográfico do Mercado Silva Araújo, 1984

VII. Outubro de 1983

Apesar da vontade de abandonar este lugar para fazer a feira, faz-se, em 1983, uma obra que permita que, provisoriamente, ainda seja usado como espaço de feira.[24] Nesta fase é possível ter uma noção mais sólida do que se podia encontrar no Mercado, já que há um registo gráfico[25] que permite perceber a intervenção feita. Esta obra consiste na "beneficiação e repavimentação do recinto do mercado e feira", segundo a descrição do caderno de encargos.

VIII. Junho de 1986

As guardas que hoje protegem os desníveis à cota alta, executadas com tubulares, são fruto de um desenho de Luís Carvalho, o projetista, que deixa um registo desse obra em 15 de Novembro de 1986.

IX. Junho de 2003

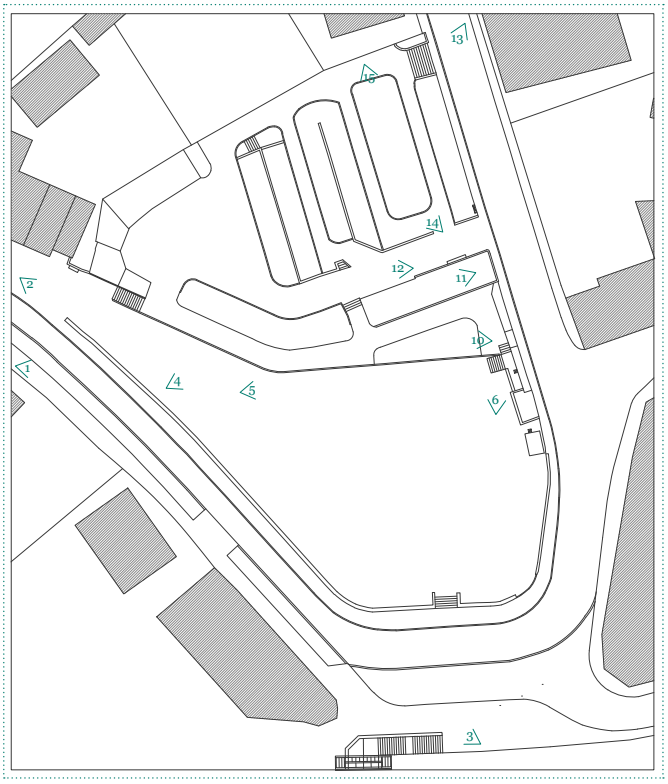
Na acta nº21, de 4 de Junho de 2003 assinala-se a receção de três orçamentos para a construção da cobertura metálica que hoje se vê construída. Há uma outra cobertura metálica num patamar a uma cota mais alta registada em levantamento fotográfico[26], mas da qual não foram encontrados dados que permitam identificar a sua data de construção. Esta foi a última alteração significativa no Mercado até hoje.

24 "O espaço da Feira foi restaurado e reorganizado. Trata-se de uma medida a curto prazo, dado que essa área destina-se, logo que o novo mercado venha a funcionar, a jardim e parque infantil." in *Informação Autárquica de Vila das Aves*. Ano II, nº5. Vila das Aves: Junta de Freguesia. Junho de 1984.

25 Desenho original em Anexos.

26 Imagens 44, 45 e 46, página 53.

Levantamento fotográfico



31. Levantamento Fotográfico

Representação planimétrica dos pontos de vista.

32.



1. Vista da Rua Silva Araújo.

33.



2. Vista da Rua Silva Araújo / Entrada à cota baixa.

34.



3. Vista da Rua Silva Araújo / Atravessamento subterrâneo do caminho-de-ferro.

35.



4. Estabelecimentos comerciais à cota baixa.

36.



5. Estabelecimentos comerciais à cota baixa.

37.



6. Comunicação vertical entre os dois níveis / Sanitários.

38.



7. Espaços comerciais - interior.

39.



8. Espaços comerciais - interior.

40.



9. Espaços comerciais - interior.

41.



10. Espaços comerciais e de apoio à cota alta.

42.



11. Cobertura de espaços encerrados e cobertura metálica 1.

43.



12. Socalcos no nível superior.

44.



13. Vista da Rua D. Nuno Álvares Pereira.

45.



14. Cobertura metálica 2.

46.



15. Cobertura metálica 2.

II MATÉRIA

Programa

- Espaço de uso coletivo
- Definição de usos
- Levantamento sumário de usos
  - Mercado do Carandá, Braga

Memória

- Permanência funcional
- Marcas de intervenção
- Recuperar e demolir
- A intervenção em mercados no contexto contemporâneo
  - Edifício de Habitação na Rua das Flores, Lisboa

Flexibilidade

- Apropriação livre
- Flexibilidade programática
- Economia
- Tempo
  - Theatreplein, Antwerp





47a. Feira de Antiguidades do Museu de Arte de São Paulo.

47b. Feira Viva no Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia.

Apesar do seu programa principal não contemplar um espaço de mercado, o facto de proporcionarem espaços abrigados de uso coletivo permitem a instalação de pequenas estruturas temporárias para a realização de feiras.

PROGRAMA

> "Corpos vários, com sentido protetor, distribuem-se formando páteo. Não apenas um lugar de troca de coisas mas de troca de ideias, um convite para que os homens se reunam."[27]

Espaço de uso coletivo

Antes que qualquer função que lhe seja atribuída, o espaço em análise é principalmente caraterizado por assumir uma natureza coletiva. Tanto pela sua localização, como pela sua área de implantação generosa, tendo em conta a envolvente próxima, o Mercado Silva Araújo tem um protagonismo relevante no tecido urbano e, por isso, tem vantagens e compromissos que deve assumir.

Decorrente do tratamento arquitetónico dado, a qualidade de *praça* é um possível epíteto. A reduzida porção de volume construído e, por consequência, a libertação de solo, tratado com pavimento rígido e arborização contribuem para esta conclusão. A noção de *praça* e de *mercado* sempre se associaram intimamente, no sentido em que, ao longo da história, os negativos urbanos (num jogo de cheios e vazios) com uma significativa importância geográfica serviam como lugar de troca comercial.

Numa intenção de estabelecer exemplos comparativos que se relacionem intimamente com esta ideia de *praça*, os centros cívicos da Idade Clássica, como a *ágora*, podem, em certa medida, assemelhar-se.[28] Pensando já no que a proposta de

27 *Fernando Távora*. (Luiz Trigueiros, ed.). Lisboa:Blau , 1993. p. 58

28 " Essa função social do espaço aberto persistiu nos países latinos: plaza, campo, piazza, grand--place, descendem diretamente do ágora; pois é no espaço aberto,com os seus cafés e restaurantes em volta, que os encontros, conversas, discussões face a face, bem como os encontros fortuitos têm lugar, não formalizados, mesmo que habituais. " in MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, suas origens, transformações e perspectivas* [*The City in history: its origins, its transformations and its prospects*]. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2ª edição - 1982 [1ª edição - 1961]. p. 168

edificado quer ser, interessa decantar do conceito de ágora a estratégia de desenho do espaço público. Uma das qualidades que a identifica é a grande flexibilidade que demonstra. Como falamos de um lugar que reunia valências diversas [47], o que levava à constante mutação do espaço, tanto o espaço desimpedido como o construído permitiam uma grande liberdade de apropriação.[29]

A polivalência é uma caraterística que está, necessariamente, associada à ideia de *praça*, a começar pelo seu caráter coletivo. O princípio nuclear que serve de mote para a construção de um espaço desta natureza é a sua capacidade de servir as necessidades de todos os que o habitam.[30] Esta questão é cada vez mais um desafio das estruturas coletivas, fruto do processo de globalização, em que as diferenças socio-culturais são postas em confronto. O espaço deve encontrar um equilíbrio em que, respondendo às necessidades de habitantes diversos, não permite, mesmo assim, a descaracterização do sítio.[31] A flexibilidade que faz, inevitavelmente, parte dos dados do problema será, no entanto, dissecada num capítulo autónomo[32].

Definição de usos

Partindo destas ideias basilares, e pensando no que o Mercado Silva Araújo é hoje e o que pretende ser, poderá ser pertinente explanar o sentido dos termos aqui usados, como *mercado* ou *feira*.

A clarificação da terminologia a usar pode ser feita acrescentanto o valor temporal. Sendo que só no Sábado, pela manhã, se dá o pico de utilização do espaço, cumprindo a sua função última, o caráter efémero do espaço de troca é evidente. Numa ideia de *mercado*, o caráter permanente do edificado e dos vendedores surge inevitavelmente indexado. Por outro lado, a *feira* já transmite a noção de finitude que melhor representa o caso de estudo. A feira é um acontecimento, não um espaço e é essa abstração que melhor define o seu uso.

29 "É possível encontrar tudo vendido no mesmo lugar em Atenas; figos, testemunhas de convocações, cachos de uvas, nabos, pêras, maçãs, testemunhas, rosas, nêsperas, papas de aveia, favos de mel, grão-de-bico, macacões, beterrabas, pudins, máquinas de colocação, Íris, cordeiros, relógios de água, leis, acusações..." in *The Athenian Agora : a guide to the excavation and museum*. Athens : American School of Classical Studies at Athens, 1976

30 Rem Koolhaas, no seu texto "Generic City", extrema a sua posição relativamente aos novos dados que a crescente globalização lança. A questão do lugar é desvalorizada em deterimento de um desenho que sirva as necessidades de habitantes independentemente da sua posição geográfica.

31 PEREIRA, Paula Cristina. Espaço público: Variações críticas sobre a urbanidade. Porto: Afrontamento, 2012. p.116

32 Matéria: Flexibilidade, página 87.

> "Os dois termos, feira e mercado, confundem-se e imiscuem-se, no passado e no presente. A feira é o dia santificado, palavra que entra na linguagem associada à contagem dos dias da semana. Do latim feriae, é o dia de descanso tornado singular com a significação de 'dia de Mercado' por se realizar em dia de feriado. Já a palavra Mercado deriva do latim Mercatus, sendo 'um lugar público ao ar livre ou em recinto fechado, onde são vendidos sobretudo géneros alimentares. (…) Reunião periódica de comerciantes, numa localidade em que são expostos e vendidos diversos tipos de produto'." [33]

O caso de estudo assume um caráter particular, já que deixa disponível parte do espaço para a instalação de bancas provisórias, prevê espaços exteriores cobertos e ainda integra um conjunto de lojas encerradas. Neste jogo de diferentes elementos, o critério base para a sua organização é o tipo de produto vendido. Apesar da aparente anarquia no desenho - ou inexistência de desenho - do Mercado Silva Araújo, a sua lógica estruturadora apresenta um organograma bastante sensato, já que os produtos mais protegidos são os que, de facto, precisam de mais cuidados, como as frutas e vegetais, carne ou peixe.

Desmontada a lógica do lugar de venda - seja ele permanente ou efémero -, pode considerar-se que este usa dois elementos base para organizar todo o espaço: momentos dinâmicos de circulação e momentos estáticos de exposição e venda. A composição resultante é, normalmente condicionada pela necessidade de otimizar a eficiência deste percurso, daí que ambos os limites sejam definidos por dispositivos de venda. Desta lógica primária pode derivar um desdobramento das valências destes momentos. Há um momento entre os dois que pode ou não estar definido. Entre a deslocação e a compra há, necessariamente, momentos de observação, hesitação ou seleção entre bancas ou produtos que o potencial cliente atravessa. Esta estratégia não se restringe, obviamente, ao mercado. As feiras temporárias , supermercados, centros comerciais e galerias comerciais usam estas premissas para a organização do espaço, mesmo que, neste jogo de cheios e vazios, a matéria construída seja uma bancada, uma prateleira expositiva ou uma loja.

É na relação destes elementos e na forma como estão implantados que reside um dos principais fatores de operatividade do espaço da feira ou do mercado. Assim, o que está a ser vendido em cada célula deve servir como gerador de um critério para a organização desta grelha. A definição e caraterização pode ser feita com elementos

33 MILÃO, Cristina. *O Mercado praça na cidade. A transformação do espaço e lugar de troca no caso da arquitetura portuguesa*. (Tese de Doutoramento em Arquitetura) Porto: FAUP, 2014

físicos permanentes, como coberturas, paredes e equipamentos, como balcões e bancas; como pode recorrer simplesmento a um desenho delimitador no pavimento.

Dispostos ao longo de um percurso, a sua configuração longitudinal induz, necessariamente, uma direção. Os dispositivos temporários dos mercadores são a fachada que carateriza um espaço de circulação usado para aceder, ver e comprar. Esta lógica em tudo se assemelha ao comércio de rua que, apesar da sua perenidade, é a mais tradicional estratégia de venda, em que a loja se abre para a rua através da sua vitrine.

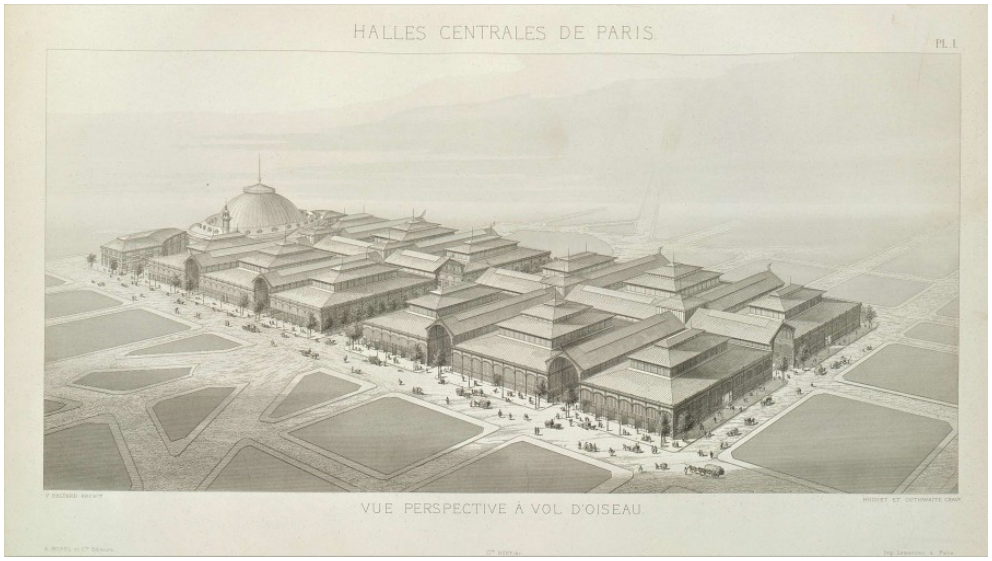
O Mercado Municipal de Braga, do arquiteto Eduardo Souto de Moura, tem como princípio esta ideia de percurso. Pela sua implantação na cidade, o mercado funcionava como "rua coberta", na sua intenção de ligar dois pontos.[34] O resultado é um espaço central de circulação para o qual se voltam as bancadas de venda. Este espaço, numa relação íntima com a filosofia da Stoa, é caraterizado pela sucessão de pilares cilíndricos que suportam a grande cobertura que abriga todo o percurso. Este é um bom exemplo da tipologia de nave única e que poderá interessar na proposta para Vila das Aves, já que , pela sua morfologia, resolveria num só percurso a proteção dos produtos que precisem dela e liberta o restante espaço para uma apropriação mais livre.

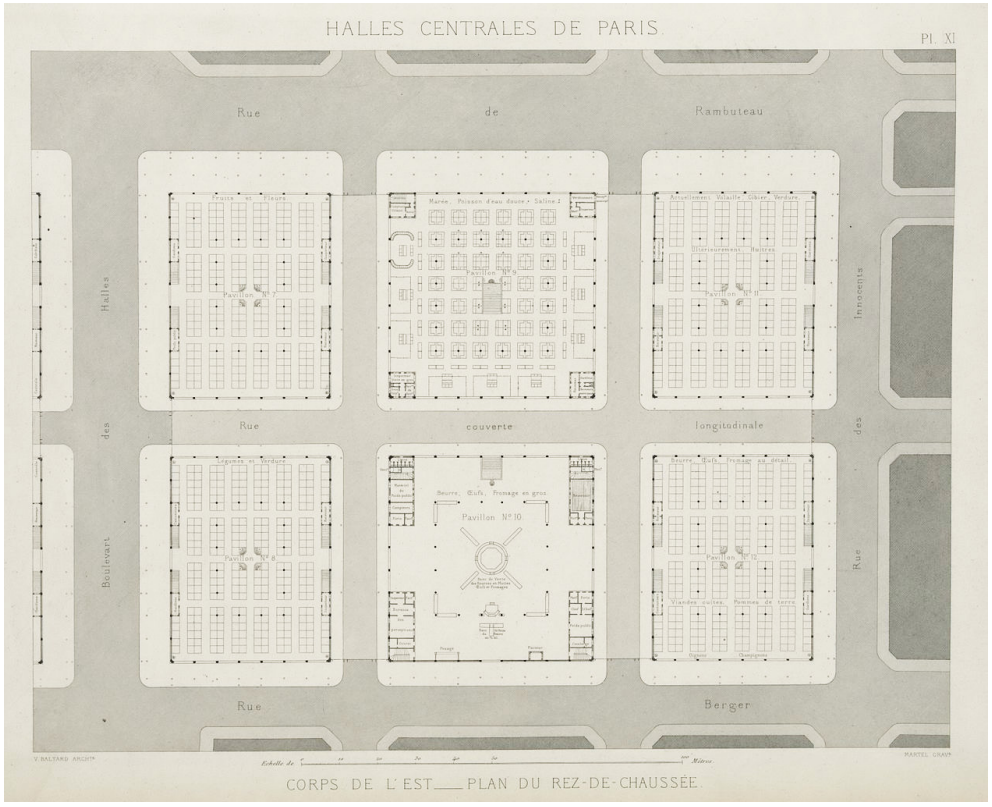
Quando o mercado não assenta na ideia de um único percurso com espaços de venda na margem, a composição com base no binómio referido mantém-se, apesar do desenho resultante se apresentar em grelha. Num projeto de planta bidirecional, os percursos multiplicam-se paralelamente, o que forma, necessariamente, 'quarteirões'. O desenho resultante em tudo se assemelha a um fragmento de tecido urbano em que a malha abre percursos que serpenteiam as bancas de venda. [48]

Os princípios que poderão ser motores da organização do espaço de um mercado em tudo se assemelham a muitos princípios estruturadores do desenho urbano. O ato de percorrer é um primeiro ponto que une as duas realidades. Como é enunciado por Kevin Lynch, "uma cidade é apreendida através do movimento"[35]. Claro que esta é uma ideia que pode ser aplicada transversalmente em, praticamente, todos os objetos construídos. Esta noção, é, aliás, explorada pelo Movimento

34 "O sítio era aquele e só aquele. (...) Era o encontro de dois caminhos, eixos ortogonais do terreno que o ligavam à cidade. (...) O caminho era direito, o mercado pousou lá." in *Eduardo Souto Moura.* (Luiz Trigueiros ed.). Lisboa: Blau, 2000. p.43

35 LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, 1996. p.120





48. Halles centrales de Paris.

Nesta planta é facilmente percetível uma semelhança entre este e o traçado ortogonal de um tecido urbano, em que os quarteirões se materializam sob a forma de bancas de venda.

Moderno, fundamentada pela necessidade de percorrer o edifício para o compreender, rompendo com a ideia estática da observação de forma axial de uma fachada, por exemplo. No entanto, no caso concreto do programa em estudo, o espaço é, necessariamente organizado por percursos, ou mesmo por circuitos que serpenteiam volumes voltados para as vias. A única forma de dar uso ao espaço do mercado é percorrendo-o, com eventuais pausas para observação e interação, naturalmente. No caso da feira, dado o seu caráter efémero, o programa só existe pela ação humana: a materialização do programa é o acontecimento.

É no desenho cuidado de circuitos que se obtêm experiências quase cinematográficas, em que a narrativa que se produz assume um papel ativo na qualidade do espaço. Recuperando a promenade architecturale de Le Corbusier, é com recurso a ferramentas como a luz, a matéria ou a memória que enriquecem a ação de caminhar, para além da ligação entre dois pontos.

Podem identificar-se, no entanto, diferenças nucleares na relação entre desenho de cidade e de mercado, para além das mais diretas - forma, escala, uso etc. Mais uma vez apoiado nas ideias de Lynch, as vias que se rasgam nas cidades têm um propósito de ligação e funcionam na maior parte dos casos como espaços de passagem, mesmo que as suas margem sejam enriquecidas com espaços comerciais. Para o autor, "uma rua é, de facto, algo que se dirige a um ponto." [36]

Num programa deste tipo, o percurso, numa situação ideal, não deveria surgir simplesmente como um conetor de dois pontos. O percurso deve ser, por si mesmo, o ponto-destino. Assim, estratégias de desaceleração serão úteis para que o mercado cumpra o seu propósito e seja, de um ponto de vista mais pragmático, comercialmente viável. No projeto de Eduardo Souto de Moura para o mercado de Braga apresentado anteriormente, esta questão tem um protagonismo acrescido por se assumir como uma peça que liga dos momentos da cidade. Aqui, a escada colocada sensivelmente a meio do trajeto funciona como dispositivo de abrandamento de um fluxo progressivamente mais acelerado, acentuado pela longitudinalidade da construção.

A carateriazação deste desenho deverá, portanto, situar-se entre o percurso imediato e labiríntico. A clareza formal será importante na medida em que contribúi para uma eficaz orientação no uso do espaço. No entanto, deve permitir a descoberta e a surpresa como estímulo à deambulação.

36 LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, 1996. p. 109



49. Stoa de Átalo, Ágora de Atenas [Reconstrução dos anos 50] .

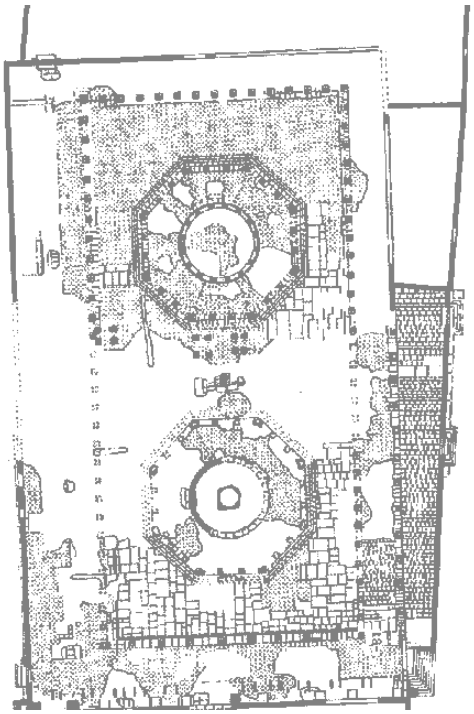
Levantamento sumário de modelos

Numa intenção de concretizar estas ideias abstratas , será oportuno perceber de que forma se aplicaram nos modelos de mercado e feira que, numa determinada época, responderam eficazmente às necessidades. O objetivo será perceber a estratégia basilar dessas construções e transportar esses princípios para uma resposta contemporânea às questões que o Mercado de Vila das Aves levanta. O objetivo não será, portanto, apresentar toda a história dos mercados, mas antes uma tentativa de procurar referências passadas que partilhem condicionantes com o problema presente.

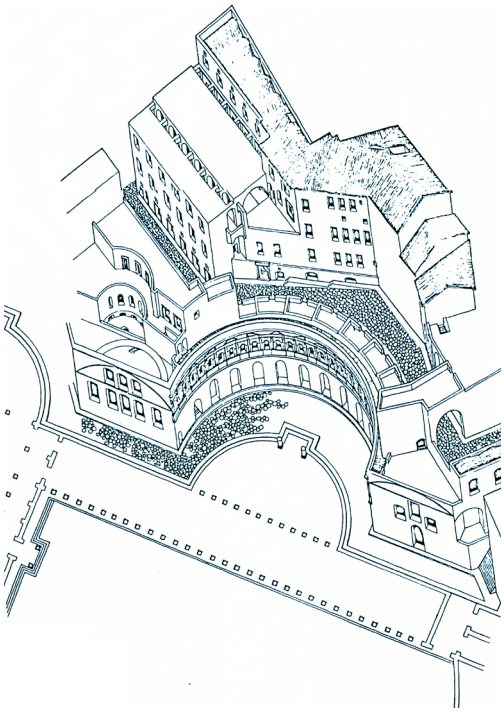
O mercado como espaço de trocas foi, desde sempre, a unidade urbana que garante a vitalidade de qualquer povoamento. Uma cidade é, necessariamente, um lugar de trocas.

A Grécia Antiga é um ponto de partida pertinente já que a troca comercial se faz na *ágora*, o centro cívico da *Polis* e, portanto, assume um importante papel no sistema social e comercial gregos. Tendo presente a forma como é feita a separação do lugar para os Deuses do lugar para os Homens, a *ágora* e, consequentemente, o lugar do mercado, representa o lugar de troca de produtos e de ideias.[37] A exposição de produtos é feita de forma livre e os comerciantes usam o espaço público como mercado. A *Stoa* [49] é a estrutura que vai albergar estas atividades, servindo apenas

37 "... o ágora era, acima de tudo, um um lugar destinado à palavra; e, provavelmente, não existe sequer um mercado urbano em que a troca de notícias e opiniões, pelo menos no passado, não desempenhou um papel quase tão importante quanto a de mercadorias." in MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, suas origens, transformações e perspectivas* [*The City in history: its origins, its transformations and its prospects*]. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2ª edição - 1982 [1ª edição - 1961]. p. 167



50. Macellum de Leptis Magna, Síria.



51. Mercado de Trajano, Roma.

como abrigo. Desta forma de uso espacial pode deduzir-se uma grande liberdade na instalação de espaços de venda, tendo apenas como referência uma estrutura pontual composta por colunas cujo afastamento determina uma métrica. É esta sucessão de afastamentos iguais que marca zonas de circulação e exposição, e que, intuitivamente, levaria o vendedor a limitar o seu espaço expositivo. É potencialmente interessante o princípio de que com um elemento pontual, como é o caso da coluna, se crie uma organização espacial que, pelo seu caráter abstrato, continua a permitir toda a liberdade.

Para os romanos, a lógica de usar o centro cívico como lugar de trocas segue este modelo Grego. O fórum construía-se sobre um traçado complexo, formando um recinto que, apesar de tudo, libertava espaço para usos diversos.[38] No entanto, por volta do séc. IV, decide-se que o fórum não deve ser usado para este fim e afasta-se o mercado do centro da cidade.

38 MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas* [*The City in history: its origins, its transformations and its prospects*]. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2ª edição - 1982 [1ª edição - 1961]. p. 244

Apesar de se convencionar que a ideia de mercado que temos hoje se ter consolidado apenas no séc. XIX, no período Romano clássico experimentam-se construções que albergam este tipo de programa. Esta é uma intenção que se manifesta inicialmente na Grécia, numa fase tardia, também com o propósito de afastar o comércio do lugar político. O mercado de Coríntio é um exemplo dessas construções que se desenham com essa exclusividade programática. [39] Designados de *macellum* ou *macella*, os mercados romanos são, na sua maioria, construções voltadas para o interior, de forma retangular, ou mesmo quadrada, cujo limite é definido por lojas que se abrem para um pátio central através de um porticado, e, por vezes, para a rua. Em certa medida, seria como desenhar uma *Stoa* grega que se dobra na perpendicular até fechar um quadrado. Aqui o espaço perde a sua longitudinalidade e volta-se para um lugar fechado exterior comum e exclusivo da atividade comercial.

Um mercado bem representativo deste método é o de *Leptis Magna* [50]. Para além desta estrutura periférica, o centro do pátio é marcado pelo *tholos*, uma peça geralmente de planta circular ou geometricamente próxima do círculo que também servia como abrigo para mercar. Este exemplo comporta duas *tholoi* na composição, cada uma com 18 metros de diâmetro, elevadas do solo e de planta octogonal.[40]

O mercado de trajano [51], integrado no fórum de trajano, representa uma excecional capacidade de adaptar estas ideias à grande pendente que o lugar apresenta. O resultado é um edifício de planta semicircular de três pisos de lojas e galerias e que vão ligar duas ruas a diferentes cotas.

Com a queda do império romano do ocidente, a subsistência dos aglomerados urbanos fez-se com base na agricultura, essencialmente, mas também com base nas trocas comerciais que as comunicações marítimas proporcionaram. No entanto, as dificuldades eram várias e impediam o desenvolvimento comercial Europeu. As invasões islâmicas, as pilhagens e a dificuldade de algumas cidades do interior em estabelecer ligações mercantis levaram ao enfraquecimento da unidade comercial Europeia.

Apesar disso, com o crescente fluxo comercial oceânico, algumas cidades ganham uma relevância particular neste campo. Bruges, na Bélgica, é o exemplo

39 ALARCÃO, Jorge de. "A arquitectura dos mercados romanos". in *Minia*, nº7. Braga: Ass. Defesa Estudo Divulgação do Património Cultural, 1983. p. 2

40 ALARCÃO, Jorge de. "A arquitectura dos mercados romanos". in *Minia*, nº7. Braga: Ass. Defesa Estudo Divulgação do Património Cultural, 1983. p. 9

de uma cidade excecionalmente bem sucedida comercialmente. Consequência de uma atividade portuária intensa, Bruges é o "ponto de chegada mais importante do comércio oceânico europeu".[41]

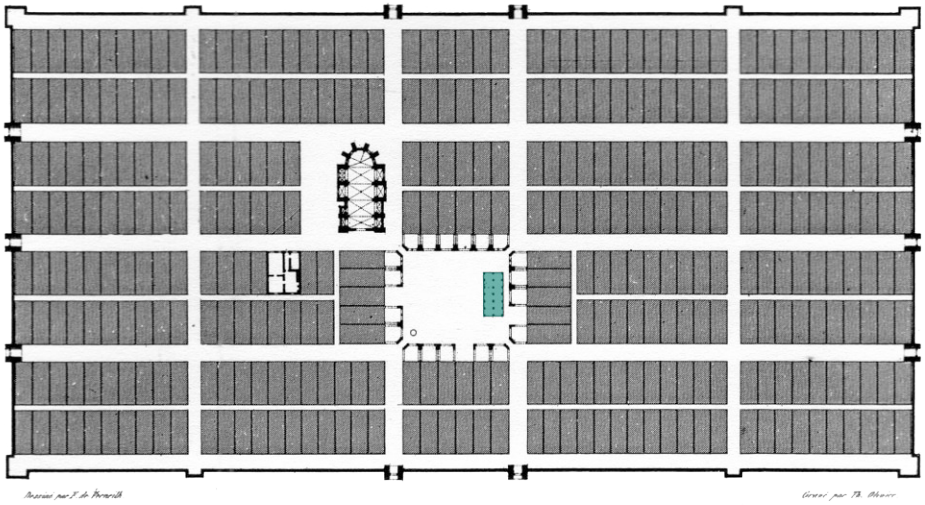
Apesar do seu protagonismo na malha da cidade, o mercado resulta da apropriação livre das praças que se abrem entre o edificado. A construção de um edifício para mercar não é uma estratégia herdada, optando-se pela venda com suportes mais efémeros, limites indefinidos e sempre com sentido provisório. Até a noção de praça assenta mais num alargamento viário do que numa ação intencional de projetar espaço público. A apropriação livre volta a ser a prática adotada e esbatem-se mais uma vez os limites que definem 'mercado' e 'espaço público'.

No período medieval interessará, sobretudo, referir os Halles franceses. Este termo, usado para construções de diferentes tipos, é aqui usado para definir os edifícios medievais de pequenas dimensões que consistiam muito simplesmente em construir um telhado sobre uma estrutura de madeira. Implantados em praças centrais do tecido urbano, contribuíam para a qualificação do espaço de troca em dias de feira. Dado o seu caráter de permanência, apenas tocam o solo nos seus apoios estruturais verticais e a praça é desenhada apenas pelo pavimento. Entre os vários exemplos deste tipo de peça, o mercado de Monpazier é especialmente pertinente para o trabalho em questão.

Monpazier é uma bastide, uma cidade fortificada e planeada de raiz [52-53]. Assim, todo o seu desenho reflete uma grande racionalidade na abertura de ruas, definição de lotes e localização de equipamentos públicos. A cidade é projetada em 1284 e reflete perfeitamente estes princípios.[42] Numa das praças centrais, a cobertura que marca o espaço de mercar é implantada em tensão com uma das fachadas que encerram a praça. Esta proximidade que, mesmo assim, permite uma circulação perimetral em torno da construção, liberta mais espaço público desimpedido e assume-se simplesmente como um espaço de apoio coberto e que lança as premissas para uma apropriação livre da restante praça. Outra das caraterísticas que distingue este tipo de estrutura, e comum entre outras peças semelhantes, é a sua autonomia enquanto cobertura por se assumirem independentes de qualquer edifício. Esta cons-

41 BENEVOLO, Leonardo. *História da cidade* (trad. Silvia Mazza). São Paulo : Perspectiva, 1983. p. 322

42 DELAHAYE, Michael. "Monpazier, France". in *Michael Delahaye - Television Producer & Media Consultant* [consultado em 12/07/2019]. Disponível em: < http://www.michaeldelahaye.com/monpazier.html>



52. Bastide de Monpazier, Dordonha, França.





53. Mercado de Monpazier.

trução não serve de apoio a um edifício maior. Ela é, por si só, o tema de desenho.

Esta estratégia é novamente posta em causa e Filarete, no Renascimento, regista no "Trattato di Architettura" o modelo de mercado[43] a seguir e que recupera ideiais romanos. Este edifício torna-se uma estrutura urbana relevante no tecido das cidades e tem como elemento fundamental o claustro. O edifício não negligencia o seu papel urbano e enriquece espaços públicos exteriores com colunatas, já que faz parte do traçado a existência de praças para as quais se volta.

43 "Esta praça, como se vê, organizo-a assim: em primeiro lugar, um porticado perimetral com colunas, que terá uma largura de dez braços. Ao longo da ala norte é onde ficará o talho (...). Atrás da praça haverá um matadouro, com um canal ao longo deste pórtico que vai arrastar toda a sujidade (...). Ficamos com um quadrado de quarenta, onde faremos quatro ou seis degraus. Neste espaço construiremos uma igreja (...). Sob este pórtico e escadas, quando chover, estarão os que vendem fruta. E nos espaços que estão acima e abaixo da praça estarão, num os que vendem ervas, e no outro as outras coisas, conforme o caso, por exemplo lenha..." in FILARETE, Antonio Averlino. *Tratado de arquitectura* (Pilar Pedraza ed.). Vitoria : Ephialte, 1990. Libro X, p.174



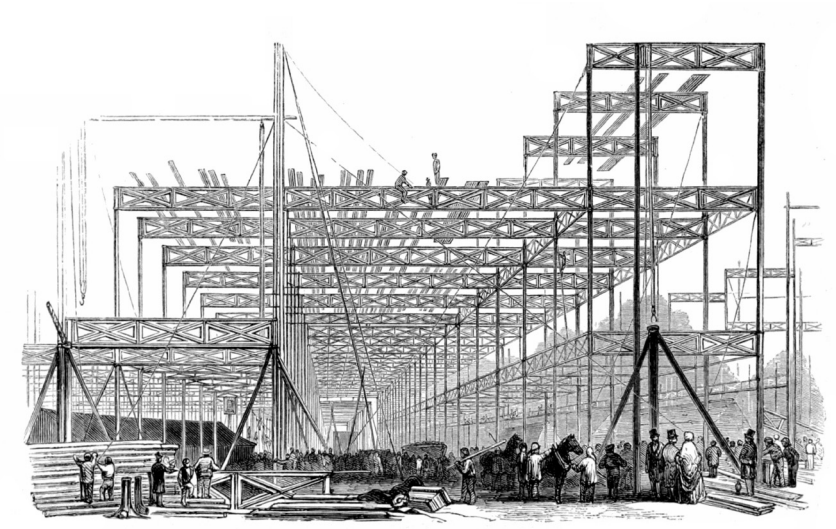
54. Loggia del Mercato Nuovo, Florença.

Outra estrutura deste período que poderá interessar para responder a necessidades do caso de estudo é a *loggia*. Esta é mais uma peça que serviu de abrigo para atividades comerciais, conformando um espaço exterior coberto que permite uma grande liberdade de apropriação. Estavam, muitas vezes, associadas a edifícios, mas há exemplos de *loggias* como peça autónoma, ocupando uma posição relevante no espaço público em que se implantantam.

A *Loggia del Mercato Nuovo* [54-56], em Florença, representa um bom exemplo de desenho de espaço público tendo em conta o contexto em que se insere. É definida uma circulação perimetral respeitando a hierarquia das vias que o alimentam e cria um espaço coberto ligeiramente elevado em relação a esses arruamentos.

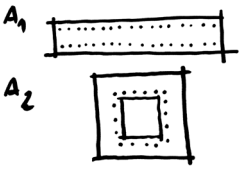
A revolução industrial introduz uma nova forma de pensar este tipo de estrutura, apesar de usar os mesmos temas fundamentais. Com o elevado crescimento demográfico e consequente crescimento das cidades, o mercado tradicional medieval feito nas praças nos centros das cidades deixa de dar resposta. A arquitetura do ferro vai permitir a construção de edifícios de grandes dimensões em ferro e vidro, o que permitirá a execução de grandes naves, com ambientes interiores amplos e bem iluminados. A ventilação é uma preocupação de projeto, feita de forma natural com aberturas na parte superior da construção. A estrutura, pela sua reduzida expressão, sobretudo no contacto com o solo, resulta numa maior liberdade na forma como se desenha o espaço interior.

Este tipo de estrutura coloca o edifício numa posição de alguma ambigidade entre o efémero e o permanente. A rápida execução garantida pelo uso de elementos pré-fabricados permite também a sua desmontagem. É uma ideia que tem um particular interesse neste programa já que se associa inevitavelmente um espaço de feira a uma lógica provisória.

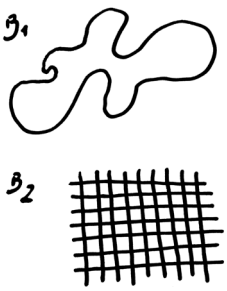


55. Representação da construção do Palácio de Cristal, Londres, 1851.

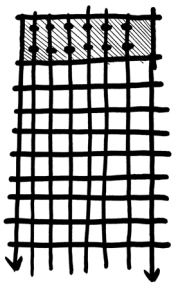
Tendo em conta a recolha sumária de casos ao longo de história que partilham, não só o programa, como alguma circunstância especial que os associe ao caso de estudo, podem estabelecer-se relações que permitam tipificar e, portanto, agrupar formas de abordar a questão central desta parte do trabalho: como desenhar um espaço de mercado? Assim, e pensando planimetricamente numa estratégia de projetar a construção, as opções variam, maioritariamente, entre uma forma mais longitudinal de distribuir as bancas de venda e, consequentemente, os percursos; e uma forma mais centralizada, em que o edifício se encerra mais para o exterior de forma a criar um ambiente interno próprio.



Numa lógica de venda que recorre a estruturas temporárias e em que o espaço público é apropriado em dias de feira e libertado nos restantes dias - uso adotado no Mercado Silva Araújo - , a disposição desses elementos pode ser feita mais livremente e de forma orgânica ou de forma mais racional, pelo desenho de uma rede virtual que organiza o espaço em causa. No atual Mercado a apropriação, apesar de definida por desenhos de pavimento, assenta numa lógica mais espontânea de fixação destas estruturas, em que, de forma intuitiva, se determina a sua instalação de acordo com a circunstância. Uma regra unificadora que responda eficazmente a todas as solicitações seria uma forma de clarificar a apropriação do espaço e otimizá-lo.



Numa tentativa de fazer sobrepor duas lógicas que se completem, já que o programa tenta cumprir diferentes funções, com diferentes lógicas, poderá ser interessante pensar numa peça coberta da qual derive uma grelha que organize o restante espaço público. Dada a vontade de garantir uma grande permeabilidade na construção projetada, um elemento longitudinal que toque o solo em pontos mínimos que assegurem sustentação de um corpo elevado poderá ser uma resposta. A partir desta estrutura pontual gera-se uma métrica que organiza a disposição das bancas de venda e dos percursos, cujo movimento é lançado pela longitudinalidade do corpo coberto. Assim, tal como em Monpazier, a nova construção deve aproximar-se de um dos limites do espaço de intervenção, permitir a circulação em torno desta cobertura, marcar os extremos com pontos de acesso e libertar o restante espaço, cujo desenho de pavimento será a consequência das linhas vindas deste novo corpo.



56. Esquemas síntese.

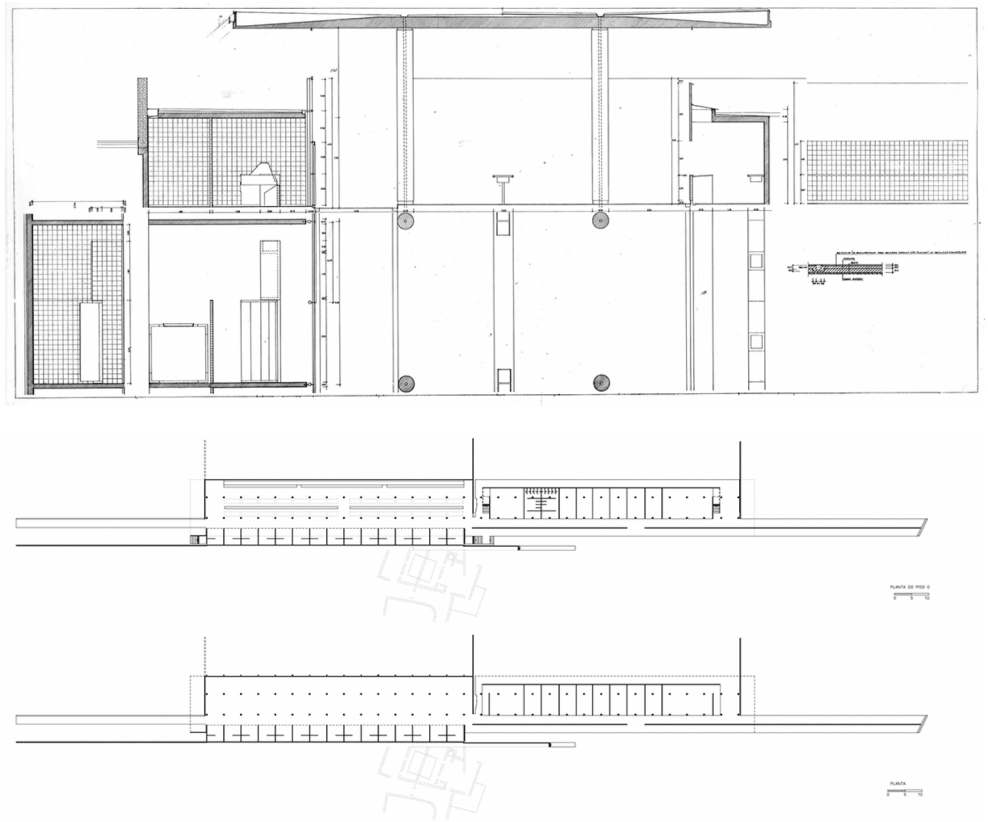
Mercado do Carandá, Braga

Tendo em conta os vários casos apresentados, percebe-se, apesar de uma contante mutação de linguagem e formalização de intenções, a estratégia nuclear que motiva o desenho de um espaço de troca passa muito pelas mesmas premissas. Os mecanismos de acesso, distribuição e organização deste tipo de construção, podendo ser interior ou exterior, coberta ou descoberta, têm a mesma fundação e é o que ainda hoje serve como gerador de construções com materialidade contemporânea sobre um plano já experimentado. Como exemplo que evidencie de forma mais concreta as ideias exploradas, seleciono um projeto contemporâneo que, transportando todas estas ideias herdadas para um edifício que se aproxime mais do contexto cronológico em que a proposta para o Mercado Silva Araújo se insere. Nesse sentido, o Mercado do Carandá, em Braga, do arquiteto Eduardo Souto de Moura, sintetiza ideias que respondem concretamente a desígnios que o projeto em causa persegue.

Com projeto de 1980 e construção de 1984, Eduardo Souto de Moura projeta para uma zona periférica da cidade de Braga um edifício que, para além de responder ao programa de Mercado, tem uma importante função conetora entre dois importantes eixos da cidade. A ideia de rua coberta materializa-se sob a forma de um grande plano horizontal que cobre um espaço definido por uma série de planos verticais. A cobertura é suportada por uma estrutura pontual de pilares cilíndricos que libertam completamente o espaço de pavimento.

É particularmente interessante, neste projeto, o uso do pilar como elemento estrutural pontual em contraponto com a construção de muros que delimitam o mercado. A seleção destes dispositivos é consequência da função que devem cumprir na vivência do edifício e, a partir daí, a coerência de linguagem que o autor assegura, aliás, em toda a sua obra, permite que, com o mesmo princípio, se desenhe todo o mercado.

"Se o propósito do muro era o de indicar espaços para o movimento, o dos



57. Mercado do Carandá, Eduardo Souto de Moura, Braga, 1980.



58. Mercado Cultural do Carandá, Eduardo Souto de Moura, Braga, 2011.

pilares era o de indicar espaços para a paragem..."[44]

O pilar, pela sua posição resolve várias questões com um só gesto. Para além da função evidente de servir de apoio estrutural para a cobertura e da função formal mais subjetiva e abstrata, cumpre um importante papel na organização do grande espaço coberto. A métrica que o divide e define o lugar onde se instalam as bancas de venda é determinada pelo seu afastamento e, na sua relação com os limites laterais, cria momentos de paragem, inevitáveis no ato de troca. São também projetadas lojas, desenhadas com uma compartimentação mais encerrada, no nível inferior, e que coloca em confronto uma linguagem de massas com uma elegante estrutura pontual. O resultado é um diálogo pacífico cuja hibridez reflete uma resposta personalizada para diferentes problemas.

A dada altura é introduzida entre pilares uma escada que corta transversalmente o percurso. A sua formalização faz uso de um muro construído com as pedras deixadas pelos terrenos agrícolas onde o mercado se implanta. Este é um tema que Eduardo Souto de Moura usa com alguma frequência em que o tempo marca uma presença física no corpo da nova intervenção como um material da sua construção.

Esta ideia lança pistas para a próxima parte deste trabalho e este projeto é, em particular, relevante para levantar este tipo de questões já que foi alvo de uma intervenção significativa por parte do próprio autor. Em 2011, dado o estado de degradação, tanto do edifício, como do ambiente do lugar, o antigo Mercado do Carandá é transformado num *Mercado Cultural.* Fruto de uma interessante seleção de elementos a manter e a demolir, O atual edifício integra na sua composição uma série de muros e percursos que evidenciam a forma como o atual projeto tem a construção antecessora como um agente gerador de desenho. Não será oportuno dissecar detalhadamente o novo projeto, mas é evidentemente relevante iniciar a próxima parte do trabalho com a ideia nuclear de que, num projeto que intervém numa construção pré-existente, são igualmente importantes as ações de adição, subtração e permanência.

44 MOREIRA, Bruno. *Forma e estrutura na obra de Eduardo Souto de Moura* (Prova final para licenciatura em arquitetura). Porto: Faup, 2007. p. 103

MEMÓRIA

Um dos temas que, inevitavelmente, surge quando se pensa numa intervenção feita sobre um desenho pré-existente é a posição que o projeto manifesta perante essa realidade. A reflexão deverá passar, portanto, por selecionar o que se deve manter e o que se deve 'apagar'. O objetivo, neste momento do trabalho, é perceber quais os critérios que melhor se ajustam aos desígnios do projeto e propor uma abordagem que oriente a proposta. Por outro lado, e pensando no que o novo desenho quer ser, será oportuno encontrar referências que credibilizem o ângulo escolhido.

É um dado adquirido que o edificado sobre o qual se intervém deve, de alguma forma, ter consequência no modo como o desenho proposto é feito. No caso em análise, a importância passará, antes de qualquer questão material, pela identidade que a sua função gera. Mais do que uma vontade de recuperar aspetos formais do Mercado atual, a decantação da essência deriva, inevitavelmente, num projeto informado pelas memórias, hábitos e experiências que o atual espaço oferece.

Permanência funcional

A decisão de manter o programa no seu lugar é, por si só, uma tomada de posição. O espaço de troca comercial representa um dos pontos de maior permanência nas cidades. As tentativas de mudança deste tipo de estrutura não tem, geralmente o sucesso esperado, o que se pode explicar pela força de hábitos e rotinas de consumo que dificilmente são alteráveis. Um bom exemplo desta realidade é o Mercado Ferreira Borges [62], no Porto que, numa intenção de substituir o espaço de trocas que se fazia na Ribeira, nunca serviu o seu propósito primordial. Apesar da melhoria clara das condições de compra e venda que o novo espaço oferecia, prevaleceu a prática habitual de comprar na Ribeira.[45]

45 TAVARES, Rui. "Mercados Municipais do Porto: unidades urbanas e unidades arquitetónicas." (Conferência) in Seminário permanente do património industrial: 6ª sessão. Porto: Faup, 12 de Novembro de 2018.

Assim, o uma das premissas que estarão na origem de um desenho passará por assegurar a continuidade programática deste espaço, bem como o seu organograma funcional base. A localização dos diferentes produtos será um fator determinante para assegurar a viabilidade comercial do Mercado. Se o critério para a determinação do seu lugar for a memória que os usuários têm dos circuitos que fazem quando querem comprar, estará, à partida, garantida a orientação dentro de um novo ambiente. À semelhança da organização funcional deve juntar-se um conjunto de acessos em pontos reconhecidos, sabendo introduzir momentos surpreendentes.

É reconhecida a importância do hábito como 'gancho' que sustenta as atividades humanas. Este termo poderá designar um fenómeno que representa a consequência da passagem do tempo num conjunto de comportamentos. [63] Nesse sentido, a ideia de repetição está, necessariamente, implícita e só na relação dos comportamentos em continuidade se pode identificar como hábito. A memória está, portanto, conservada numa noção abstrata e que só se materializa com o uso do espaço. Será importante, na procura da proposta, assegurar a permanência desta identidade. Assim, a marca que o hábito imprime no tempo será um agente ativo no ato de projetar um objeto sobre o qual se registou esse fenómeno. Apesar do seu peso, o comportamento repetitivo acarreta o perigo da insipidez da forma como se apropria o espaço. Georges Teyssot aborda o tema com a consciência da força que esta caraterística tem no comportamento humano: "não se vive sem hábitos: por um lado, ganha-se algo e, por outro, perde-se , já que há sempre um risco de dormência na rotina."[46]

A intervenção feita sobre o Mercado será o gerador dessa agitação sobre a qual pousa a memória comportamental que assegura a sua integração. Apesar da vontade de assegurar a permanência de um sistema de pontos e circuitos, será importante introduzir algo de novo que registe a intervenção na história do espaço.

> "Das obras que constroem uma presença especial no seu lugar tenho muitas vezes a impressão que dispõem de uma tensão interior que aponta para lá do lugar em si. Fundamentam o seu espaço concreto enquanto revelam o mundo. (...) Se um projeto se nutre somente do existente e da tradição, se repete apenas o que o lugar lhe oferece, falta-me o debate com o mundo, falta-me a irradiação do contemporâneo."47

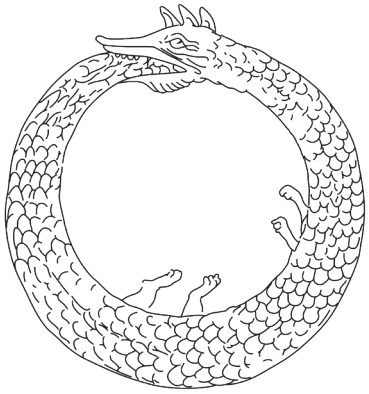
46 TEYSSOT, Georges. *A Topology of everyday constellations*. Cambridge: the MIT press, 2013. p.13

47 Zumthor, Peter. *Pensar a arquitectura*. Barcelona : Gustavo Gil, 2005. p.34



59. Mercado Ferreira Borges, Porto.

Usado poucas vezes como mercado, o programa para o qual foi projetado, O Mercado Ferreira Borges foi usado, por exemplo, como armazém ou cozinha comunitária. Alberga, neste momento, o centro de animação cultural *Hard Club*.



60. Ouroboros

"Um exemplo pertinente é o do vagabundo que percorre um território repetindo incansavelmente a sua rotina. Errante, anda pela cidade preso a uma ideia fixa, um percurso rotineiro (...). Na sua deambulação, o vagabundo constrói cidade; com o seu corpo seleciona territórios e demarca sítios.."

RADIC, Smiljan. Cada tanto aparece un perro que habla. Barcelona: Puente editores, 2018, p.32

Marcas de intervenção

Tendo em conta a evidente importância que a memória de um lugar deve ter num processo de projeto, o desafio de uma intervenção deste tipo será o de fazer coabitar um novo desenho com uma realidade consolidada.

Independentemente da intervenção feita num determinado contexto, essa ação modificará o objeto intervencionado, bem como o lugar onde se insere. O edifício é outra coisa depois de sofrer uma qualquer operação. E, na verdade, é imperativo que assim seja, por muito discreta que seja essa ação. O momento em que um desenho se sobrepõe a um existente e isso tem um reflexo no contexto real, deve fazer parte da história da obra e deve funcionar como um reflexo do período em que foi feito. Há, muitas vezes, a tentação de congelar um objeto construído, sacralizando-o,



61. Diener & Diener Architekten, Museu de História Natural de Berlim, 1995-2010

> "Os segmentos de fachada reconstruídos seguem a modulação da arquitetura original enquanto o betão cinza diferencia claramente estes elementos reconstruídos dos segmentos preservados do edifício original. O tijolo aparente, a alvenaria de pedra e as paredes estruturais existem apenas como uma impressão. O novo edifício não preenche os vazios do monumento original como uma reconstrução, mas antes como uma performance de história. O betão dá notícia do que era a fachada original sem a replicar fielmente. A história é preservada como uma representação do que já foi."

"Renovation and Expansion of the East Wing of the Museum of Natural History, Berlin, 1995–2010". in Diener & Diener Architekten, disponível em: <http://www.dienerdiener.ch/en/project/renovation-and-expansion-of-the-east-wing-of-the-museum-of-natural-history>

o que significa hipotecar o uso do edifício por se lhe atribuir um grande valor identitário. [67]

A transformação dos edifícios será sempre inevitável, em última análise, pela necessidade de adequar a construção às necessidades contemporâneas de habitar. Assim, a intervenção num objeto consolidado deve espelhar o tempo em que essa ação é feita.

Recuperar e demolir

A questão apresentada torna-se mais sensível quando confrontada com uma construção que não revela qualidades suficientes para que se justifique a sua recuperação. A demolição será, à partida, uma ação que, gera mais resistência dos habitantes pela eliminação de uma peça de um tecido por eles reconhecido como pertencente ao seu sistema de referências no ambiente urbano.

Tomemos agora o objeto de estudo como matéria de reflexão. Se forem aplicados os critérios da qualidade de desenho ou construtiva do edificado em causa, a sua relevância é residual. Aliás, a reabilitação do mercado é necessária, precisamente, devido à inutilização do espaço decorrente das fracas opções tomadas aquando da sua construção. O momento em que a materialidade pode suscitar interesse de preservar é a fachada das lojas parcialmente enterradas, na cota baixa. No entanto, o ato de preservar uma peça deste tipo e reconverter toda a envolvente, incluindo os interiores que a fachada encerra, fragiliza a intenção.

Em sequência de raciocínio, o mesmo se pode dizer do seu valor histórico, já que do mercado construído em 1930 nada resta. É discutível a posição que defenda a preservação das peças que formam o atual mercado, prescindindo de um desenho mais eficiente e que responda mais eficazmente aos desígnios dos habitantes da vila.

Assumindo a importância do que o mercado é hoje, a postura perante o problema pode passar por sublimar o que é, de facto importante, para lá da imagem do mercado. Como utilizador do mercado, um fator fundamental para a operatividade do espaço é a orientação. O lugar onde posso comprar um bem específico que procuro não é um aspeto negligenciável e, esse sim, pode servir como critério para gerar um novo desenho. Como ideia abstrata, a implantação das categorias de produtos, os pontos de acesso e os circuitos feitos dentro deste ambiente não representam uma construção formal, mas antes uma primeira tentativa de balizar opções de projeto.

O lugar também se constrói, naturalmente, pela sua envolvente próxima e da qual depende. Esse é um dos mais elementares fatores a ter em conta e cuja

importância é tão evidente que deixa de ser um tema de discussão. Perante esta noção quase dogmática resta referir que na proposta de intervenção será também uma condicionante ativa no processo de desenho. A sua ligação ao restante tecido e, particularmente aos núcleos mais consolidados da vila contribuirão decisivamente para a consolidação desta ideia de pertença. Assim, esta não se tratará de uma reabilitação do edificado, mas antes uma reabilitação urbana tendo como ferramenta o redesenho de um espaço de uso coletivo num ponto interessante do tecido.

A intervenção em mercados no contexto contemporâneo

A viabilidade do programa em questão é, por si só, um tema de reflexão, já que projetar um mercado contemporâneo - o que ocorre, na maioria dos casos, sobre uma pré-existência - é um processo que deve ter em conta as novas formas de consumo.

Tomando como referência grande parte das reabilitações de mercados que se vêm concretizadas hoje, a preocupação de manter a identidade do edifício em questão para lá da imagem não é, muitas das vezes, um dos critérios nucleares. As consequências, passam muitas vezes, pela subversão do programa e pela substituição do ambiente que o caracterizava por uma ideia elitista de consumo. No manifesto "Arquitectos pela reabilitação do Mercado do Bom Sucesso", o primeiro ponto denuncia a expulsão do *comércio popular* e o claro prejuízo que isso significa para a zona da Boavista.[48]

O argumento que defende que é desajustada a alteração pedante do propósito do mercado pode ser transposto para a realidade do caso de estudo, sublinhado pela inviabilidade prática deste tipo de programa no contexto da Vila.

É conhecida a redução da relevância do mercado enquanto estrutura comercial, já que os hábitos de consumo contemporâneos se têm vindo a alterar. O recurso a grandes superfícies comerciais é uma das causas deste afastamento de utilizadores.

Fazer coabitar vários tipos de programa no espaço do mercado é uma das

48 "A cidade do Porto precisa dos seus mercados para viver e se regenerar. A reabilitação de uma cidade faz-se na habitação, no espaço público e através do pequeno comércio de proximidade. A «alma do pequeno comércio popular» faz parte da alma desta cidade do Porto. Uma cidade cosmopolita precisa de mercados vivos. A zona da Boavista está saturada de centros comerciais, edifícios na grande maioria sem qualquer qualidade arquitectónica, estando alguns meio-ocupados, meio-abandonados há muito."

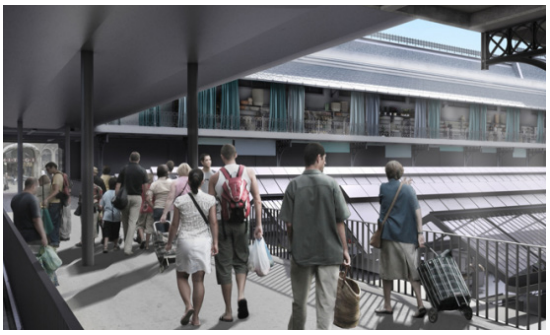
"Manifesto – Arquitectos pela reabilitação do Mercado do Bom Sucesso", 16 de Março de 2016. in *Mercado do Bom Sucesso vivo*, disponível em <https://mercadobomsucesso.wordpress.com/2010/03/16/manifesto-arquitectos-pela-reabilitacao-do-mercado-do-bom-sucesso/>

62. Reabilitação do Mercado do Bolhão, Porto.

"O edifício será dotado de coberturas no piso inferior, acesso direto ao metro e cave técnica com acesso para cargas e descargas a partir da rua Alexandre Braga. O piso superior, com entrada pela rua Fernandes Tomás, vai manter a parte comercial e instalar restauração, transferindo todo o mercado de frescos para o piso inferior."

"20 milhões de euros para reabilitar o Bolhão. Projeto mantém a traça original e mercado de frescos ", 22 de Abril de 2015. in Porto., disponível em <http://www.porto.pt/noticias/20-milhoes-de-euros-para-reabilitar-o-bolhao.-o-projeto-mantem-a-traca-original-e-mercado-de-fresco>





soluções para o problema. No entanto, a adequação dessas escolhas é fundamental para a solidez da estratégia do projeto. Em última análise, o sucesso funcional dos espaços depende claramente da compatibilidade dos diversos programas introduzidos. Apesar de assegurarem a viabilidade comercial do espaço, alguns programas selecionados em exemplos já referidos, em vez de colaborantes, tornam-se parasitas.

A reabilitação do Mercado do Bolhão [68-69], com projeto do arquiteto Nuno Valentim, propõe uma compatibilização de novos programas instalados a diferentes níveis e usando área que o espaço já oferecia. O resultado será um redimensionamento de espaço de troca comercial tradicional e funções novas que funcionem em paralelo, como a restauração.

A realidade é que no caso concreto do caso de estudo, a afluência de clientes todas as manhãs de Sábado é significativa. A natureza passageira deste equipamento pode ser uma das explicações para a manutenção de uma atividade que justifica a sua existência. A sua viabilidade comercial estaria, muito provavelmente, em causa se as bancas de venda funcionassem em permanência. Apesar de tudo, a oferta de produtos frescos parece assegurar uma maior confiança na sua qualidade, o que mo-

tiva a escolha da feira semanal como um importante ponto abastecedor deste tipo de produto.

Para lá destas tentativas de explicar a vitalidade da feira semanal, que se baseiam, naturalmente, em conjeturas, a verdade é que essa utilização ativa justifica uma intervenção arquitetónica. Esta será, idealmente, mais um atrativo, para que o termo *regeneração* se possa aplicar de forma plena.

Dada a efemeridade da feira semanal que dá uso a este espaço, a sua polivalência é uma consequência natural, já que o Mercado Silva Araújo deve ser útil também de Domingo a Sexta-feira. Assim, a proposta terá como princípio basilar a supressão das necessidades que a Feira Semanal comporta. A carência de hibridez do caso de estudo abre espaço a um novo tema. Assim, o programa que melhor se ajustará às necessidades do tecido envolvente será mesmo o de espaço público, animado pelos espaços comerciais de maior permanência que, eventualmente, se criarão. Esta caraterística não é nova para a realidade do Mercado. É, no entanto, benéfico clarificar esta ideia e potenciá-la usando o novo desenho como suporte.

Espaços de restauração e lojas encerradas também farão parte da composição e o desafio será assegurar alguma coerência no desenho de espaços com desígnios diferentes, não comprometendo a sua eficiência. A temporariedade da feira semanal permitirá uma maior flexibilidade de desenho, questão com a qual o arquiteto Nuno Valentim se confrontou durante o processo de reabilitação do mercado do Bolhão.

> "Se fosse um mercado sazonal, de um dia, dois dias, em que montas a tenda e desmontas, nada desta carga regulamentar seria necessária. Um mercado diário tem esta sobrecarga tremenda de normativas. A lei diz que o mercado tem de ser coberto, cintado e encerrado."[49]

49 BAÍA, Pedro. "Nuno Valentim: uma apologia do real na arquitectura", 22 de Abril de 2018. in *Público*, disponível em <https://www.publico.pt/2018/04/22/culturaipsilon/entrevista/nuno-valentim-uma-apologia-do-real-na-arquitectura-1810508#gs.0O0fsWOJ>

Edifício de Habitação na Praça das Flores, Lisboa

A título de exemplo, poderá ser útil invocar uma decisão de Eduardo Souto de Moura que, quando surge, está longe da consensualidade. No seu projeto de um edifício de habitação para a praça das Flores [71], em Lisboa, é prevista a demolição de um edifício bastante degradado [70] e a construção de uma peça em metal e vidro que, apesar de tudo, respeita a escala do contexto envolvente, provavelmente até melhor do que o seu antecessor. A verdade é que a demolição foi travada por uma série de entidades que são da opinião de que "se não se fizer nada, há o risco de Lisboa se ir convertendo a pouco e pouco numa coisa sem identidade"[50], como diz Hugo O'Neill, presidente da Associação Portuguesa de Casas Antigas.

Em memória descritiva, o arquiteto defende que o edifício existente se encontrava "em elevado estado de degradação" e "é dissonante da envolvente, não tendo qualquer tipo de classificação oficial e não representando nenhum testemunho importante da história da Arquitectura Portuguesa". O seu desenho, por outro lado, propõe "uma linguagem arquitectónica actual, fazendo a ligação com a escala dos edifícios vizinhos, através da diferenciação entre os dois volumes propostos, com diferente largura, altura e profundidade dos vãos"[51].

Eduardo Souto de Moura tem, ao longo do seu trabalho, estabelecido uma posição particular relativamente à intervenção em construções preexistentes, nomeadamente em património, condenando a sua *sacralização*. Neste projeto essa ideia vai mais além, mantendo como princípio uma certa racionalidade no ato de avaliar a pertinência dos edifícios existentes quanto ao uso que se quer dar, ao contexto con-

50 PINCHA, João Pedro. "Lisboa: providência cautelar trava demolição na Praça das Flores", 17 de Março de 2017. in *Público*, disponível em <https://www.publico.pt/2017/03/17/local/noticia/providencia-cautelar-trava-demolicao-na-praca-das-flores-1765419#gs.zvucdUWR>

51 CEREJO, José António. "Praça das Flores, uma jóia de Lisboa, vai mudar de figura", 21 de Fevereiro de 2016. in *Público*, disponível em <https://www.publico.pt/2016/02/21/local/noticia/praca-das-flores-uma-joia-de-lisboa-vai-mudar-de-figura-1723893#gs.RWJBvGgh>



63. Praça das Flores, Lisboa [edifícios demolidos].



64. Praça das Flores, Lisboa [edifícios demolidos].



65. Eduardo Souto de Moura, Edifício de Habitação na Praça das Flores, Lisboa, em construção. [Alçado para a Praça das Flores]

temporâneo em que se inserem e à relevância como património, naturalmente.

Outro ponto que esta proposta põe em causa é o aproveitamento da fachada e, portanto, a permanência de uma imagem como peça independente do edifício proposto. Dada a degradação da construção[52], este gesto é uma enevitabilidade que, alás, é transversal a grande parte das intervenções nos edifícios dos centros históricos. A questão é complexa e, portanto, a análise deve ser feita tendo em conta o contexto e as caraterísticas de cada caso. A vontade de preservar a memória de um edifício não deverá ser o único critério que orienta este tipo de intervenções e, além disso, preservar a sua imagem não será, necessariamente, a melhor forma de o fazer.[53]

> "Demolir algo, ou subtrair algo do ambiente construído, poderia até ser visto como uma ferramenta, uma intervenção produtiva em si. O design de Cedric Price para um Pulmão para Manhattan, em vez de outro conjunto de arranha-céus, é um bom exemplo. Da mesma forma, George Ferguson, da RIBA, propôs listar os edifícios ('Grade X') que deveriam ser demolidos para melhorar a qualidade geral do ambiente construído."[54]

Não querendo partir de uma ideia tão extremada, será, contudo, relevante sublinhar a importância de não adotar uma regra universal que dite forma correta de intervir sobre uma construção existente. "Cada caso é um caso, mas para actuar em cada caso precisamos de um saber universal".[55]

52 Problema que também se verifica no Mercado Silva Araújo.

53 "A uma cidade com futuro não basta parecer autêntica, tem também de o ser." ALMEIDA, Nuno. "Fachadismo: A morte da autenticidade de Lisboa.", 14 de Março de 2017 in *Público*, disponível em < https://www.publico.pt/2017/03/14/local/opiniao/fachadismo-a-morte-da-autenticidade-de-lisboa-1765043>

54 BOER, René. "Buildings must die", 16 de Julho de 2014. in *EA - Failed Architecture*, disponível em < https://failedarchitecture.com/buildings-must-die/>

55 BAÍA, Pedro. "Nuno Valentim: uma apologia do real na arquitectura", 22 de Abril de 2018. in *Público*, disponível em <https://www.publico.pt/2018/04/22/culturaipsilon/entrevista/nuno-valentim-uma-apologia-do-real-na-arquitectura-1810508#gs.0O0fsWOJ>

FLEXIBILIDADE

... dar resposta ao vazio sem o preencher.[56]

A necessidade de flexibilidade programática é um tópico que também deverá ter uma presença visível na proposta a apresentar para Vila das Aves. Dada a efemeridade do programa de feira, a adaptabilidade deste espaço é um tema inevitável. Nesse sentido, será oportuno perceber o que implicam estas ideias abstratas e de que modo se podem aplicar no caso de estudo.

Apropriação livre

Lars Lerup explora o tema de um ângulo que poderá interessar para levantar a questão. Em *Building the Unfinished*, o autor usa Cartagena, na Colômbia, como modelo para por em causa as condicionantes que o desenho impõe à apropriação. Aqui, a ordem e disciplina do desenho condicionarão necessariamente comportamentos. O benefício que este princípio traz são evidentes. A clareza do desenho levará a uma fácil apreensão da morfologia urbana, e, consequntemente, um eficaz contributo à orientação. O que se pretende questionar aqui é o que se sacrifica para que isto seja possível. Dada a condição do objeto de estudo, talvez se perca a ideia de liberdade que o carateriza. Apesar do autor elogiar o poder estético da repetição, a exagerada rigidez da grelha não permite a expressão individual dos seus habitantes - "Depois de se ver uma série de 'casas modelo', viu-se a cidade toda."[57] Hoje, talvez seja verdade que o Mercado Silva Araújo se componha de peças excessivamente distintas, consequência de uma sobreposição de valências, para além do já referido faseamento construtivo. A solução deverá passar pelo equilíbrio entre todos os dados

56 *Architecture Competitions and the Production of Culture, Quality and Knowledge: an International Inquiry* (Jean--Pierre Chupin, Carmela Cucuzzella e Bechara Helal ed.). Montreal: Potential Architecture Books, 2015. p. 51

57 LERUP, Lars. *Building the unfinished : architecture and human action*. London : SAGE Publications, 1977. p.100



66. Junya Ishigami + Associates, Kanagawa Institute of Technology, Tokyo, 2008.

> "...a definição que damos à arquitetura não é rígida. Hoje a função dos edifícios pode facilmente mudar e é ditada por relações relativas, ao passo que na era funcionalista, há cem anos, a função era um determinante importante. Acredito que devemos desenhar sem nenhum guia definitivo. (...) O meu dever atual é criar edifícios que cumpram diferentes necessidades, em vez de existir apanas para um propósito. Penso que isto previne o desaparecimento da arquitetura. Por outras palavras, edifícios que cumprem uma só função poderão existir, mas não por muito tempo."

ISHIGAMI, Junya (entrevista). in LANDO, Stephan e MONTRESOR, Mariana. Defining Criteria. Luzern: Quart Publishers, 2018, p. 98

do problema.

Percebe-se então que a ideia de liberdade deverá estar intimamente associada a um processo que é, inevitavelmente, um gesto que condiciona comportamentos, sobretudo quando confrontados com um espaço de uso coletivo, como é o cado do Mercado. No caso de estudo, essa liberdade expressar-se-á na forma como cada espaço de venda acrescenta algo ao conjunto. Será, portanto, interessante que se garanta essa autonomia e "autodeterminação" na instalação destas estruturas. Este será, idealmente, mais um fator que contribuirá para a identificação e sentimento de pertença, já que a construção só fica completa com o que é deixado pela apropriação da construção.

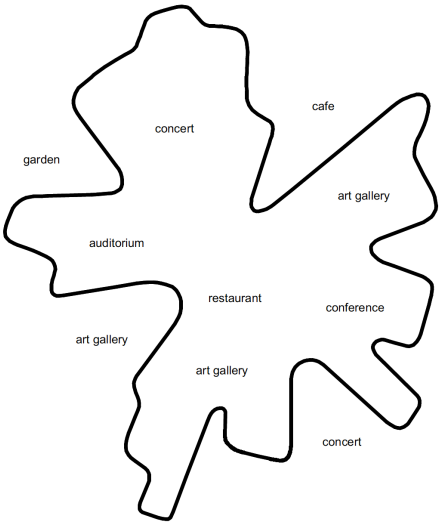
Flexibilidade programática

A reflexão inicia-se pela ideia base que constitui a noção de espaço público e que passa pela sua importância coletiva. A flexibilidade desse espaço é uma caraterística que tem, invariavelmente, que estar presente, já que como objetivo dar resposta a uma série de carências diferentes de inúmeros tipos diferentes de utilizador. A solução para esta necessidade está, justamente, na sua permeabilidade. No desenho do espaço a intervir, para além da democratização de usuários, o projeto exigirá a democratização dos usos.

Para além da convivência de liberdades distintas, a convivência de programas diversos é uma caraterística que já faz parte da identidade do espaço que vemos hoje. Já foi introduzida esta ideia de fazer coabitar diferentes funções como forma de assegurar a sua viabilidade como edifício. Apesar do perigo evidente de se construir uma realidade em que se compromete o funcionamento de umas valências pela presença de outras, a verdade é que, pensada da forma certa, estes programas podem ser complementares. Esta hibridez que os edifícios podem ter é enunciada, por exemplo, por Sou Fujimoto, que defende que o raciocínio não deve seguir a ideia funcionalista que o edifício determina a função, mas antes um espaço que, depois de desenhado, propicia uma série de usos que o preenchem.[58]

No contexto real, e em particular, no caso em estudo, a abordagem não deverá fazer o projeto ser unicamente consciência da sua função. No entanto, esta intervenção partirá da vontade de desenhar espaço de uso coletivo em paralelo com o desenho de um espaço de trocas comerciais, o que permitirá eventos de natureza pública e com os mais diversos pressupostos. Assim, o projeto deverá dar resposta a programas que ainda não existem. Manter a intervenção elementar e propor um

58 FUJIMOTO, Sou. *Primitive Future*. Tokyo: LIXIL Publishing, 2008. p. 24



67. Sou Fujimoto, Annaka Art Forum, 2003

objeto que responda de forma menos personalizada a questões particulares poderá ser uma resposta.

> "Como numa praça em que várias pessoas podem participar em vários eventos e, mesmo assim, partilhar o mesmo espaço. Um lugar onde entidades diversas podem coexistir e estimular-se interdependentemente."[59]

Esta distância entre o uso e a forma tinha já sido enunciada por Rossi em *A Arquitetura da Cidade*, em que o autor, referindo-se a artefactos urbanos, constata o seu papel nas cidades: "Fica-se surpreendido com a multiplicidade de funções que um edifício deste tipo pode conter ao longo do tempo e como essas funções são inteiramente independentes da forma. Ao mesmo tempo, é precisamente a forma que nos impressiona; vivemo-la e experienciámo-la e, em troca, ela estrutura a cidade."[60] Na realidade, a arquitetura tem vindo a assumir uma linguagem que expressa muito pouco o uso que lhe é dado. A abstração é adotada nos projetos, que se distanciam dos arquétipos que assumimos como identificadores de uma função.[61]

Reconhecida a importância da "elasticidade" na procura de um desenho para responder às questões levantadas pelo caso em estudo, será importante perceber de que modo é que essa flexibilidade pode ser proposta. No sentido de clarificar as diferentes abordagens possíveis, poder-se-ão considerar duas formas de intervir: uma que desenha um edifício que se move para se adaptar ou que, construtivamente, facilita a sua transformação ou, por outro lado um desenho que, pela forma cirúrgica

59 FUJIMOTO, Sou. *Primitive Future*. Tokyo: LIXIL Publishing, 2008. p.46

60 ROSSI, Aldo. *Melancolia e arquitectura em Aldo Rossi* (citado por Diogo Seixas Lopes) . Lisboa: Orfeu Negro, 2016. p. 89

61 TSCHUMI, Bernard. *Architecture and Disjunction*. Cambridge, Mass. : The Mit Press, 1996, p. 21

como a construção reduz a sua presença ao essencial e, dessa forma, abre diferentes possibilidades de apropriação. Frei Otto, um arquiteto cujo trabalho é reconhecidamente feito sobre estas ideias de arquitetura adaptável, diz que "cada corpo ocupa um espaço e representa uma resistência à adaptação. Só a casa sem materiais - a casa desmaterializada - pode ser totalmente adaptável."[62]

A resposta a esta ideia poderá ser a redução ao essencial de elementos construídos para que se possa libertar o espaço, nomeadamente o solo, de forma a assegurar uma maior disponibilidade. Um importante fator a ter em conta no processo de projeto será, portanto, encontrar um ponto de equilíbrio que permita esta flexibilidade do espaço público sem o descaracterizar. Essa abertura que a proposta deverá ter é comparada por Rossi com uma mesa.[63] Nesta ideia enunciada em *Autobiografia Científica,* o autor defende que o seu particular interesse não reside no facto de cumprir uma função, mas sim permitir outro tipo de usos pela sua forma e dimensão.

> "A partir daqui, com o tempo, olhei para a arquitectura como o instrumento que permite o desenvolver de uma coisa. Devo dizer que esta consciência me deu, com os anos maior interesse pela minha profissão e, nos últimos projectos, procuro somente erigir construções que, por assim dizer, favoreçam o acontecimento"[64]

Com esta estratégia, o desenho é fechado quando o espaço é habitado e a identidade atribuída dá ao objeto construído o revestimento último. A ação é parte integrante da construção, concretizada nos usos e usuários. É evidente que a obra se deve completar e é fundamental que algo seja acrescentado à estrutura elementar permanente.

Desta forma o edifício vive, mais do que qualquer outro, do uso que lhe é dado e depende dele para que lhe seja atribuído um caráter. Para isso deve ter uma capacidade excecional de provocar acontecimentos. Tendo em conta esta intenção, o trabalho que leva a uma proposta não deve ignorar um estudo do lugar em que se coloca, de modo a perceber as carências infraestruturais que o rodeiam e, dessa forma, convidar ao seu uso.

62 OTTO, Frei. *Arquitectura Adaptable*. Barcelona: Editorial Gustavo Gil, 1979. p. 30

63 ROSSI, Aldo. *Autobiografia Científica*. Lisboa: Edições 70, 2013 (1ª ed. - 1981). p.27

64 ROSSI, Aldo. *Autobiografia Científica*. Lisboa: Edições 70, 2013 (1ª ed. - 1981). p.29

"Desde este ponto comecei a encarar a arquitetura como o instrumento que permite a desdobragem de algo. Devo dizer que ao longo dos anos esta noção aumentou o meu interesse pela minha arte, especialmente nos meus últimos projetos; onde tentei propôr edifícios que, de alguma forma, são veículos para eventos."[65]

Economia

As vantagens de deixar em aberto o uso que a proposta poderá potenciar são evidentes. Para além destas questões teóricas e, de certa forma, subjetivas, a economia de desenho reflete-se diretamente numa economia construtiva. Estruturas efémeras desmontáveis, para além de libertarem espaço para acontecimentos de natureza diferente, retiram o peso excessivamente definitivo que um gesto em arquitetura pode ter. Se é verdade que nem tudo pode ser volátil, já que a identidade também se constrói com o que permanece, nem tudo pode ser definitivo. Aliás, a velocidade de transformação aumenta progressivamente na realidade contemporânea e o desenho arquitetónico deve ser elástico ao ponto de permitir essas mutações.

"Um carro é fabricado para que dure dez anos, e a relação entre uso e custo está totalmente otimizada. Este princípio poderia aplicar-se aos edifícios e, assim, seriam mais leves e versáteis, e até mesmo desmontáveis e recicláveis. É interessante trabalhar sem pensar que se constrói para a eternidade, nem mesmo para os próximos cinquenta anos. Desta forma, a arquitetura perde o deu peso."[66]

A questão orçamental é, inevitavelmente, um critério determinante para a materialização de uma ideia de intervenção e esta consciência de mutação e até finitude, alivia a carga que um grande investimento comporta. Claro que, numa situação ideal, todas estas questões deverão ser consideradas de forma equilibrada, almejando uma proposta que não se suma na sua *insustentável leveza*. A construção deverá sempre responder a um problema, e no caso de estudo passa por responder a programas. Num paralelo com o *teatro*, Peter Brook diz, sobre o espaço vazio: "Uma pessoa atravessa esse espaço vazio enquanto outra observa e nada mais é necessário para que ocorra uma ação teatral. No entanto não é bem a isto que nos referimos

65 ROSSI, Aldo. *Autobiografia Científica*. Lisboa: Edições 70, 2013 (1ª ed. - 1981). p.5

66 LACATON, Anne e VASSAL, Jean-Philippe. *Actitud*. Barcelona: Editorial Gustavo Gil, 2017. p.18



68. Entwurf Ökohäuser Berlin, Frei Otto.

quando falamos de teatro."[67]

Poderá parecer contraditória a ideia de liberdade defendida e a vontade de desenhar circuitos referida anteriormente. Na realidade, a estratégia passará por projetar uma malha estruturadora base sobre a qual se desenvolverá uma apropriação personalizada. Pretende-se organizar, situando espacialmente os acontecimentos, sem os limitar na sua identidade.

Tempo

Esta estratégia de concepção partilha a noção já enunciada, nomeadamente pelo movimento moderno, de que um edifício não se deve assimilar com um olhar. Aqui, mais do que a apreensão com base no movimento, será determinante o fator *tempo*, noção inevitavelmente presente quando se fala em eventos / acontecimentos. A arquitetura transcende o seu papel tradicional que carateriza a disciplina e esbate a linha entre edifício como matéria construída e usuários como matéria viva.

Para concluir, e tendo como base esta ideia de tempo, será pertinente pensar que não só o tempo é determinante para o espectador, como também o é para o edifício no sentido em que se posiciona, necessariamente, num determinado período. " A arquitetura é uma profissão que tem sempre de lidar com um dilema com o tempo. Se por um lado existe um passado - digamos, a história da arquitetura -,

67 BROOK, Peter. *O espaço vazio*. Lisboa : Orfeu Negro, 2016. p.7

por outro temos o futuro porque nós, como arquitetos, devemos propor algo novo. (...) A profissão nunca é estável porque tem que ter consciência destas mudanças."[68] Ter como estratégia o desenho do essencial significa também assumir uma posição defensiva relativamente a esta questão. Se o caráter do edifício e, consequentemente a sua imagem, forem o reflexo do uso que lhe é dado, o posicionamento cronológico do edifício será contemporâneo do acontecimento que o preenche. Assim, a flexibilidade do espaço extender-se-á a uma flexibilidade de tempo, o que significa uma maior longevidade da proposta.

68 FUJIMOTO, Sou. in *Definig criteria* (Stephan Lando, Marina Montresor ed.). Luzern: Quart Archutektur, 2018. p. 96

Theaterplein, Antuérpia

Como projeto-referência que materialize as ideias apontadas anteriormente, foi selecionado o Theaterplein, em Antuérpia, na Bélgica, uma intervenção de 2004-2008 e com projeto do Studio Associato Secchi-Viganò. O critério para a escolha deste projeto em particular passa pela sua versatilidade programática, no sentido em que deixa em aberto o uso que lhe possa ser atribuído para além do seu propósito primário - espaço público. Assim, e tendo em conta este princípio isoladamente, diversos projetos responderiam à questão. A verdade é que a escolha desta intervenção neste momento do trabalho dá notícia de uma linguagem que se quer seguir, sugerindo já princípios formais que se vão adotar mais tarde, na materialização de uma proposta concreta.

O projeto surge como resposta a um concurso lançado pela cidade de Antuérpia e as diretrizes do concurso apontavam precisamente para um programa aberto. O propósito consistia, fundamentalmente, em desenhar uma praça para a qual se abre o teatro da cidade. Dada a posição excecional deste ponto na malha urbana, era expectável que a proposta fosse recetiva a vários tipos de programas que ali se poderiam estabelecer. [69]

Assim, uma proposta para este lugar flutua entre desenho urbano e o desenho de uma peça arquitetónica. Apesar da noção clara e consolidada de que um edifício tem uma papel urbano na sua implantação num tecido urbano e é, ao mesmo tempo fruto de um contexto e, portanto, desenha e é desenhado por essa malha que o envolve; a verdade é que esta intervenção tem um impacto excecionalmente

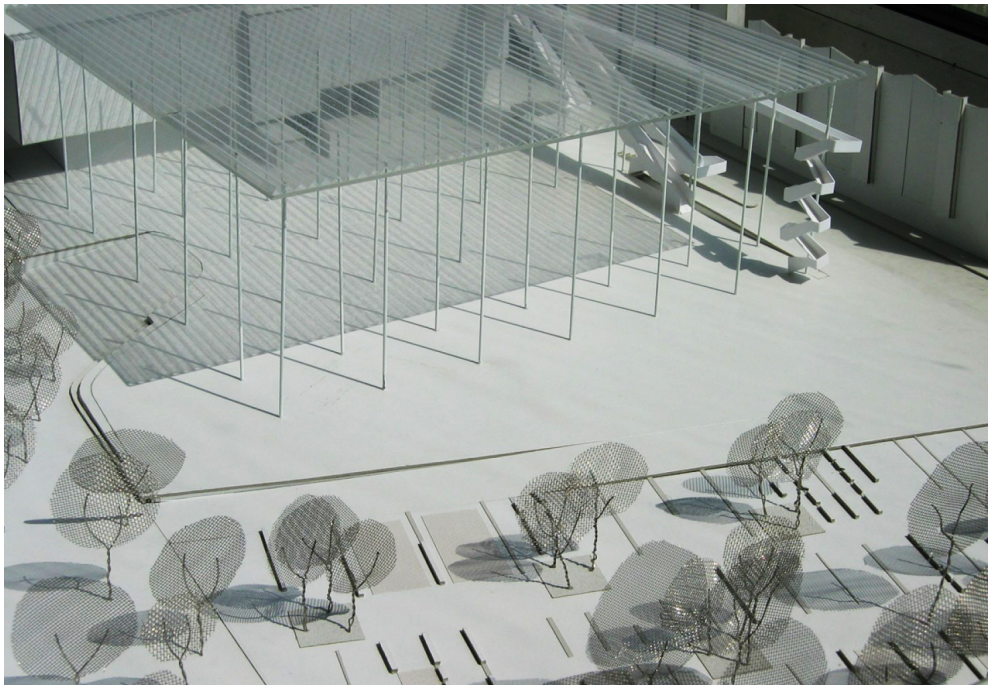
69 "A 'Praça do Teatro' está em muito mau estado e é considerada de má qualidade. O espaço livre é demasiado amplo e sem limites percetíveis. É apenas usada no fim-de-semana como mercado. (...) A localização estratégica é uma oportunidade única para fazer desta área uma praça com diferentes usos em diferentes momentos." in *Architecture Competitions and the Production of Culture, Quality an Knowledge: an International Inquiry* (Jean-Pierre Chupin, Carmela Cucuzzella e Bechara Helal ed.). Montreal: Potential Architecture Books, 2015. p. 51







69. Studio associato Secchi-Viganò, Theatreplein, Antwerp, 2004-2008



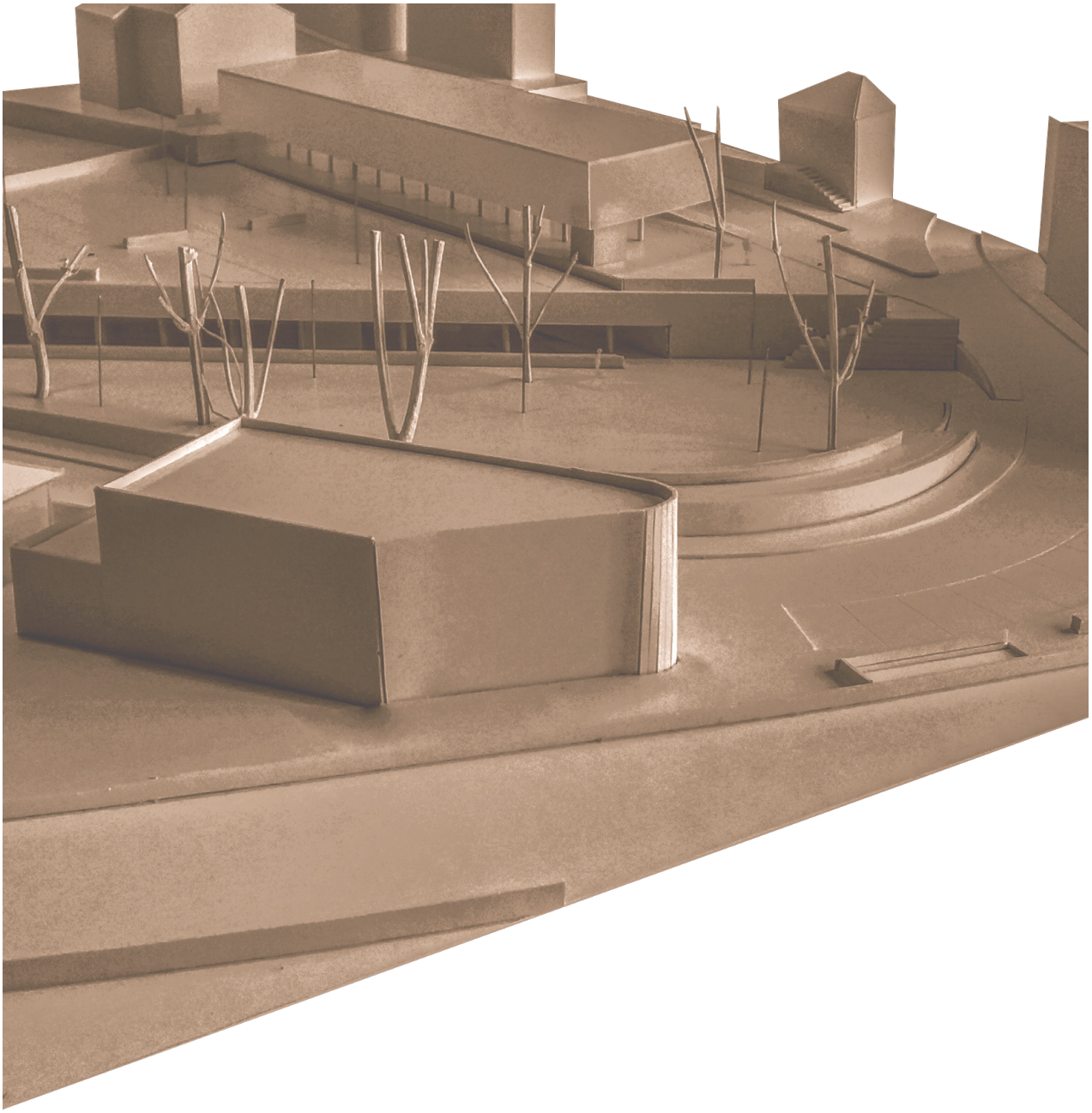
70. Studio associato Secchi-Viganò, Theatreplein, Antwerp, 2004-2008

importante na cidade já que o seu desígnio primordial deve ser o de desenhar espaço público. Esta questão revela, como já foi referido, uma ligação estreita com o caso de estudo.

A proposta dos arquitetos italianos passou simplesmente por tratar o pavimento, nomeadamente a sua estereotomia e zonas de jardim, e construir uma cobertura cuja cota é dada pelo teatro que pretende apoiar. Esta cobertura abriga uma feira semanal cuja disposição segue os eixos estruturais que a posição dos pilares define. No entanto, dado o alto pé direito, são, muitas vezes, necessárias coberturas temporárias sobre as bancas, o que fragiliza a validade deste desenho. A verdade é que a esbelteza da estrutura assegura uma grande permeabilidade, garantida até na cobertura pela transparência da sua "laje". Toda a estrutura é metálica, corroborando a ideia de peça leve e de presença quase imaterial. Desta forma, os arquitetos explicam que a fachada do teatro não precisa de ser redesenhada. Aliás, continua a ser vista apesar deste cubo virtual que é desenhado na sua frente.[70]

Toda a praça se inclina 2% no sentido do teatro, funcionando como uma grande rampa que resolve todas as questões de acessibilidade com um gesto simples que elimina as anteriores barreiras e muros. A premissa de clarificar o desenho com base numa intenção pré-existente é uma caraterística partilhada pela procura de uma proposta para Vila das Aves.

70 DURO, Alex e PÉREZ, Branly. "Theaterplein by Studio Bernardo Secchi & Paola Viganò", 23 de Abril de 2015. in *Metalocus*, disponível em < https://www.metalocus.es/en/news/theaterplein-studio-bernardo-secchi-paola-vigano>



III PROPOSTA

Desenhos

- Planta de Implantação
- Planta de Coberturas, Piso 1 e Piso térreo
- Cortes
- Cortes-tipo e Cortes construtivos

Descrição e Justificação

- Implantação
- Arranjos exteriores
- Cobertura de frescos
- Espaços comerciais encerrados
- Contaminação do tecido urbano

Desenhos

1. Planta de Implantação . Escala 1:1000

2. Planta de Coberturas . Escala 1:200

3. Planta do Piso 1 . Escala 1:200

4. Planta do Piso 0 . Escala 1:200

5. Cortes 1 e 2 . Escala 1:200

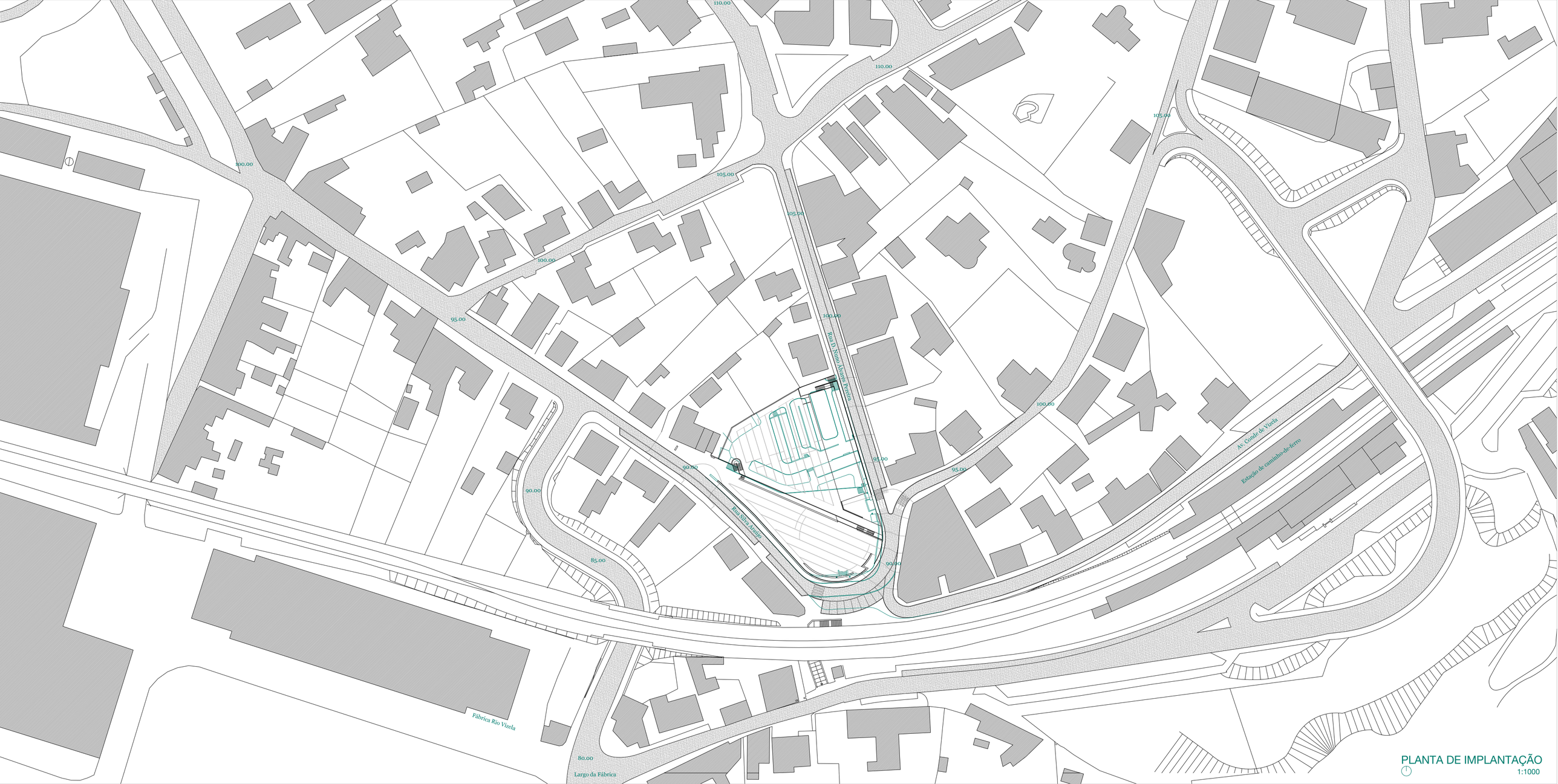
6. Cortes 3 e 4 . Escala 1:200

7. Cortes 5 e 6 . Escala 1:200

8. Corte 7 . Escala 1:200

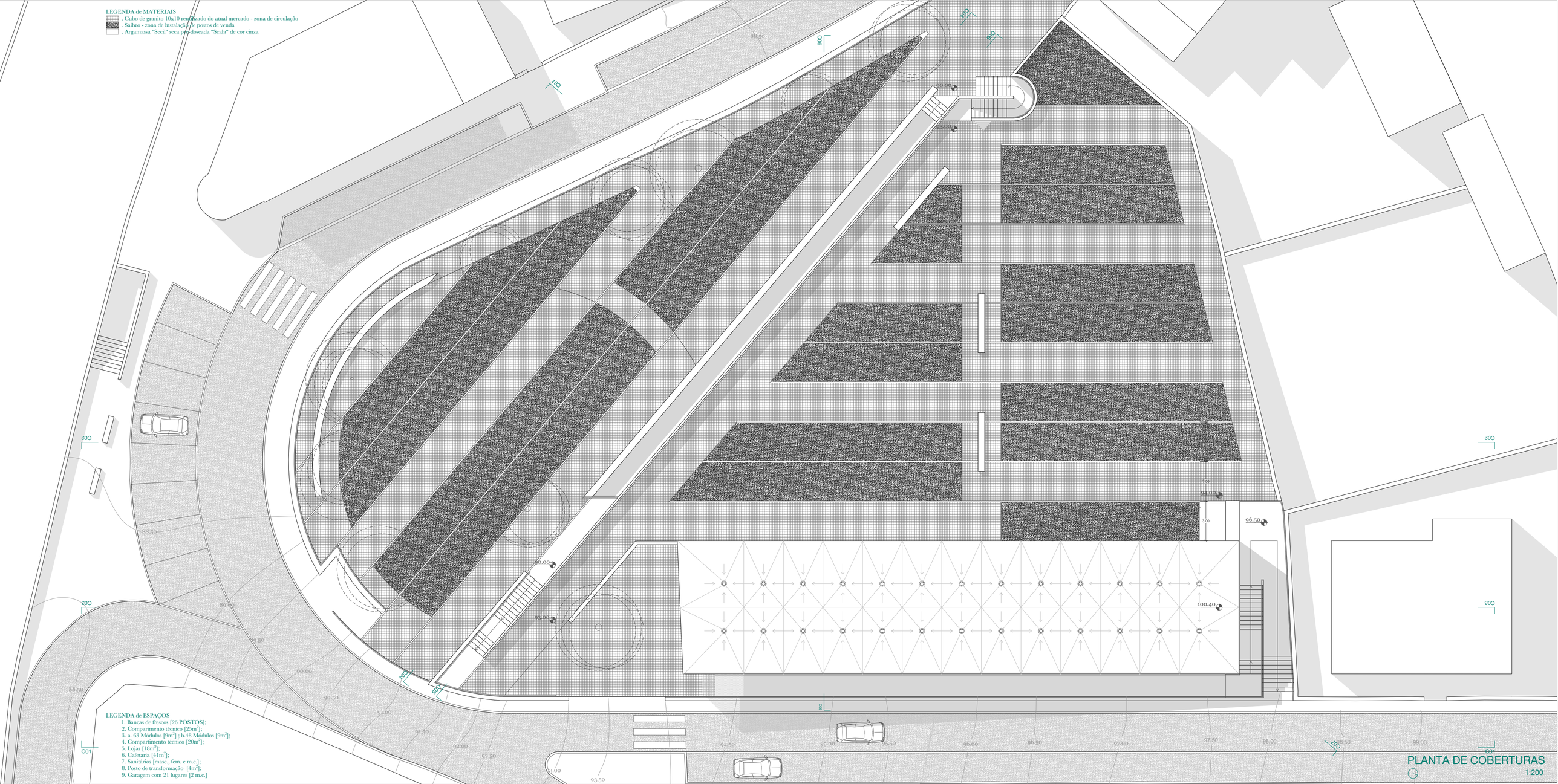
9. Cobertura de Frescos - Corte tipo e corte construtivo . Escalas 1:50 e 1:10

10. Espaços comerciais encerrados - Corte tipo e corte construtivo . Escalas 1:50 e 1:10

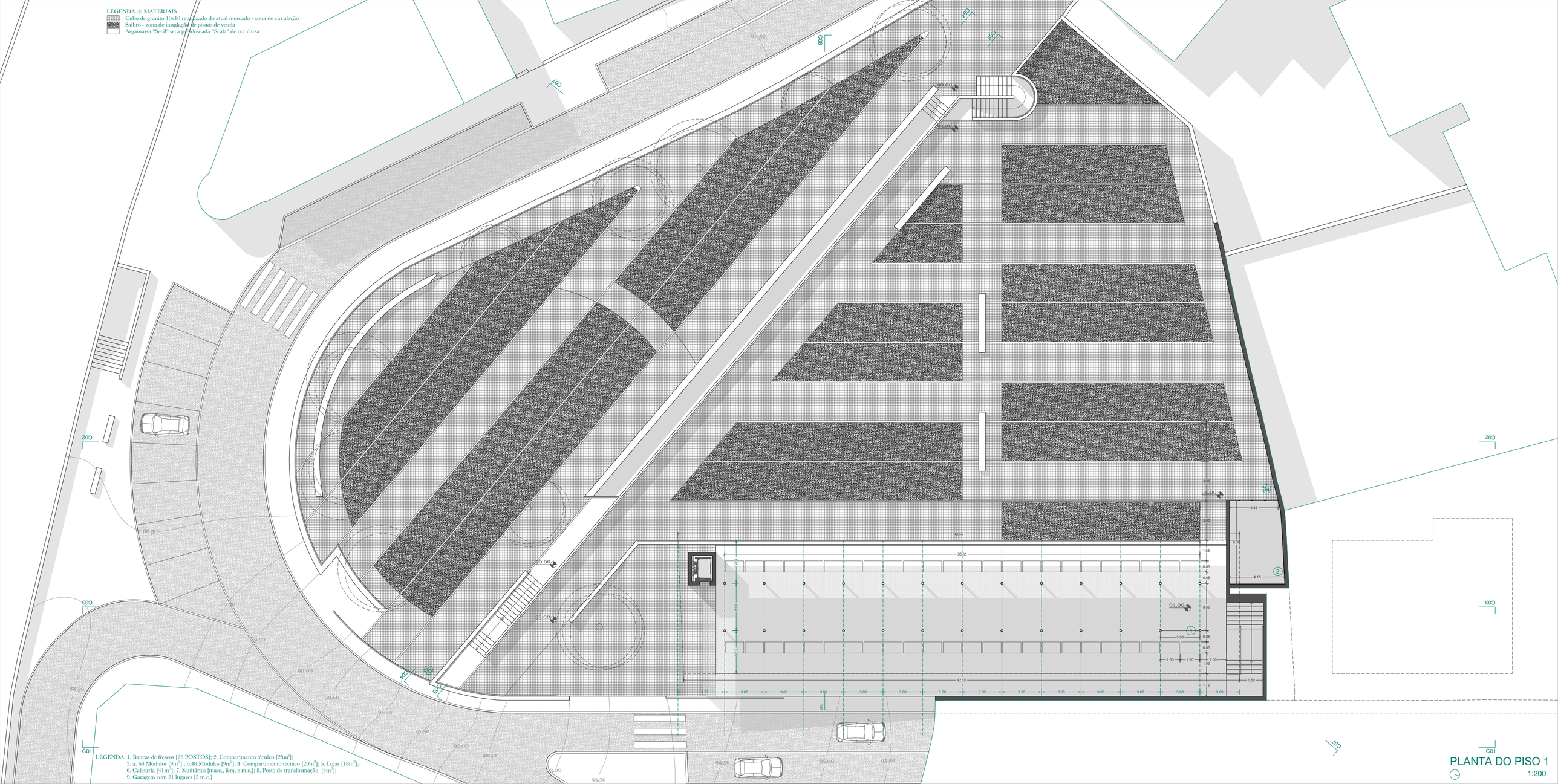


PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

1:1000

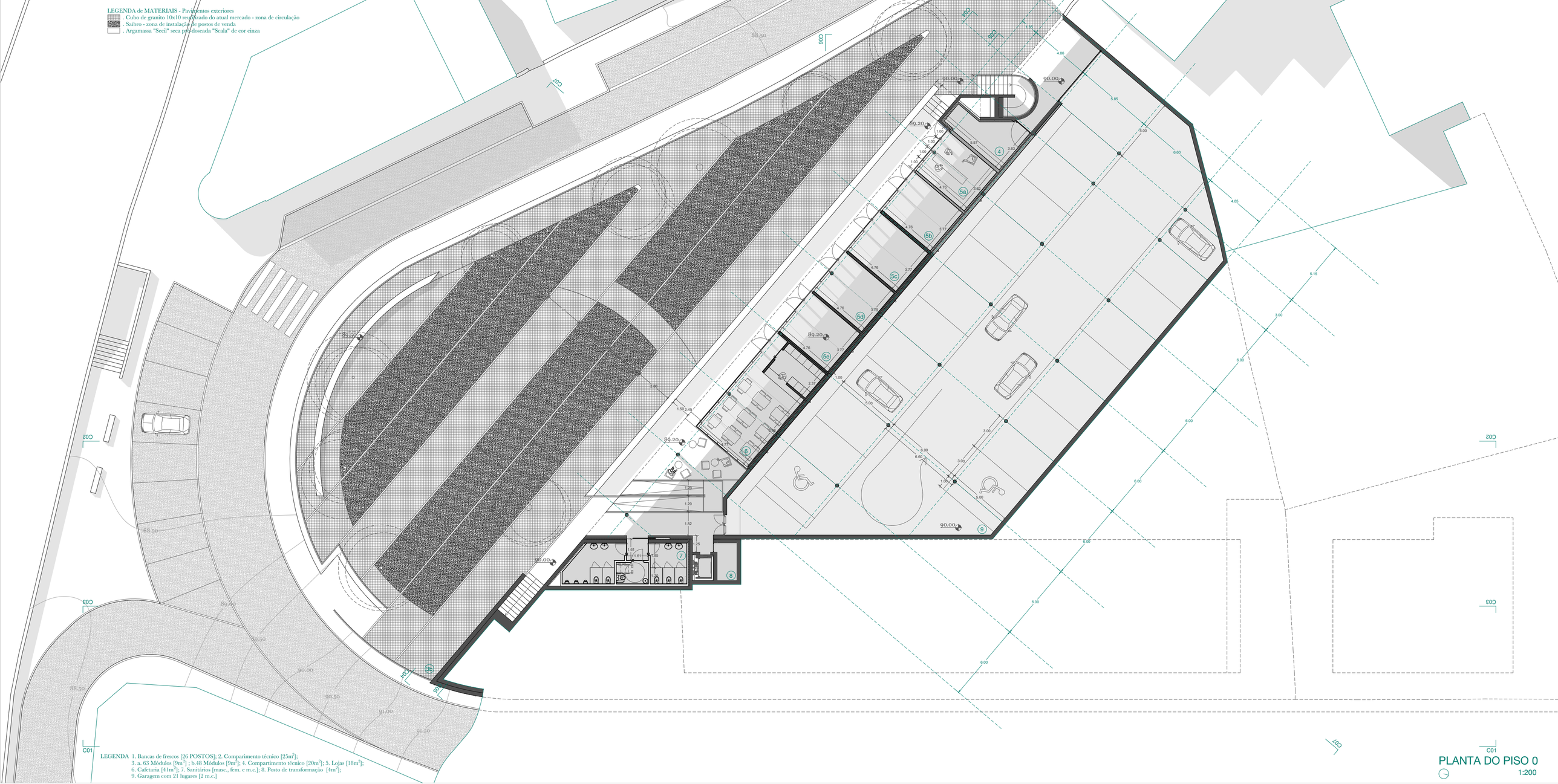

LEGENDA de MATERIAIS
. Cubo de granito 10x10 reutilizado do atual mercado - zona de circulação
. Saibro - zona de instalação de postos de venda
. Argamassa "Secil" seca pré-doseada "Scala" de cor cinza
LEGENDA de ESPAÇOS
1. Bancas de frescos [26 POSTOS];
2. Compartimento técnico [25m²];
3. a. 63 Módulos [9m²] ; b.46 Módulos [9m²];
4. Compartimento técnico [20m²];
5. Lojas [18m²];
6. Cafetaria [41m²];
7. Sanitários [masc., fem. e m.c.];
8. Posto de transformação [4m²];
9. Garagem com 21 lugares [2 m.c.]
PLANTA DE COBERTURAS
1:200

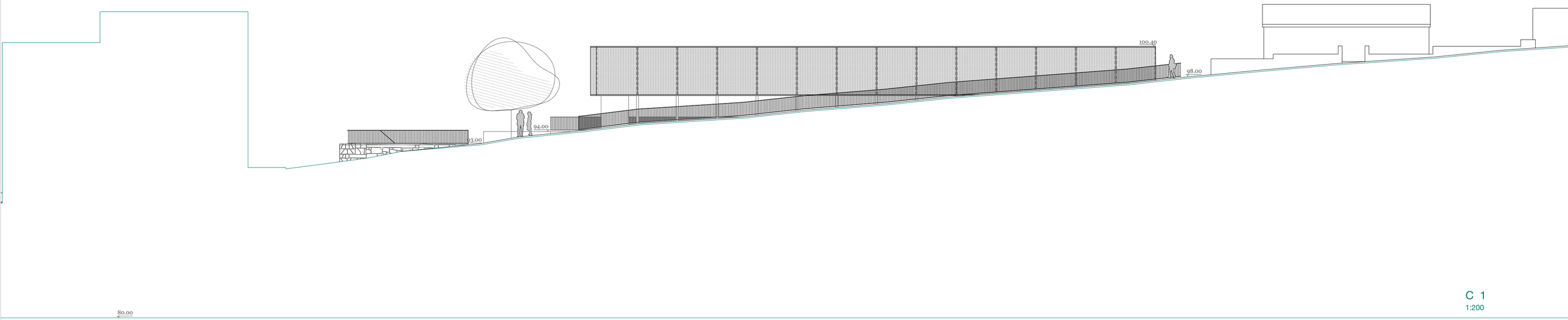
LEGENDA de MATERIAIS
. Cubo de granito 10x10 rematado do atual mercado - zona de circulação
. Saibro - zona de instalação de postos de venda
. Argamassa "Secil" seca pré-doseada "Scala" de cor cinza



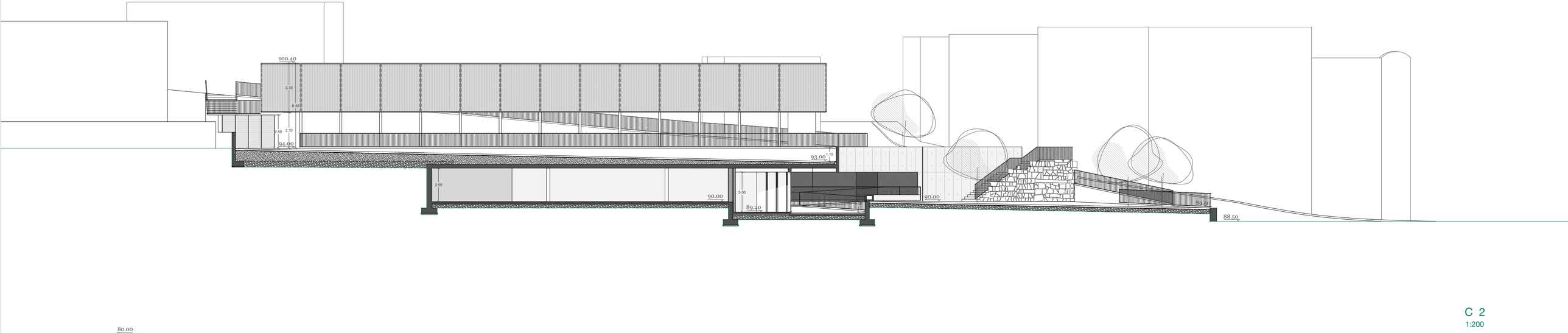
LEGENDA 1. Bancas de frescos [26 POSTOS]; 2. Comparimento técnico [25m²];
3. a. 63 Módulos [9m²] ; b.48 Módulos [9m²]; 4. Compartimento técnico [20m²]; 5. Lojas [18m²];
6. Cafetaria [41m²]; 7. Sanitários [masc., fem. e m.c.]; 8. Posto de transformação [4m²];
9. Garagem com 21 lugares [2 m.c.]

C01
PLANTA DO PISO 1
1:200

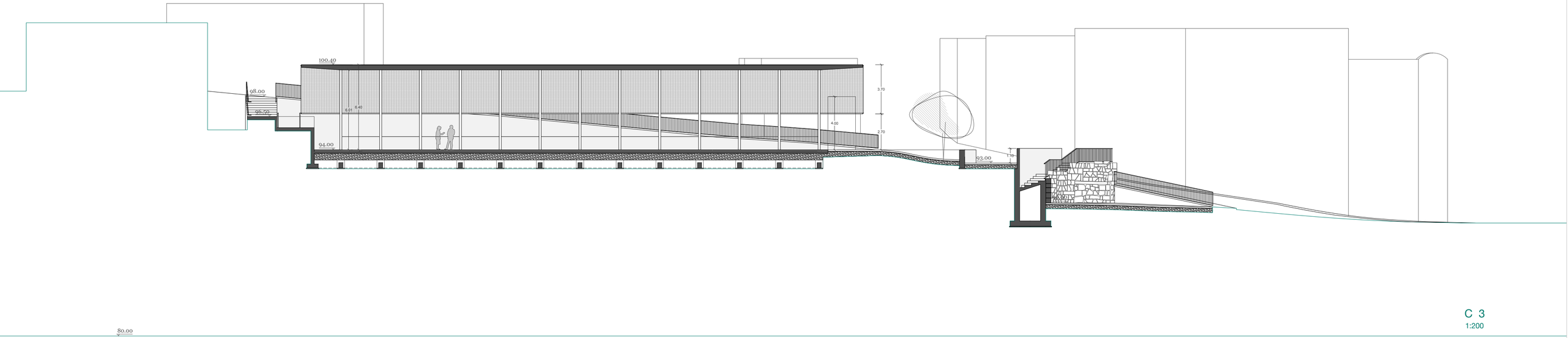

LEGENDA de MATERIAIS - Pavimentos exteriores
. Cubo de granito 10x10 reutilizado do atual mercado - zona de circulação
. Saibro - zona de instalação de postos de venda
. Argamassa "Secil" seca pré-doseada "Scala" de cor cinza
LEGENDA 1. Bancas de frescos [26 POSTOS]; 2. Compartimento técnico [25m²];
3. a. 63 Módulos [9m²] ; b.48 Módulos [9m²]; 4. Compartimento técnico [20m²]; 5. Lojas [18m²];
6. Cafetaria [41m²]; 7. Sanitários [masc., fem. e m.c.]; 8. Posto de transformação [4m²];
9. Garagem com 21 lugares [2 m.c.]
C01
PLANTA DO PISO 0
1:200



C 1
1:200

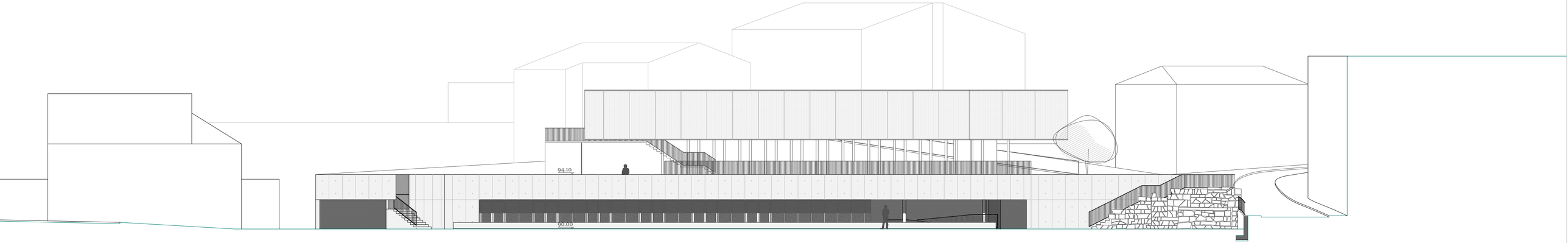


C 2
1:200



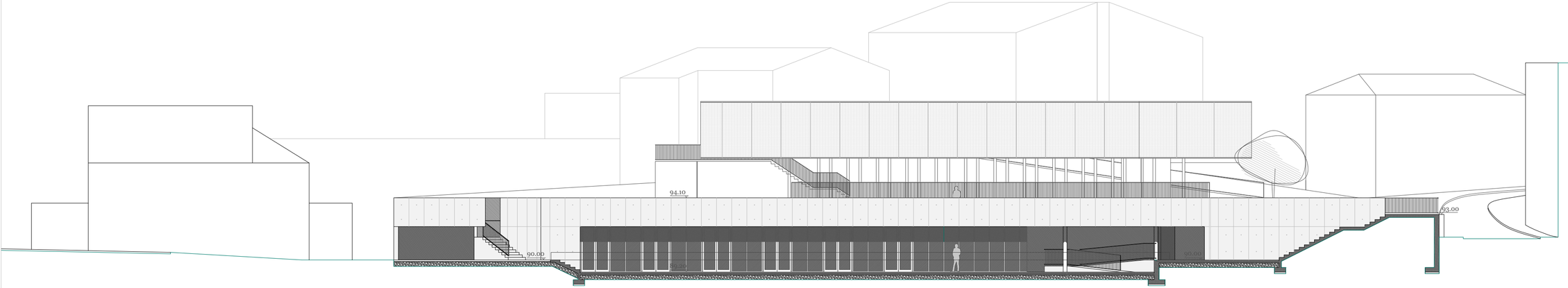
80.00

C 3
1:200



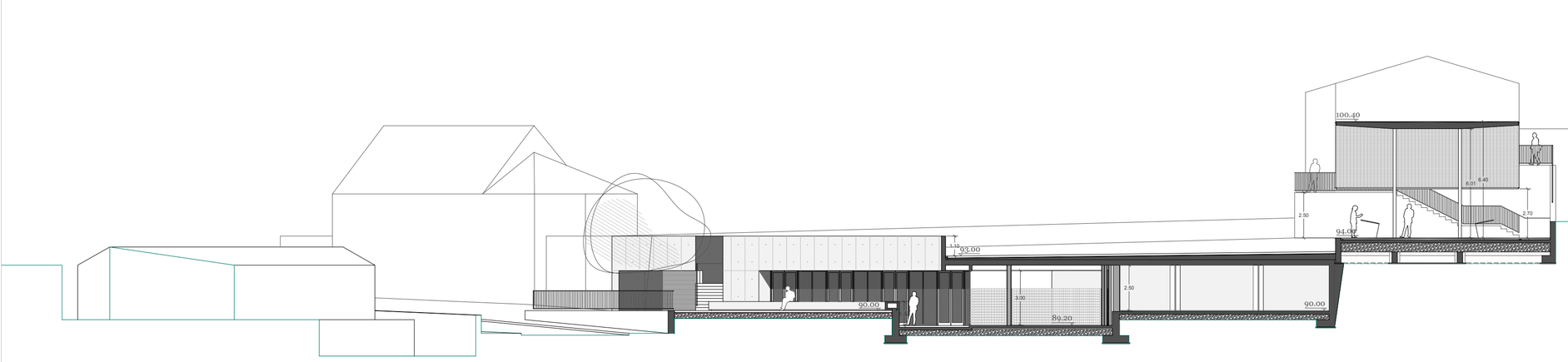
80.00

C 4
1:200



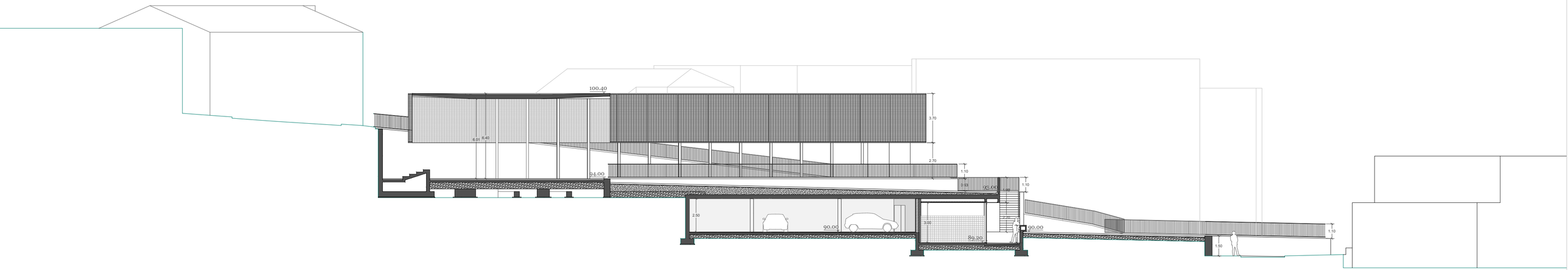
80.00

C 5
1:200



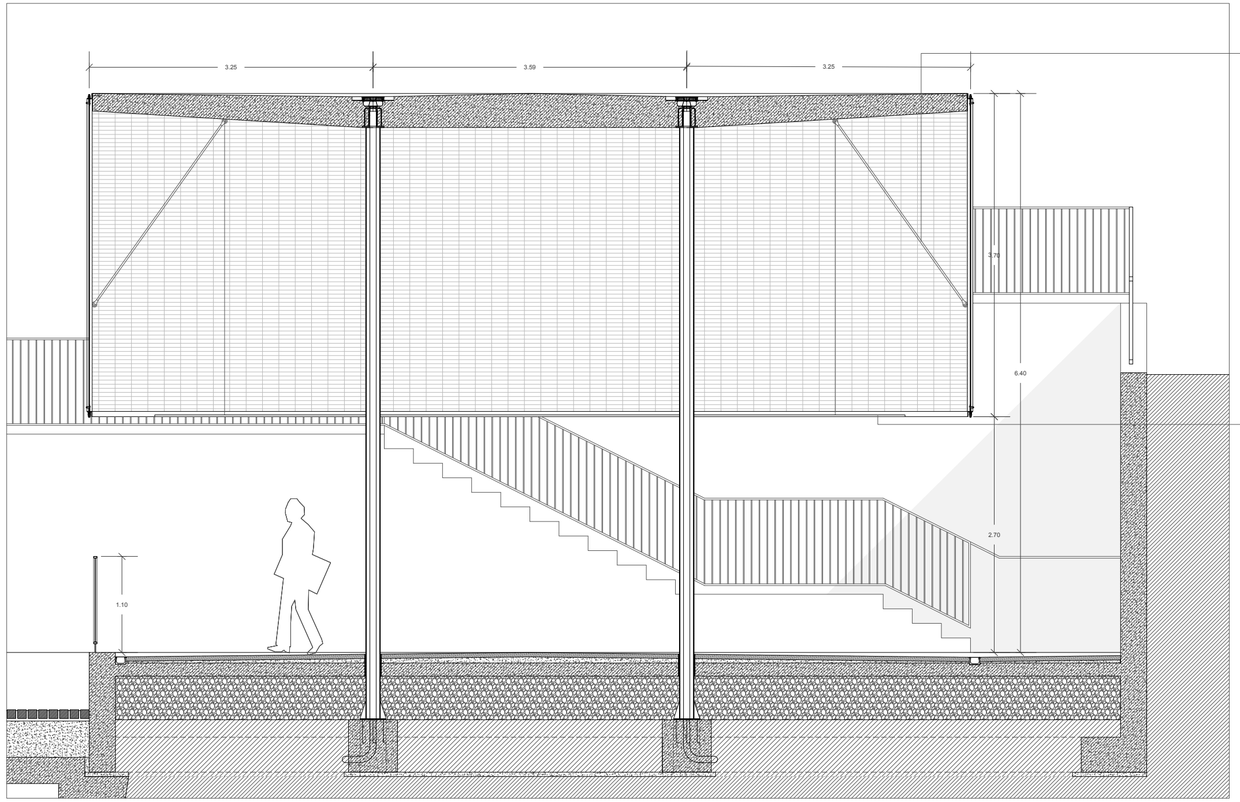
80.00

C 6
1:200

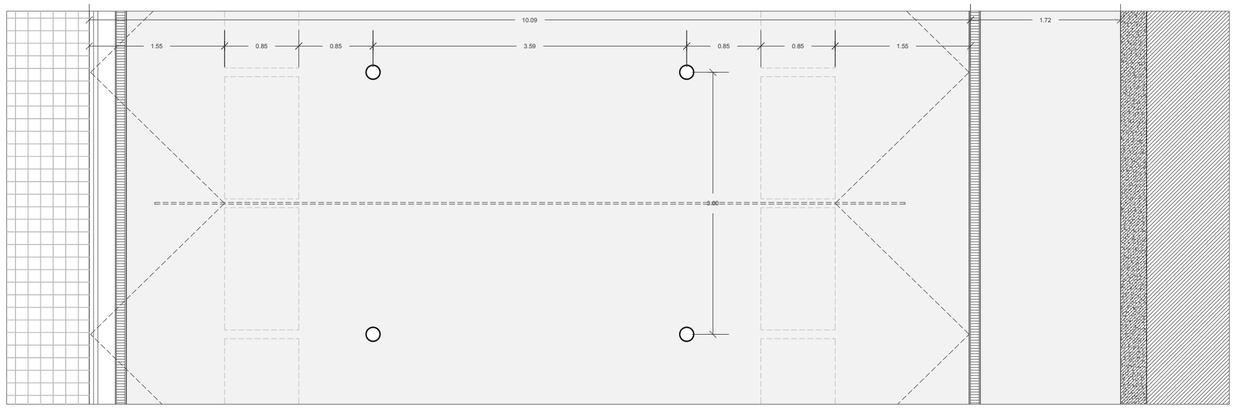

100.40
3.70
6.01
6.40
2.70
94.00
1.10
0.60
90.00
1.10
2.50
90.00
3.00
80.20
90.00
1.10
1.50

80.00

C 7
1:200

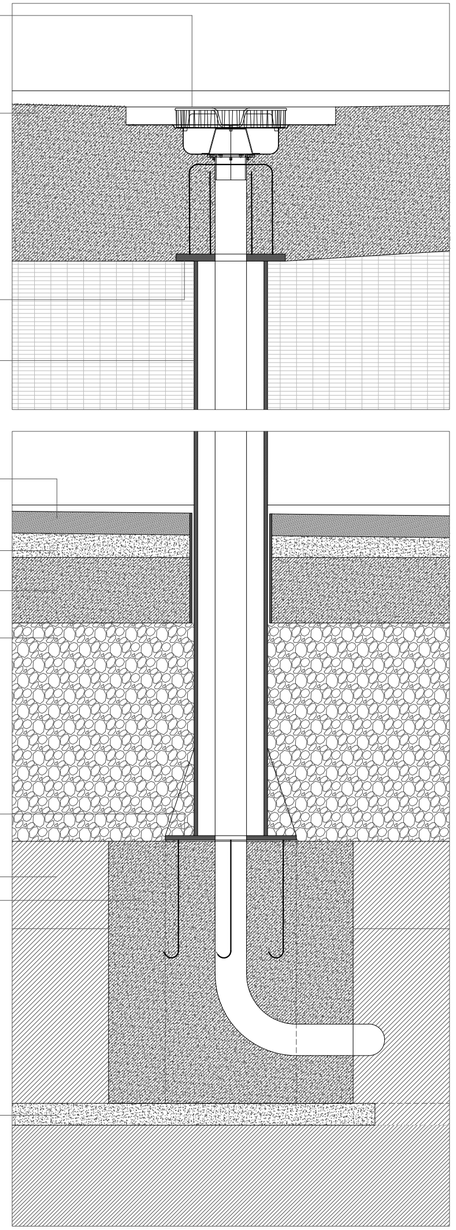


CORTE-TIPO



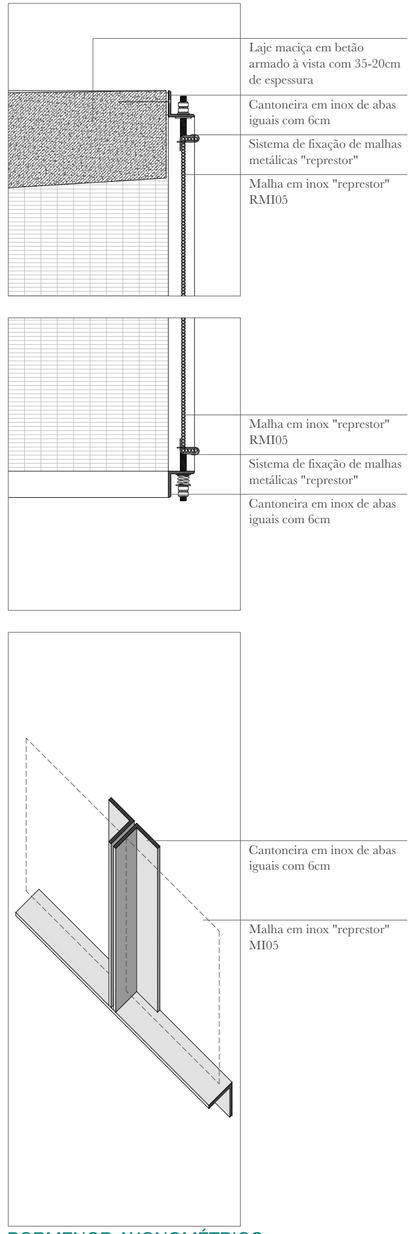
PLANTA

1:50



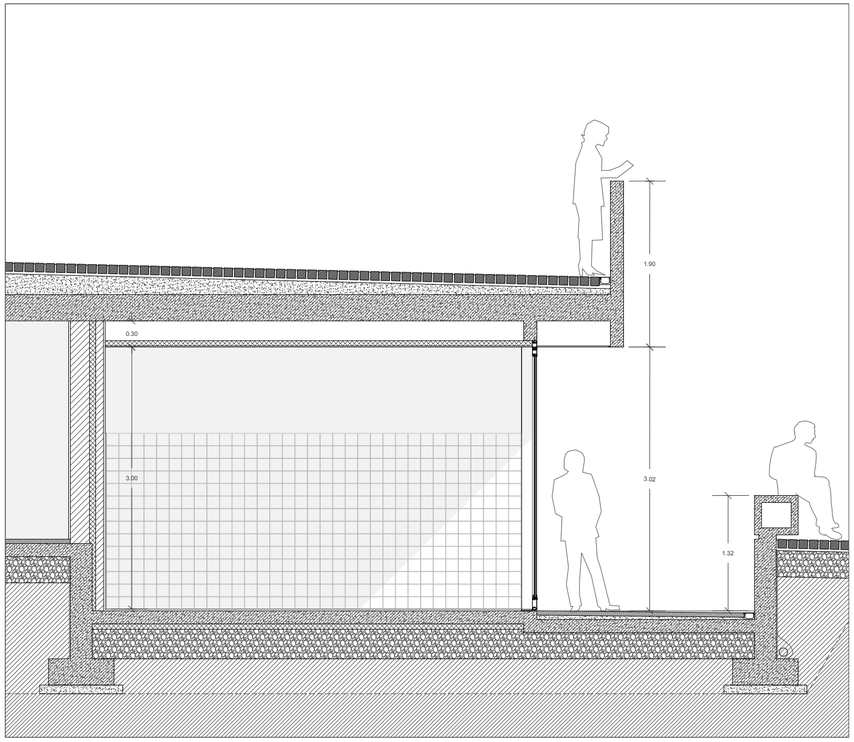
PORMENORES

1:10



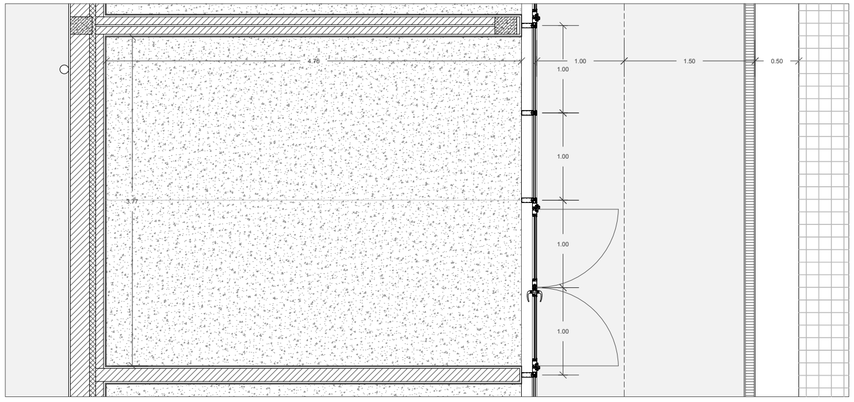
PORMENOR AXONOMÉTRICO

Encontro de cantoneiras - perfil inferior



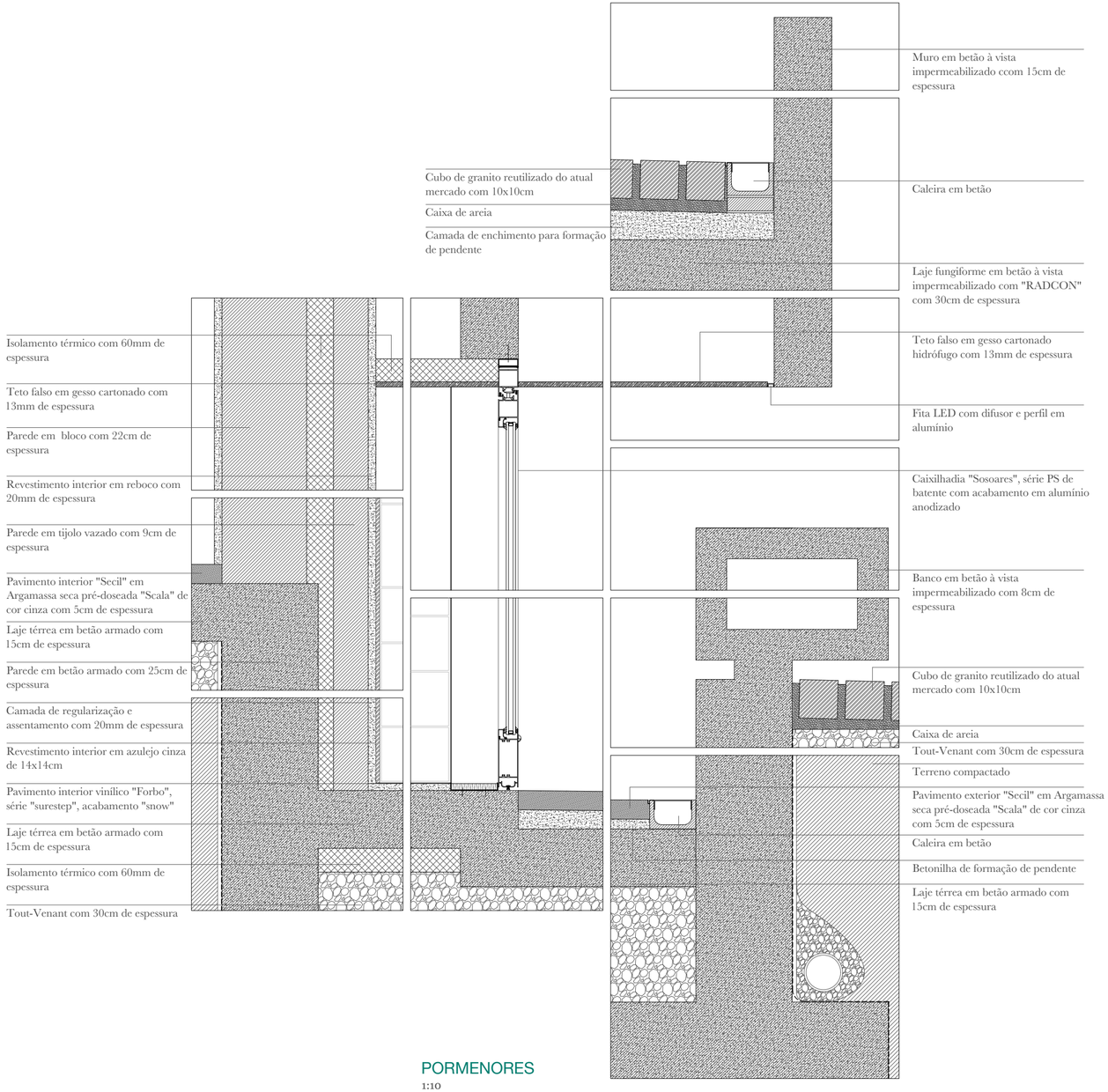
CORTE-TIPO

1:50



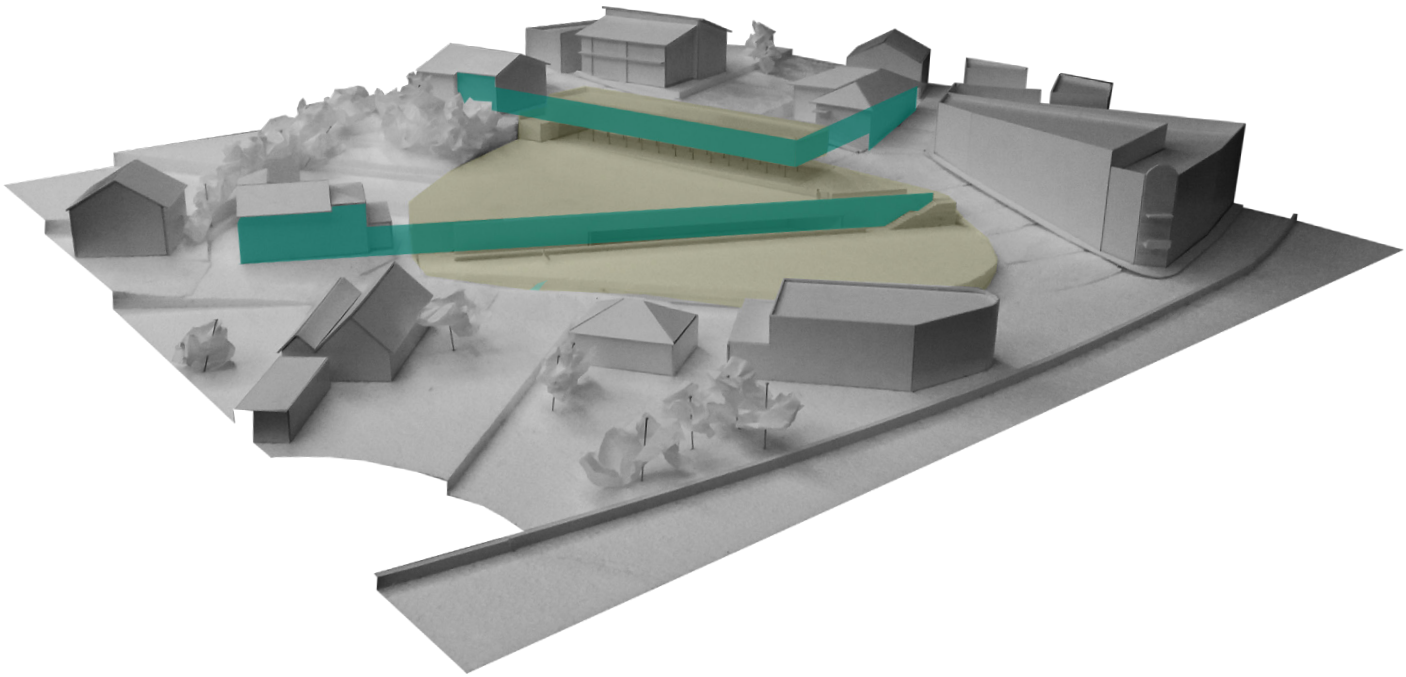
PLANTA

1:50



PORMENORES

1:10



82. Principais linhas de força da proposta [Maquete de trabalho]

DESCRIÇÃO E JUSTIFICAÇÃO

Implantação

Tendo em conta todos os temas apontados, a proposta tenta potenciar as qualidades do mercado atual que apresenta uma estratégia de implantação e posicionamento que responde eficazmente às necessidades dos usos e usuários. O objetivo foi, portanto, materializar de uma forma mais qualificada o organograma que estrutura o espaço atual.

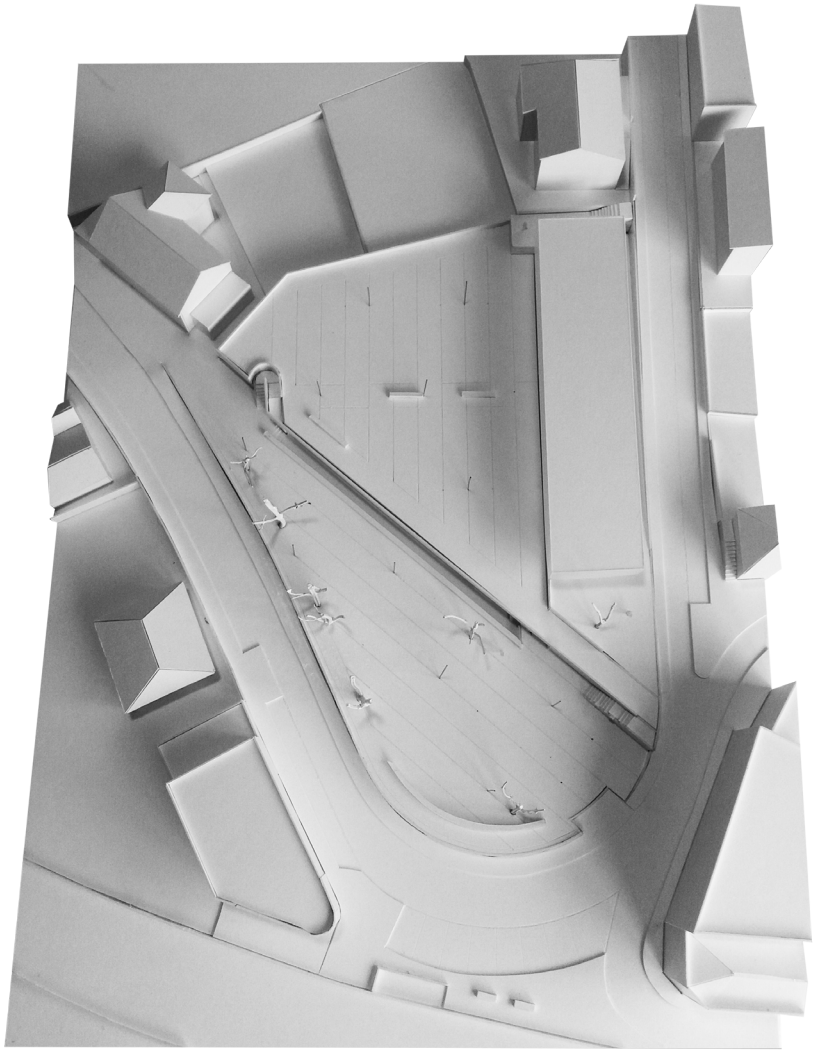
A posição do mercado no tecido da vila é o primeiro ponto em que a permanência é assegurada. A possibilidade da alteração do espaço do mercado foi considerada, como, aliás, foi feito em 1966, no "Ante-plano de Urbanização". A opção de manter a sua localização deve-se, num primeiro momento, à falta de argumentos que justifiquem a relocalização desta estrutura. Numa altura em que o gesto mais sensato é reduzir a área dos mercados já que, em geral, estão sobredimensionados, a estratégia aqui passou por manter o sítio para implantação e tratá-lo como espaço público apropriável de outras formas depois de desmontada a feira semanal e reduzir o número de lojas, qualificando o seu desenho e construção.

A implantação da proposta usa a pendente considerável do espaço para desenhar as lojas que funcionam como contenção de terreno. Esta estratégia, mais uma vez, é a que se verifica na construção atual. No entanto são mantidos apenas dois níveis, o que permite um desenho mais claro e uma utilização mais acessível.

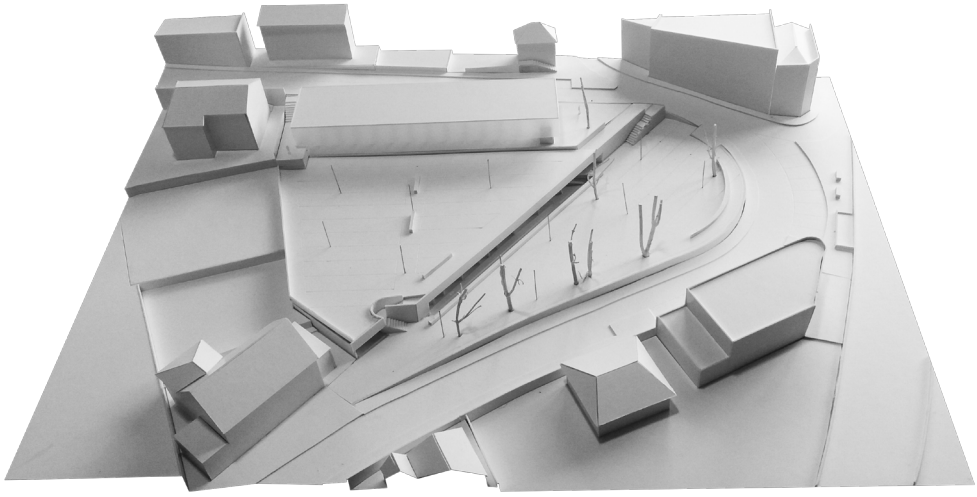
O seu desenho em planta seleciona linhas de força dadas pela envolvente e que, não só 'amarram' a proposta ao lugar, como promovem percursos que, intuitivamente, simplificam o acesso e uso do Mercado. Apesar de alguns ajustes de dimensões ou de opções de geometria, a sua localização e lógica estruturadora é mantida. O limite do terreno é também redesenhado, gesto justificado pela necessidade de o clarificar. Visto que esta intervenção tem uma importante função pública, o seu desenho deve contaminar o espaço envolvente. O gesto não deverá surgir como tentativa de alterar a envolvente para integrar o novo desenho, mas antes para estender

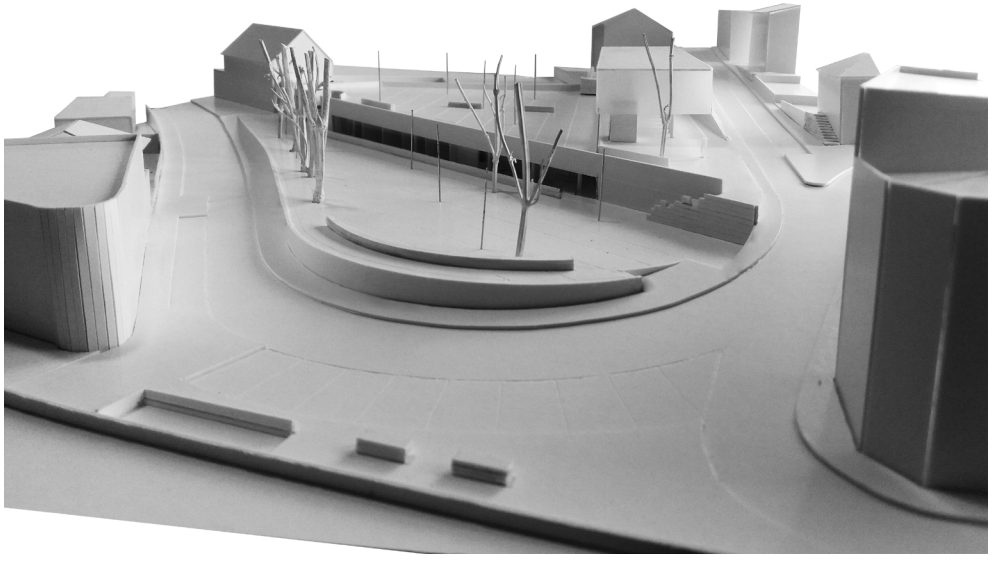
a qualificação estratégica - formal e construtiva - ao restante tecido urbano ao qual este ponto se ligará.

A organização programática em cada um dos níveis foi definida pelo atual mercado. O espaço de garagem é um novo elemento introduzido e cuja presença é assinalada apenas pelo ponto de acesso, num dos extremos da composição. Assim, no nível inferior, estão localizados os espaços mais encerrados, as lojas, voltadas para um espaço exterior desimpedido e arborizado. No nível superior localizar-se-ão as estruturas temporárias de venda de produtos hortícolas e frutícolas, num espaço exterior coberto, que garante uma maior proteção em relação aos fatores atmosféricos. Este volume volta-se também para um espaço desimpedido onde se instalarão estruturas provisórias para a feira semanal, essencialmente para venda de vestuário.



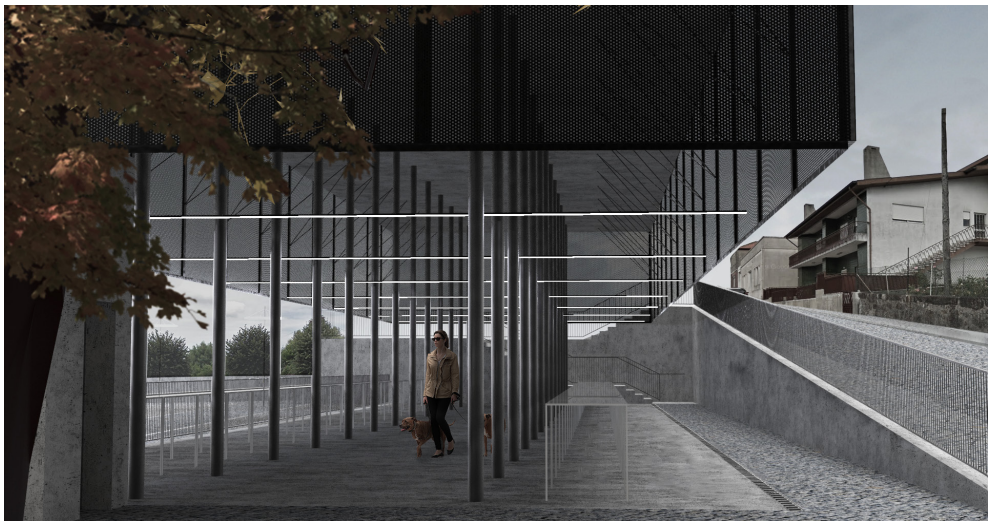
83. Vista superior [Maquete de apresentação]





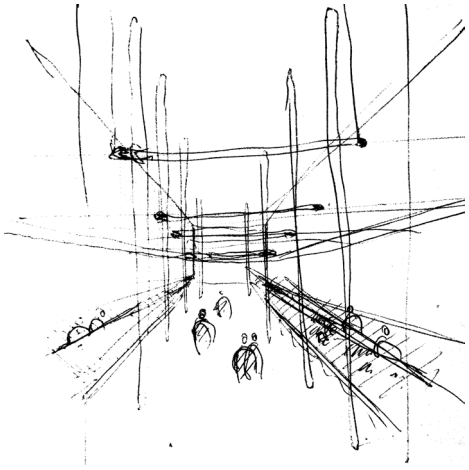
84 e 85. Vistas Poente e Sul, respetivamente [Maquete de apresentação]







86, 87 e 88. Cobertura de Frescos [Modelo 3D]



Cobertura de frescos

A zona de frescos situa-se sob uma estrutura cobertura que é desenhada com uma laje de betão à vista suportada por pilares metálicos cilíndricos que, pelo seu reduzido diâmetro, resultam excecionalmente esbeltos. A vontade de querer garantir um pé-direito considerável leva à necessidade de proteger o espaço dos elementos. É estendida uma malha metálica que, apesar de o proteger da incidência solar e da chuva, oferece pouca resistência ao vento, o que permite aligeirar a estrutura em que se apoia. O resultado será uma maior qualidade espacial em que a ideia de exterior se esbate pela forte contenção que este elemento permite. Foi também importante desenhar uma peça que marque a sua presença em relação à rua. Este volume tem, para além de todas as questões ligadas ao seu uso, o propósito de construir um volume com alguma expressão, não só para conter uma rua onde se encosta, como para responder a uma escala proporcionada ao espaço que o recebe.

A organização deste espaço passa por garantir uma circulação central e bancas de venda nas laterais. Neste esquema, a estrutura marca longitudinalmente a dimensão do módulo de três metros de largura. Na transversal, os pilares definem a largura da zona central de circulação e as bancas devem afastar-se deles de forma a garantir um espaço de pausa para que os clientes parem. As bancas devem ser também desmontáveis para que se permita a utilização deste espaço para a realização de outro tipo de eventos. Olhando para a zona envolvente percebe-se uma falta de espaços deste carácter - grandes coberturas de uso coletivo. Para além disso, num caso de condições meteorológicas mais agressivas, os vendedores poderão montar as bancas no interior, permitindo uma circulação perimetral.

Desde a rua, à cota mais alta, esta cobertura pode ser vista de cima e a descida vai desvendando a malha metálica e o progressivo aumento da sua altura permite ganhar cota para fazer a entrada na zona coberta. A entrada neste espaço, e que, na verdade, se assume como o espaço de receção para todo o mercado, é desenhada pelo alargamento do qual se lançam todos os percursos. O acesso à cota alta tam-

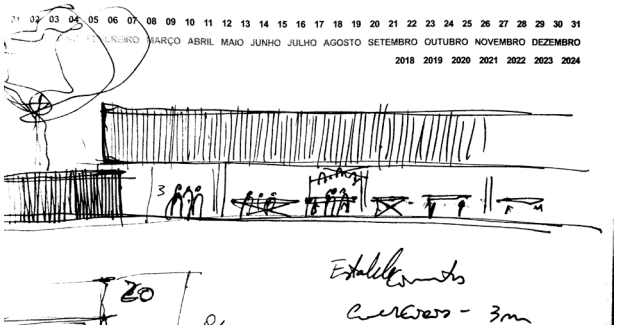
bém pode ser feito através de uma escada cujo patamar desenha um compartimento técnico sobre o qual flutua esta caixa metálica. Apesar da relação estreita entre este volume e a rua, há um afastamento entre eles, que desenha um percurso exterior descoberto paralelo à zona de mercar que permite uma deslocação mais rápida que se afasta da desaceleração que o espaço de mercado exige.

A imagem do edifício é, naturalmente, fruto de um conjunto de referências que, num cenário ideal, se devem coser e servir a mesma lógica geradora do projeto. Apesar de ser apenas uma cobertura, levanta-se e desenha um paralelepípedo metálico claramente definido mas que é, ao mesmo tempo, leve e poroso. Esta ideia de caixa elevada é imediatamente associada à linguagem de Eduardo Souto de Moura, e o Centro de Arte contemporânea Graça Morais foi uma referência excecionalmente relevante para esta proposta, já que sobrepõe ainda a ideia de usar a pendente de modo a permitir a entrada no edifício.

Os pilares, influenciados pela arquitetura japonesa, são bastante esbeltos, dada a vontade de autonomizar volumetricamente esta caixa. A influência passa inevitavelmente por algumas obras de arquitetos japoneses já referidos neste trabalho. O ambiente resultante , por consequência e não por influência, partilha alguma similaridade com a construção industrial. Tanto morfologicamente como pela sua materialidade, a imagem resultante é associável à realidade que carateriza a região em que o caso de estudo se insere [91].

Construtivamente, os pilares com 168mm e 8mm de espessura permitem o escoamento de águas da cobertura pelo seu interior. A laje de betão aparente é impermeabilizada com uma impregnação hidrofugante aquosa à base de polisiloxanos - como, aliás, todas as superfícies de betão à vista do edifício - e forma pendentes de 2% que conduzem a água para o ponto de escoamento, no centro dos pilares. A malha metálica é fixada a cantoneiras metálicas e tensionada com parafusos espaçados de metro a metro.

Pela sua imagem esta é, naturalmente, uma peça excecional que pousa sobre um edifício que, por contraponto, se esconde nos muros de betão à vista.



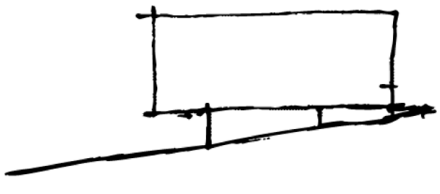












91. Fábrica de Santo Thyrso, Santo Tirso, 1898

92. Estufa fria, Raúl Carapinha, Lisboa, 1933

93. *Shift*, Richard Serra, Ontário, 1970

94. Mercado do Carandá, Eduardo Souto Moura, Braga, 1980

95. Terminal Ferry, Sanaa / Sejima + Ryue Nishizawa, Naoshima, 2006

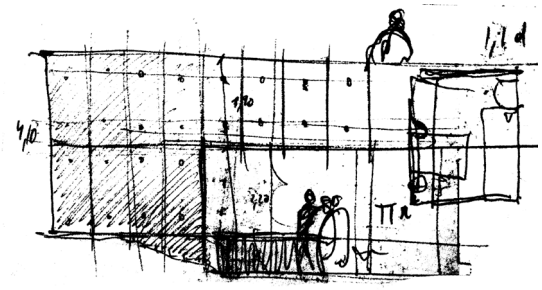
96. Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, Eduardo Souto Moura, Bragança, 2008







97, 98 e 99. Espaços comerciais encerrados [Modelo 3D]



Espaços comerciais encerrados

No nível inferior da intervenção, a sul, implantam-se as lojas, instalações sanitárias e a garagem. Estes espaços comerciais, de caráter completamente encerrado, surgem para dar resposta a um tipo de venda que, ou pressupõe uma maior permanência, ou trata de produtos que exijam uma maior proteção em relação ao ambiente em que são expostos, como é o caso da carne ou do peixe.

Dada a necessidade de assegurar um pé direito interior mínimo que uma loja exige, e sem comprometer a proporção deste muro, a estratégia passou por manter a sua altura e baixar a cota do pavimento, criando uma galeria abaixo do restante espaço público exterior. Nesta diferença de cotas desenha-se um banco voltado para o nível mais elevado que funciona como barreira física de proteção, e ainda reduz a elevada exposição da parede de vidro com que as lojas se encerram.

A galeria promove uma circulação descoberta e um momento abrigado antes da entrada nos espaços comerciais. A iluminação é garantida por uma linha contínua de luz no remate inferior da testa de betão que servirá de guarda para o nível superior do mercado. A compartimentação interior divide o espaço parcialmente enterrado em cinco espaços de loja com 20m^2, sensivelmente, e um espaço de cafetaria/restauração. O atual mercado já incorpora no conjunto de alterações e ampliações de que foi alvo, um espaço deste caráter, mas com condições bastante deficientes dado o programa a que se propõe.

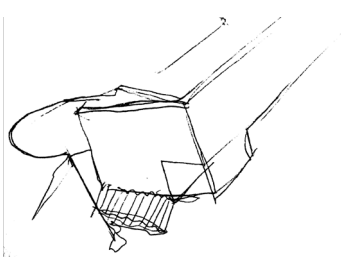
As instalações sanitárias implantam-se no extremo oposto deste conjunto e são partilhadas pelos espaços comerciais referidos. É entre estas duas peças que se desenha um espaço exterior coberto que funciona como momento distributivo, lançando um conjunto de rampas que dão acesso à galeria comercial [97], o acesso à garagem, ao elevador e aos sanitários.

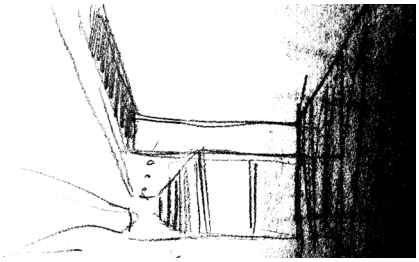
A lâmina de betão que divide o terreno em dois níveis e desenha o alçado das lojas é rematada nos dois extremos pelas escadas que fazem a comunicação entre

esses níveis. Num deles, uma curva desenha a entrada para a garagem e orienta a escada num ângulo concordante com o desenho de pavimento do nível superior. No outro extremo, a parede esconde-se num muro de granito executado com as pedras da fachada do mercado atual, depois de desmontada, numa composição que conforma deliberadamente esta falsa ruína - uma "pintura mineral"[71] . Para além disso, segue o imaginário do edifício que surge atrás do muro de pedra, tema que Eduardo Souto Moura também experimenta.

A construção é essencialmente feita em betão aparente, sublinhando o carácter maciço que se pretende. Distancia-se assim da abordagem adotada na peça excecional que pousa no piso superior: "Assim, estes dois sistemas construtivos, maciço e pontual, surgem independentes entre eles e com intenções distintas."[72]

As paredes de 25cm de espessura e os pilares em betão com 25cm de lado suportam uma laje maciça fungiforme de betão armado com 30cm de espessura. Os dispositivos compartimentais são feitos com alvenaria de tijolo vazado e revestidos a azulejo. Aqui o material escolhido terá que se ajustar a todo o tipo de produtos que se vendam, o que implica uma lavagem fácil no caso da venda de carne ou peixe, o que justifica a escolha. O mesmo se aplica ao pavimento, daí que tenha sido escolhido um linóleo aplicado em duas faixas, com uma junta a eixo do espaço. A métrica que determina a posição dos perfis de alumínio da caixilharia coincide em alçado com a que desenha a estereotomia do betão (1 metro). Cada loja é encerrada por duas folhas fixas e duas de batente (porta de folha dupla), desde o pavimento ao teto. O espaço de cafetaria, para além de um espaço interior mais generoso, desenha um espaço exterior onde se poderá instalar uma esplanada.





71 "Achei que podia usar a pedra, não no sentido de fazer muros de suporte ou muros construtivos, mas quase um plano pictórico, de revestimento. Aí é que posso dizer que é um bocado pintura mineral. Já dispunha desses elementos que não tinha sentido nenhum terem sentido." in *Eduardo Souto de Moura* (entrevistado por Manuel Graça Dias). Porto: RTP, 1993

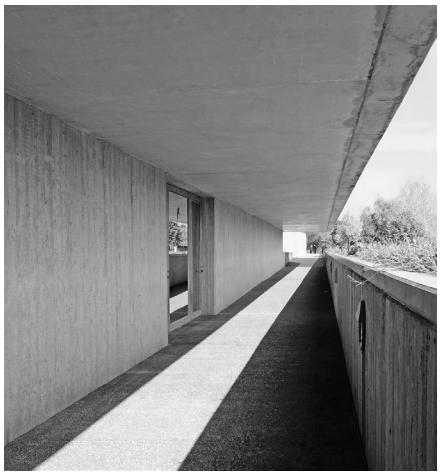
72 [Referente ao Mercado do Carandá, Braga] TEIXEIRA, Andreia Liliana. *Retorno à obra : dois arquitectos, dois casos de estudo* (Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura). Porto : Faup, 2013. p.157











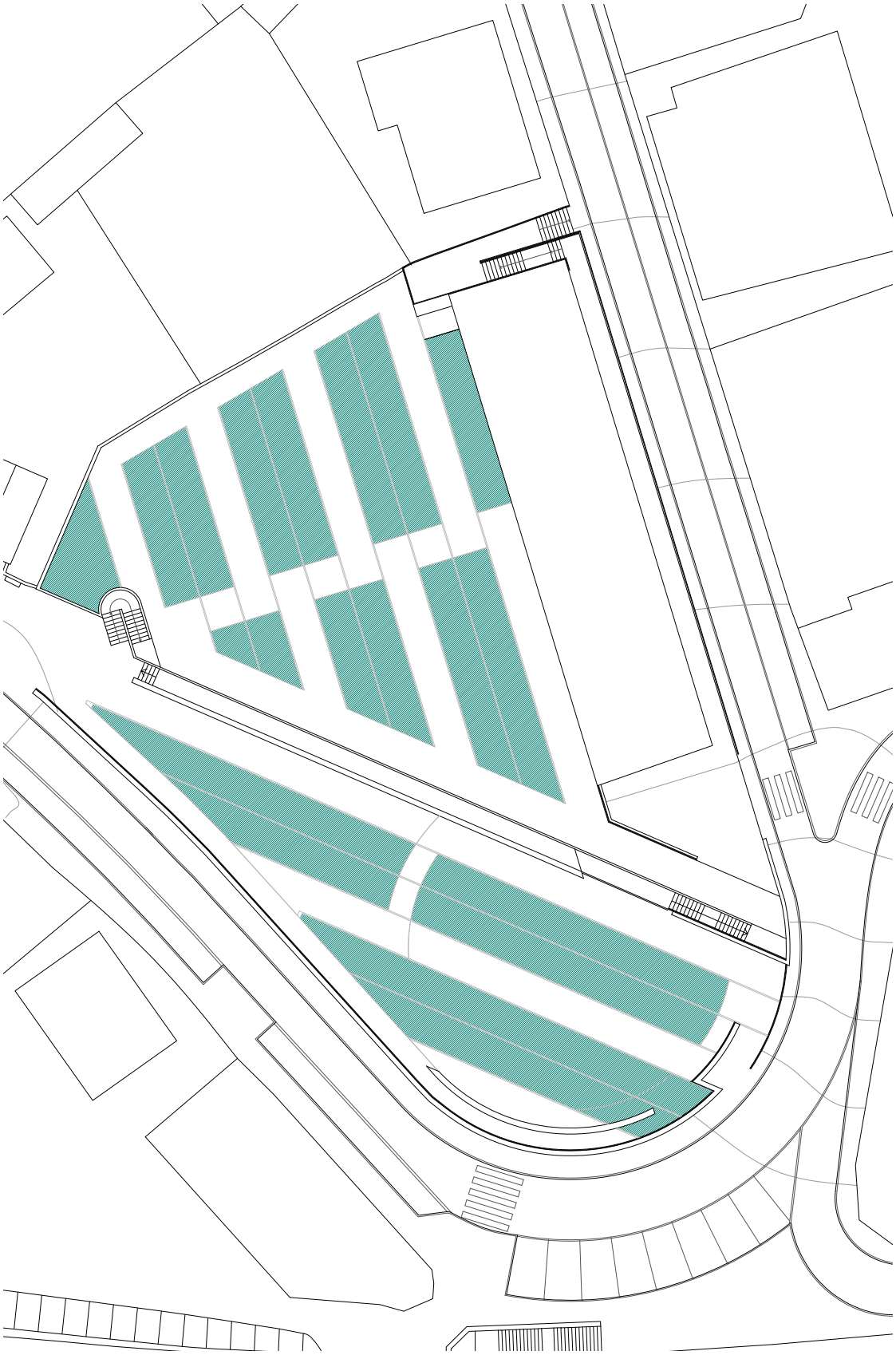
103. Reconversão de uma Ruína, Eduardo Souto Moura, Gerês, 1980-82

104. Casa das Histórias, Eduardo Souto Moura, Cascais, 2009

105. Escola Secundária Dr. Júlio Martins, Nuno Brandão Costa, Chaves, 2009-2013

106. Escola básica e secundária, Nuno Brandão Costa, Padrão da Légua, 2008-2011

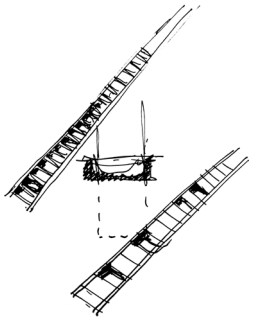
107. Crematório, Eduardo Souto Moura, Kortrijk, 2010



108. Espaços para bancas de venda [Planta 1:1000]

Arranjos exteriores

O espaço público exterior foi tratado de forma a garantir condições mínimas para a instalação de uma feira e, no entanto, continuar a fazer sentido como praça, numa dinâmica de negativo urbano. Assim, o desenho decorre dos diferentes tipos de pavimento escolhidos. As linhas geradoras da composição assentam numa métrica que resolve o propósito deste espaço, assim como da zona coberta, no nível superior, de forma a garantir homogeneidade no desenho. A unidade mínima resultante é um quadrado de 3x3m, que representa um módulo de feira.



109. Estudo para guias de pavimento.

A intenção será que a guia incorpore um sistema que permita servir de ponto de ancoragem de cortas e cabos, para fixação de elementos verticais para suporte de lonas e toldos, bem como, eventualmente para fornecimento de rede elétrica.

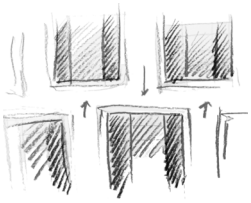
No entanto, e como consequência de pensar o percurso como um fator importante no processo de vivência destes espaços, a grelha é quebrada e deslocada a dado momento e é desenhada uma circulação transversal aos restantes percursos. Esta estratégia, para além de permitir desvios de trajetória sem a necessidade de percorrer este espaço em todo o comprimento, permite desacelerar a caminhada entre as bancas pela inflexão imposta. Para além disso, e provavelmente a questão mais interessante que resulta desta opção, são criadas situações em que a banca se pode voltar para o topo. Isto promove situações de maior visibilidade para os vendedores, já que se apresentam no ponto de fuga dos percursos.

Esta estratégia sublinha a ideia de que o problema a resolver no caso de estudo se relaciona intimamente com o desenho urbano, em que os quarteirões e os canais de circulação são as bancas e os percursos entre elas, respetivamente. Uma importante referência tida em conta na procura de um desenho foi a proposta de Mário Bonito para o bairro da cooperativa "O Lar Familiar". Tendo como ponto de partida o objetivo de desenhar o maior número de habitações unifamiliares possível, o arquiteto projeta, em 1950 [73], um conjunto de habitações em banda dipostas segundo uma estrutura coesa, apesar do limite irregular do lote.

73 "Ano de entrada do requerimento nº8232/50 para apreiação do anteprojeto." in RIBEIRO, Helder Casal. *A Experimentação do Moderno na Obra de Mário Bonito. Um processo de Desenho dos anos 40 a 60.* (Tese de Doutoramento em Arquitetura) Porto: FAUP, 2013. p. 367

"O desenho da malha apresenta um princípio de enfiamentos e enquadramentos com relações urbanas entre o conjunto edificado, que define a frente do quarteirão, e as áreas de jardim dos logradouros, caraterizados por muros baixos que enquadram os jardins e respetiva vegetação. A lógica da quadrícula regular, com quarteirões alinhados e as vias com enfiamentos contínuos, e aqui preterida por uma lógica de descontinuidades e tensões, onde o significado do artificial/edificado se contrapõe ao natural/vegetal e vice-versa. "[74]

Embora a estratégia se materialize num gesto semelhante, a premissa que o gerou é diferente. Enquanto que neste plano o princípio tem como objetivo criar enfiamentos visuais que enquadrem zonas verdes entre construções, no desenho aqui proposto a prioridade será enquadrar o positivo, se pensarmos numa lógica de positivos e negativos.



110. Esquema - bairro da cooperativa " O Lar Familiar"

O tratamento deste espaço passará muito pela diferenciação de pavimentos, pelo mobiliário urbano indispensável e vegetação. Nas zonas de circulação adota-se o cubo de granito reaproveitado do atual mercado. É usado, nos espaços destinados à montagem de bancas, um pavimento permeável em saibro, que assegura uma superfície mais regular e, ao mesmo, tempo, garante a sua porosidade.

A iluminação é pensada de modo a ser usada também como suporte para a amarração de toldos para sombreamento e proteção dos espaços de venda provisórios. As guias que fazem a transição entre diferentes materiais poderão ser condutoras de infraestruturas de apoio em dias de feira, como alimentação elétrica ou apoios para fixação de estruturas ao solo, apesar desta também ser facilitada pelo pavimento em cubo.

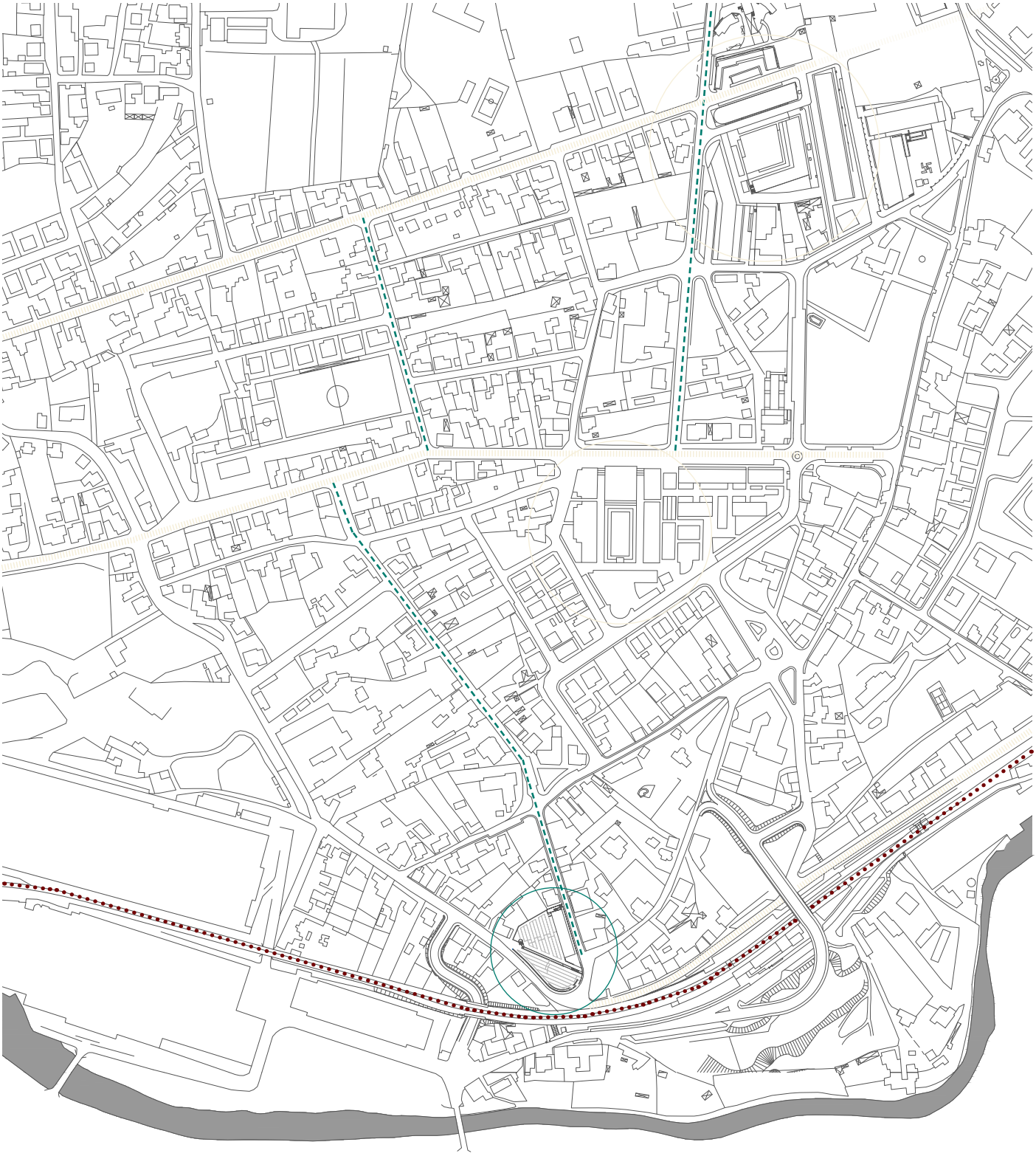
A comunicação vertical entre os dois níveis pode ser feita pelas várias escadas, pela rua ou pelo elevador, um novo elemento introduzido que se assume no nível superior como um volume autónomo, abrigado pela cobertura. Dada a vontade de abrir o mercado ao público, encerrá-lo com muros não é uma solução. Assim, são desenhadas guardas metálicas leves que percorrem todo o mercado em situações de desnível.

74 RIBEIRO, Helder Casal. *A Experimentação do Moderno na Obra de Mário Bonito. Um processo de Desenho dos anos 40 a 60.* (Tese de Doutoramento em Arquitetura) Porto: FAUP, 2013. p. 373





111 e 112. Nível Superior [Modelo 3D]



113. Papel do Mercado Silva Araújo no tecido da vila

Contaminação do tecido urbano

Pela redefinição do limite do mercado, é refeito o desenho do espaço público com o qual contacta, nomeadamente os arruamentos. Assim, a estratégia usada deve contaminar a sua envolvente direta. Tendo como herança uma intervenção recente na Rua Silva Araújo que tratou a pavimentação e iluminação pública deste importante canal, seria lógico continuar este gesto. Assim, e abraçando todo o perímetro do mercado, este desenho adotado deveria estender-se pela Rua D. Nuno Álvares Pereira. Dado o défice de qualidade que o desenho do arruamento apresenta, a intervenção é necessária, independentemente de qualquer outro fator estratégico pensado para a vila, como se pretende com este projeto. Acumula-se sobre esta ideia o facto desta rua representar um importante conetor a um dos principais eixos da vila - a Av. 4 de Abril de 1955. É através desta via que se ligam importantes pontos do tecido, e no qual desaguam outros fluxos significativos.

Assumindo uma lógica de estruturação urbana em que há uma constelação formada por núcleos diversos, a ligação entre eles deverá ser a chave para a confirmação e otimização desta estratégia. Cada núcleo, que adquire este epíteto dada a qualificação do desenho, concentração de serviços e importância das construções que os formam, deverão fazer parte de uma rede mais alargada de vias, das quais ramificam outros percursos aos quais são ancoradas mais construções. Partindo da rede existente, o execício passou por fazer pertencer o equipamento proposto a esta lógica.

Com o redesenho do limite do mercado à cota baixa, o sistema viário também deve ser clarificado, o que também foi considerado no desenho proposto. A ligação ao lado sul da linha de caminho-de-ferro é já garantida por uma passagem enterrada e, portanto, seria importante mantê-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dadas as questões levantadas inicialmente, a chegada a este ponto revela uma infinitude de conteúdos cujo desenvolvimento poderia ser igualmente imensurável. No entanto, dadas as circunstâncias em que se deve desenvolver a dissertação, um dos desafios passou, precisamente, pela manifestação de uma posição crítica relativamente aos temas que o enunciado levanta. No percurso até à materialização da proposta, e olhando o trabalho de um momento final, poderá considerar-se que toda a reflexão feita se apoia no objeto de estudo como pretexto para abordar temas que me interessaram particularmente como autor desta dissertação. Não só o texto é revelador de uma posição face aos temas tocados, como a própria seleção dos mesmos é fruto de uma posição crítica face aos problemas levantados pelo objeto de estudo escolhido.

O arranque do trabalho, para além de base para uma reflexão informada, pode ter um papel relevante pelo registo que fica feito nesta dissertação, já que reúne uma série de informações sobre o Mercado Silva Araújo que sempre viveram desconexas e cujo processo de tratamento enquanto informação histórica foi negligenciado. Portanto, tendo em conta a inevitabilidade de intervir no espaço do Mercado Silva Araújo dado o seu estado inoperante, e até desconsiderando a proposta aqui apresentada, este trabalho de investigação deverá ser útil como enquadramento.

Quanto às conclusões a retirar da investigação feita em paralelo com a procura de uma resposta a um problema concreto, percebem-se relações de proximidades evidentes entre o objeto de estudo e o lugar que o enquadra. O processo de construção por sobreposição de camadas é uma caraterística identificada no processo de consolidação do tecido de Vila das Aves, tendo como resultado um conjunto de fragmentos polinucleados. Esta heterogeneidade é confirmada pelo Mercado Silva Araújo pela sua finalidade e morfologia. A proposta tentou responder a este desígnio

e integrou no seu desenho essa diversidade e concretizou-a na flexibilidade que o projeto promove.

A qualidade de espaço de uso coletivo é a primeira função que, desde o início, integra o enunciado do problema. Consequência, do caráter temporário da feira, que lhe dá o propósito primordial, o Mercado Silva Araújo é também espaço público. A proposta teve esse propósito em consideração quando deixou espaço e condições para que outros programas se ocupassem dele, tendo em conta as carências que a envolvente próxima manifesta. Projetar com esta informação como balizadora de opções foi importante para permitir, a título de exemplo, a instalação de exposições ou a realização de concertos ou conferências sob a cobertura proposta.

Apesar desta vontade de desdobramento, houve sempre a consiência da relevância particular que o programa de espaço de troca deve ter. A investigação feita em torno deste programa foi determinante para a tomada de decisões de projeto a todos os níveis - desde o dimensionamento ao organograma que a proposta apresenta. Apesar do levantamento de modelos que a história deixou ter incluido um campo mais vasto de casos, foi importante expôr aqueles que respondiam de forma mais operativa aos desígnios do caso de estudo.

Pode, portanto, considerar-se que houve uma vontade de assegurar a permanência programática. No entanto, não só o programa se manteve, como se optou por transportar para a proposta os principais princípios de implantação, acesso e distribuição do Mercado. A memória do existente é recuperada numa prespetiva imaterial, assente na consciência de que o espaço de trocas é um lugar de permanências no tecido urbano, mesmo que seja feito de estruturas desmontáveis.

Assumindo a importância da permanência da identidade e de como esse valor se perde frequentemente nas intervenções contemporâneas, esta proposta, tendo como base aquilo que o Mercado é, herdou as caraterísticas mais relevantes que o definem e valorizou-as. Assumindo uma nova materialidade, afasta-se do impulso de preservar acriticamente a construção existente.

Tendo em conta o papel de elevada responsabilidade que uma intervenção arquitetónica tem, e pensando concretamente no papel do caso de estudo inserido num contexto real, é importante assegurar que o investimento de recursos se faz de modo a assegurar uma resposta sem prazo de validade. Tendo em conta a mutação constante do modo de vida e a constante aceleração que tem registado, é sensato partir do princípio que uma construção acompanhe estas mudanças. Não se propõe,

necessariamente, movimento. Uma forma de o conseguir é reduzir ao essencial as opções de desenho e, com um mesmo gesto, responder a várias questões. Esta noção que tem como princípio gerador a flexibilidade do desenho poderá ser rotulada como uma postura defensiva que vence pela negação do compromisso com uma proposta mais direcionada. No entanto, quando assumida de forma crítica, é clara a sua eficiência. Para além das questões referidas, esta será também uma atitude responsável do ponto de vista económico e ecológico.

Nesse sentido, a proposta tentou deixar pistas para uma apropriação livre, garantindo, no entanto, as imprescindíveis estruturas que cada tipo de programa solicita. Nos espaços comerciais encerrados, os tratamentos de pavimentos e paredes tentam responder de forma muito genérica aos vários usos que os poderão preencher. A cobertura de frecos cria uma rede virtual entre os pilares que determina a organização da bancas de venda desmontáveis e o restante espaço usa a estereotomia do pavimento e a mudança de material para assinalar a forma como a distribuição do espaço exterior foi pensada.

Dadas as questões que o projeto se propôs responder, a materialização de ideias em desenho não dará conclusivamente um parecer quanto ao sucesso ou insucesso das ideias apresentadas, o que só se verificaria com a construção. De qualquer das formas, e dadas a circunstâncias, fica o registo em projeto de uma intenção de intervenção que funcionará sempre como concretização de uma posição crítica quanto aos temas que o Mercado levanta e uma declaração de vontades de quem se liga umbilicalmente ao objeto de estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I. LUGAR

ALVES, Jorge Fernandes e LACERDA, Silvestre. "Fábrica de Fiação e Tecidos do Rio Vizela - As origens" in *O Tripeiro*, 7a série, ano XV (1995), no 1-2 (Janeiro/Fevereiro).

DOMINGUES, Álvaro António Gomes. P*lano estratégico do sistema urbano do Vale do Ave : projecto de plano*. Porto: Quaternaire, 1995.

GAUSA, Manuel. *Open: espacio, tiempo, información*. Barcelona: Actar, 2010.

Informação Autárquica de Vila das Aves. Ano II, nº5. Vila das Aves: Junta de Freguesia. Junho de 1984.

MOREIRA, Álvaro Brito; OLAIO, Nuno Miguel. *Fábrica de fiação e tecidos do Rio Vizela - comemoração dos 150 anos*. Santo Tirso: Câmara Municipal, 1995

OLIVEIRA, Pe. Fernando Marques de. *Vila das Aves: elementos para uma monografia*. Vila das Aves: Tipografia das Aves - Liberto & Filho - Artes gráficas Lda., 2005. p. 164

PADILHA, João Bento. "José da Silva Araújo : o grande benemérito de S. Miguel das Aves". in *Jornal de Santo Thyrso*. Santo Tirso. Número 26, Outubro de 1930.

PADILHA, João Bento. "S. Miguel das Aves", 1928. in BARCA, Pe. Joaquim da. S. *Miguel das Aves (Monografia)*. Vila das Aves: Tipografia das Aves, 1953

Santo Tirso : da tradição à modernidade. Fot. Francisco Piqueiro, Anabela Rosas Trindade. Santo Tirso : Câmara Municipal de Santo Tirso, 2009.

Território: Casa comum (coord. Álvaro Domingues, Nuno Travasso) . Porto: Faup, 2015

Vila das Aves em livro aberto, (coord. Geraldo J. Amadeu Coelho Dias e Felisbela da Conceição F. M. Freitas) Vila das Aves: Junta de Freguesia de Vila das Aves, 2005.

INTERNET *

"Requalificação do Mercado Municipal quer dinamizar o centro da cidade", 2 de Fevereiro de 2016. in *Santo Tirso - Câmara Municipal*, disponível em <https://www.cm-stirso.pt/conhecer/noticias/noticia/requalificacao-do-mercado-municipal-quer-dinamizar-o--centro-da-cidade.>

VALENTE, Américo Luís. Aves. *Entre ambos os Aves*, disponível em <http://entre-ambos-os--aves.blogspot.com/2012/06/aves-negrelos-um-despique-jornalistico.html>

II. MATÉRIA

ALARCÃO, Jorge de. "A arquitectura dos mercados romanos". in *Minia*, nº7. Braga: Ass. Defesa Estudo Divulgação do Património Cultural, 1983.

Architecture Competitions and the Production of Culture, Quality and Knowledge: an International Inquiry (Jean-Pierre Chupin, Carmela Cucuzzella e Bechara Helal ed.). Montreal: Potential Architecture Books, 2015.

BENEVOLO, Leonardo. *História da cidade* (trad. Silvia Mazza). São Paulo : Perspectiva, 1983.

BROOK, Peter. *O espaço vazio*. Lisboa : Orfeu Negro, 2016.

Eduardo Souto Moura. (Luiz Trigueiros ed.). Lisboa: Blau, 2000.

Fernando Távora. (Luiz Trigueiros, ed.). Lisboa:Blau , 1993.

FILARETE, Antonio Averlino. *Tratado de arquitectura* (Pilar Pedraza ed.). Vitoria : Ephialte, 1990. Libro X.

FUJIMOTO, Sou. *Primitive Future*. Tokyo: LIXIL Publishing, 2008. p. 24

ISHIGAMI, Junya (entrevista). in LANDO, Stephan e MONTRESOR, Mariana. *Defining Criteria*. Luzern: Quart Publishers, 2018, p. 98

LACATON, Anne e VASSAL, Jean-Philippe. *Actitud*. Barcelona: Editorial Gustavo Gil, 2017. p.18

LERUP, Lars. *Building the unfinished : architecture and human action*. London : SAGE Publications, 1977. p.100

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, 1999. p.

MESQUITA, Mário. *Marques da Silva: o aluno, o professor, o arquitecto*. Porto, Instituto Arquitecto José Marques da Silva. 2006. p. 206

MILÃO, Cristina. *O Mercado praça na cidade. A transformação do espaço e lugar de troca no caso da arquitetura portuguesa*. (Tese de Doutoramento em Arquitetura) Porto: FAUP, 2014

MOREIRA, Bruno. *Forma e estrutura na obra de Eduardo Souto de Moura* (Prova final para licenciatura em arquitetura). Porto: Faup, 2007. p. 103

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas* [*The City in history: its origins, its transformations and its prospects*]. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2ª edição - 1982 [1ª edição - 1961]

OTTO, Frei. *Arquitectura Adaptable*. Barcelona: Editorial Gustavo Gil, 1979

PEREIRA, Paula Cristina. Espaço público: Variações críticas sobre a urbanidade. Porto: Afrontamento, 2012.

RADIC, Smiljan. *Cada tanto aparece un perro que habla*. Barcelona: Puente editores, 2018

ROSSI, Aldo. Autobiografia Científica. Lisboa: Edições 70, 2013 [1ª ed. - 1981].

ROSSI, Aldo. *Melancolia e arquitectura em Aldo Rossi* (citado por Diogo Seixas Lopes) . Lisboa: Orfeu Negro, 2016. p. 89

TAVARES, Rui. "Mercados Municipais do Porto: unidades urbanas e unidades arquitetónicas." (Conferência) in *Seminário permanente do património industrial: 6ª sessão*. Porto: Faup, 12 de Novembro de 2018.

TEYSSOT, Georges. *A Topology of everyday constellations*. Cambridge: the MIT press, 2013.

TSCHUMI, Bernard. *Architecture and Disjunction*. Cambridge, Mass. : The Mit Press, 1996, p. 21

The Athenian Agora : a guide to the excavation and museum. Athens : American School of Classical Studies at Athens, 1976

Zumthor, Peter. *Pensar a arquitectura*. Barcelona : Gustavo Gil, 2005.

INTERNET*

"20 milhões de euros para reabilitar o Bolhão. Projeto mantém a traça original e mercado de frescos ", 22 de Abril de 2015. in *Porto.*, disponível em <http://www.porto.pt/noticias/20-milhoes-de-euros-para-reabilitar-o-bolhao.-o-projeto-mantem-a-traca-original-e-mercado-de-fresco>

ALMEIDA, Nuno. "Fachadismo: A morte da autenticidade de Lisboa.", 14 de Março de 2017 in *Público*, disponível em < https://www.publico.pt/2017/03/14/local/opiniao/fachadismo-a-morte-da-autenticidade-de-lisboa-1765043>

BAÍA, Pedro. "Nuno Valentim: uma apologia do real na arquitectura", 22 de Abril de 2018. in *Público*, disponível em <https://www.publico.pt/2018/04/22/culturaipsilon/entrevista/nuno-valentim-uma-apologia-do-real-na-arquitectura--1810508#gs.0O0fsWOJ>

BOER, René. "Buildings must die", 16 de Julho de 2014. in *FA - Failed Architecture*, disponível em < https://failedarchitecture.com/buildings-must-die/>

CEREJO, José António. "Praça das Flores, uma jóia de Lisboa, vai mudar de figura", 21 de Fevereiro de 2016. in Público, disponível em <https://www.publico.pt/2016/02/21/local/noticia/praca-das-flores-uma-joia-de-lisboa-vai-mudar-de-figura-1723893#gs.RWJBvGgh>

DELAHAYE, Michael. "Monpazier, France". in *Michael Delahaye - Television Producer & Media Consultant*, disponível em: < http://www.michaeldelahaye.com/monpazier.html>

DURO, Alex e PÉREZ, Branly. "Theaterplein by Studio Bernardo Secchi & Paola Viganò", 23 de Abril de 2015. in *Metalocus*, disponível em < https://www.metalocus.es/en/news/theaterplein-studio-bernardo-secchi-paola-vigano>

"Manifesto – Arquitectos pela reabilitação do Mercado do Bom Sucesso", 16 de Março de

2016. in *Mercado do Bom Sucesso vivo*, disponível em <https://mercadobomsucesso.wordpress.com/2010/03/16/manifesto-arquitectos-pela-reabilitacao-do-mercado--do-bom-sucesso/>

PINCHA, João Pedro. "Lisboa: providência cautelar trava demolição na Praça das Flores", 17 de Março de 2017. in *Público*, disponível em <https://www.publico.pt/2017/03/17/local/noticia/providencia-cautelar-trava-demolicao-na-praca-das--flores-1765419#gs.zvucdUWR>

"Renovation and Expansion of the East Wing of the Museum of Natural History, Berlin, 1995–2010". in *Diener & Diener Architekten*, disponível em: <http://www.dienerdiener.ch/en/project/renovation-and-expansion-of-the-east-wing-of-the-museum-of-natural-history>

III. PROPOSTA

Eduardo Souto de Moura (entrevistado por Manuel Graça dias). Porto: RTP, 1993

RIBEIRO, Helder Casal. *A Experimentação do Moderno na Obra de Mário Bonito: Um processo de Desenho dos anos 40 a 60*. (Tese de Doutoramento em Arquitetura) Porto: FAUP, 2013.

TEIXEIRA, Andreia Liliana. *Retorno à obra : dois arquitectos, dois casos de estudo* (Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura). Porto : Faup, 2013.

* A cosulta de Referências na Internet deve ser considerada a Setembro de 2019.

REFERÊNCIAS DE IMAGENS *

1.Vista de Satélite Google (editado).

2. Desenho produzido pelo autor.

3. Vista de Satélite Google (editado).

4. a. *Santo Tirso : da tradição à modernidade*. Fot. Francisco Piqueiro, Anabela Rosas Trindade. Santo Tirso : Câmara Municipal de Santo Tirso, 2009 ; b. VALENTE, Américo Luís. Aves. "Negrelos: um despique jornalístico entre amigos, em 1930.(5)", 3 de junho de 2012. in *Entre ambos os Aves*, disponível em <http://entre-ambos-os-aves.blogspot.com/2012/06/aves-negrelos-um-despique-jornalistico.html>

5. PISANO, Carlo e MELONI, Giaime. "In search of the free-zone: a way to explore ", in *The urban transcripts journal*, disponível em <http://journal.urbantranscripts.org/article/in-search-of-the-free-zone-a-way-to-explore-carlo-pisano-and-giaime-meloni/>

6. Desenho produzido pelo autor.

7. *OASRN*, disponível em <https://www.oasrn.org/concursos.php?pag=noticia&id=26>

8. *Flickr*, diponível em <https://www.flickr.com/photos/franciscobarata/17276385146/in/album-72157649906343114/>

9. DOMINGUES, Álvaro António Gomes. *Plano estratégico do sistema urbano do Vale do Ave : projecto de plano*. Porto: Quaternaire, 1995. p.61

10. *Flickr*, disponível em <https://www.flickr.com/photos/franciscobarata/17114189388/>

11. *Ordem dos arquitetos*, disponível em <http://0608.habitarportugal.org/ficha.htm?id=360>

12. Arquivo Junta de Freguesia de Vila das Aves.

13. *Junta de Freguesia de Vila das Aves*, disponível em < http://www.jf-viladasaves.pt/fotografias/vila-das-aves/>.

14. Desenho cedido pelo arquiteto Miguel Barreira.

15 e 16. Desenhos produzidos pelo autor com base no levantamento do topógrafo Sérgio Barata.

17. Desenho cedido pela Junta de Freguesia de Vila das Aves.

18. Vila das Aves em livro aberto. Coord. Geraldo J. Amadeu Coelho Dias, Felisbela da Conceição F. M. Freitas. Vila das Aves : Junta de Freguesia de Vila das Aves, 2005.

19. Desenho produzido pelo autor.

20. *Jornal de Santo Thyrso*, Número 26. 23 de Outubro de 1930

21. *Santo Tirso Digital,* disponível em < http://santotirsodigital.pt/joaquim-couto-assinala--arranque-das-obras-na-ponte-sobre-o-rio-vizela/>

22. Desenho produzido pelo autor.

23. Arquivo Junta de Freguesia de Vila das Aves.

24. *Santo Tirso : da tradição à modernidade*. Fot. Francisco Piqueiro, Anabela Rosas Trindade. Santo Tirso : Câmara Municipal de Santo Tirso, 2009.

25. "Requalificação do Mercado Municipal quer dinamizar o centro da cidade", 2 de Fevereiro de 2016. in *Santo Tirso - Câmara Municipal*, disponível em <https://www.cm-stirso.pt/conhecer/noticias/noticia/requalificacao-do-mercado-municipal-quer--dinamizar-o-centro-da-cidade.>

26. Desenho produzido pelo autor.

27. Fotografia de Manuel Sousa.Mercado de Negrelos. Meados do séc. XX.

28 e 29. Desenhos produzidos pelo autor.

30. *Informação Autárquica de Vila das Aves*. Ano II, nº5. Vila das Aves: Junta de Freguesia. Junho de 1984.

31. Desenho produzido pelo autor.

32-46. Fotografias do Autor.

47. a. Fotografia de André Savastano, 2014; *Flickr*, disponível em <https://www.flickr.com/photos/andresavastano/12032886516/>; b. Fotografia de Bruno Cirillo, 2017; CIRILLO, Bruno. "Assentados e ruralistas abraçam discurso ecológico", 11 de maio de 2017. in *VAIDIPÉ*, disponível em <http://vaidape.com.br/2017/05/assentados-e-ruralistas-abracam-discurso-ecologico/>

48. a. Desenho de Victor Baltard. Archives - Le site des Archives de Paris, disponível em < http://archives.paris.fr/a/613/les-halles-de-victor-baltard/> ; b. Desenho de Martelo. *PICRYL*, disponível em <https://picryl.com/media/halles-centrales-de-paris-corpes-de-lest-plan-du-rez-de-chaussee-v-baltard>

49. *Sygic Travel*. Disponível em <https://travel.sygic.com/pt/poi/estoa-de-atalo-poi:2638>

50. CRISTILLI, Armando. in *Researchgate*, disponível em < https://www.researchgate.net/figure/Lepcis-Magna-Macellum-plan_fig1_319185973>

51. ALARCÃO, Jorge de. "A arquitectura dos mercados romanos". in *Minia*, nº7. Braga: Ass. Defesa Estudo Divulgação do Património Cultural, 1983.

52. *Flickr*, disponível em <https://www.flickr.com/photos/quadralectics/9782573062>

53. a. Fotografia de Daniel Villafruela, 1965; *Wikimedia Commons,* disponível em <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Monpazier-Halles-196510.jpg>; b. Fotografia de Mossot, 2011; *Wikimedia Commons,* disponível em <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Monpazier_-_Halle_-401.JPG>

54. a. *Accademia Italia*, disponível em < https://www.istitutoitaliano.it/en/florence-outdoor--markets/>; b. Vista de Satélite Google (editado); c. "1910 Print Loggia Mercato Nuovo Florence Colonnade Street Scene". in *Period Papers*, disponível em < https://www.periodpaper.com/products/1910-print-loggia-mercato-nuovo-florence-colonnade-street-scene-historical-view-155344-xgib5-041>

55. Desenho de George Measom, 1851; *Archive.org,* disponível em <https://archive.org/details/crystalpalaceits00berl/page/n4>

56. Desenhos produzidos pelo autor.

57. a.*PINTEREST*, disponível em <https://www.pinterest.ca/pin/733734964268511470/>; b. *PINTEREST*, disponível em <https://www.pinterest.chpin/733734964268511479/>; c. BARBA, José e REBOLLO, Sara. "Redescubriendo los 80: Mercado do Carandá por Souto de Moura", 21 de Janeiro de 2016 in *METALOCUS,* disponível em <https://www.metalocus.es/es/noticias/redescubriendo-los-80-mercado-do-caranda-por-souto-de-moura>

58. MAZA, Ricardo. "Preexistencias y ruinas en la obra de Eduardo Souto de Moura", 29 de Outubro de 2018. in *TC Quadernos,* disponível em <https://www.tccuadernos.com/blog/wp-content/uploads/2018/10/f0.jpg>

59. *Porto Antigo*, disponível em < http://portoantigo.blogspot.com/2009/09/mercado-ferreira-borges-ii.html>

60. *Wikimedia commons*, disponível em <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ouroboros1.png>

61. "Renovation and Expansion of the East Wing of the Museum of Natural History, Berlin, 1995–2010". in *Diener & Diener Architekten*, disponível em: <http://www.dienerdiener.ch/en/project/renovation-and-expansion-of-the-east-wing-of-the-museum-of-natural-history>

62. a. "20 milhões de euros para reabilitar o Bolhão. Projeto mantém a traça original e mercado de frescos", 22 de Abril de 2015. in *Porto.*, disponível em <http://www.porto.pt/noticias/20-milhoes-de-euros-para-reabilitar-o-bolhao.-o-projeto-mantem--a-traca-original-e-mercado-de-fresco>; b. "Obras do Mercado do Bolhão deverão começar no Verão", 19 de Fevereiro de 2016. Renascença, disponível em < https://rr.sapo.pt/2016/02/19/pais/obras-do-mercado-do-bolhao-deverao-comecar-no-verao/noticia/47346/>

63. Vista de Satélite Google (editado).

64. "Cidadãos mobilizam-se contra o avanço do prédio de Souto Moura na Praça das Flores", 28 de Fevereiro de 2017. in *O Corvo*, disponível em < https://ocorvo.pt/cidadaos-mobilizam-se-contra-o-avanco-do-predio-de-souto-moura-na-praca-das-flores/>

65. Desenho de Eduardo Souto de Moura; CEREJO, José António. “Praça das Flores, uma jóia de Lisboa, vai mudar de figura”, 21 de Fevereiro de 2016. in *Público*, disponível em <https://www.publico.pt/2016/02/21/local/noticia/praca-das-flores-uma-joia-de-lisboa-vai-mudar-de-figura-1723893#gs.RWJBvGgh>

66. *Archdaily*, disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/911499/serpentine-pavilion-2019-sera-projetado-pelo-arquiteto-japones-junya-ishigami>

67. FUJIMOTO, Sou. *Primitive Future*. Tokyo: LIXIL Publishing, 2008.

68. “Learning from Frei Otto”. in *Lodown Magazine*, disponível em < http://lodownmagazine.com/pulse/learning-frei-otto>

69. a. *Groep Arthur*, disponível em < https://www.groeparthur.be/public>; b. “De keuze van… leen greve”. in *EcoLifestyle*, disponível em < https://www.ecolifestyle.be/de-keuze-van-leen-creve/>; c. “Mathilde bij de armen van Antwerpen”, 6 de Junho de 2019. in *GVA*, disponível em < https://www.gva.be/cnt/dmf20190606_04447673/mathilde-bij-de-armen-van-antwerpen-wij-worden-niet-vergeten>

70. *Metalocus,* disponível em < https://www.metalocus.es/en/news/theaterplein-studio-bernardo-secchi-paola-vigano#>

71-90. Desenhos / Imagens produzidas pelo autor.

91. “Velha Fábrica de Santo Thyrso acolhe moda, música e culinária”, 4 de Maio de 2016. in *BomDia,* disponível em < https://bomdia.eu/velha-fabrica-de-santo-thyrso-acolhe-moda-musica-e-culinaria/>

92. *Open House Lisboa*, disponível em < https://2015.openhouselisboa.com/places/estufa-fria-3/index.html>

93. FOSTER, Hal. “How Do You Make Art From Walking and Looking?”, 26 de Novembro de 2018. in Literary Hub, disponível em < https://lithub.com/how-do-you-make-art-from-walking-and-looking/>

94. BARBA, José e REBOLLO, Sara. “Redescubriendo los 80: Mercado do Carandá por Souto de Moura”, 21 de Janeiro de 2016 in *METALOCUS,* disponível em <https://www.metalocus.es/es/noticias/redescubriendo-los-80-mercado-do-caranda-por-souto-de-moura>

95. *Divisare*, disponível em < https://divisare.com/projects/322291-kazuyo-sejima-ryue-nishizawa-sanaa-rasmus-hjortshoj-naoshima-ferry-terminal>

96. *Centro de Arte Contemporânea Graça Morais*, disponível em < https://centroartegracamorais.cm-braganca.pt>

97-102. Desenhos / Imagens produzidas pelo autor.

103. MAZA, Ricardo. “Preexistencias y ruinas en la obra de Eduardo Souto de Moura”, 29 de Outubro de 2018. in *TC Quadernos,* disponível em <https://www.tccuadernos.com/blog/wp-content/uploads/2018/10/f0.jpg>

104. Fotografia do autor.

105. *Brandão Costa. arquitectos*, disponível em < https://www.brandaocosta.com/projetos/chaves-ii/>

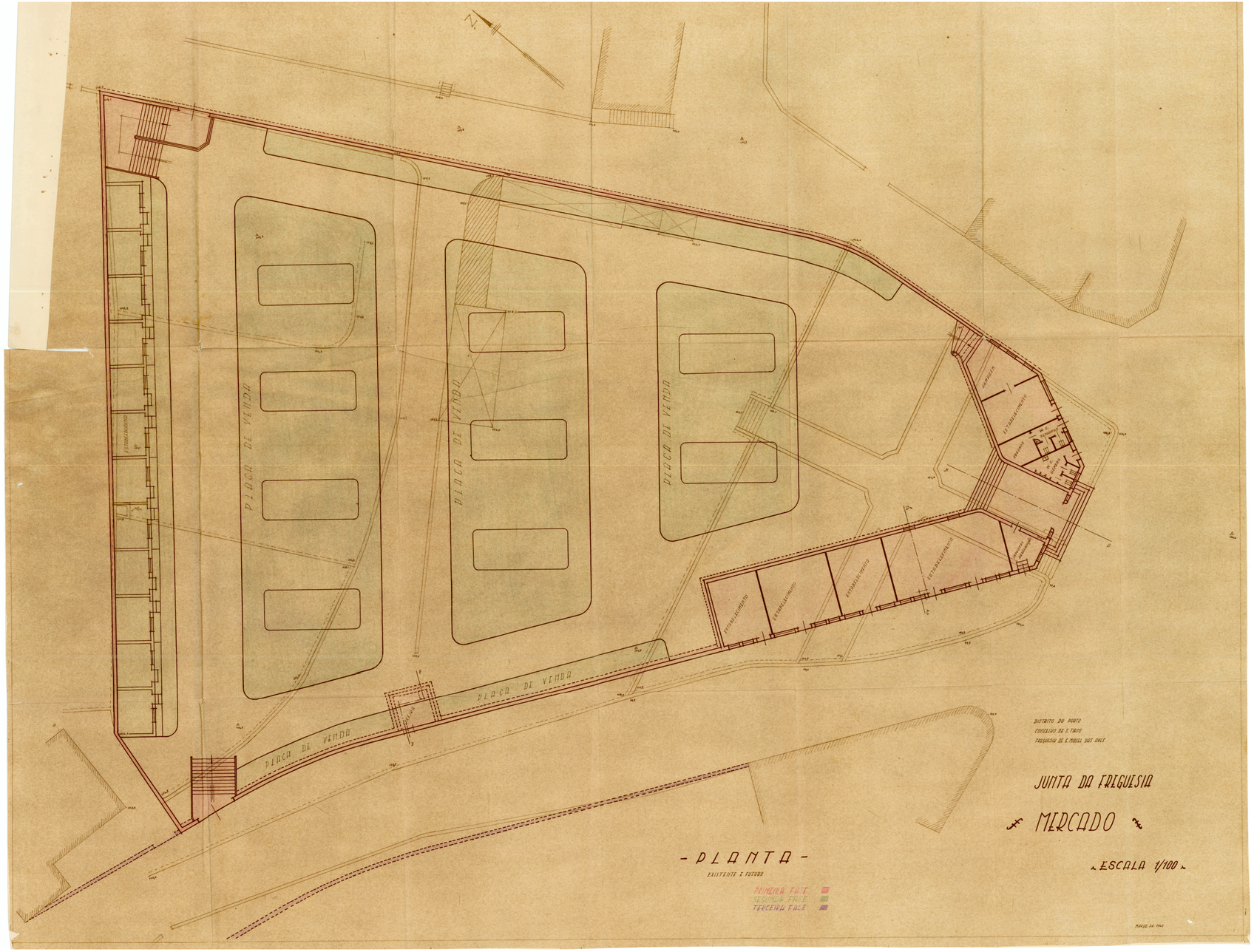
106. "Prémios de Arquitectura em Tijolo Face à Vista". in *FAUP*, disponível em < https://sigarra.up.pt/faup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=1230>

107. *Archipicture*, disponível em < http://www.archipicture.eu/Architekten/Portugal/Souto%20de%20Moura%20Eduardo/Souto%20de%20Moura%20-%20Crematorium%20Uitzicht%20Kortrijk%204.html>

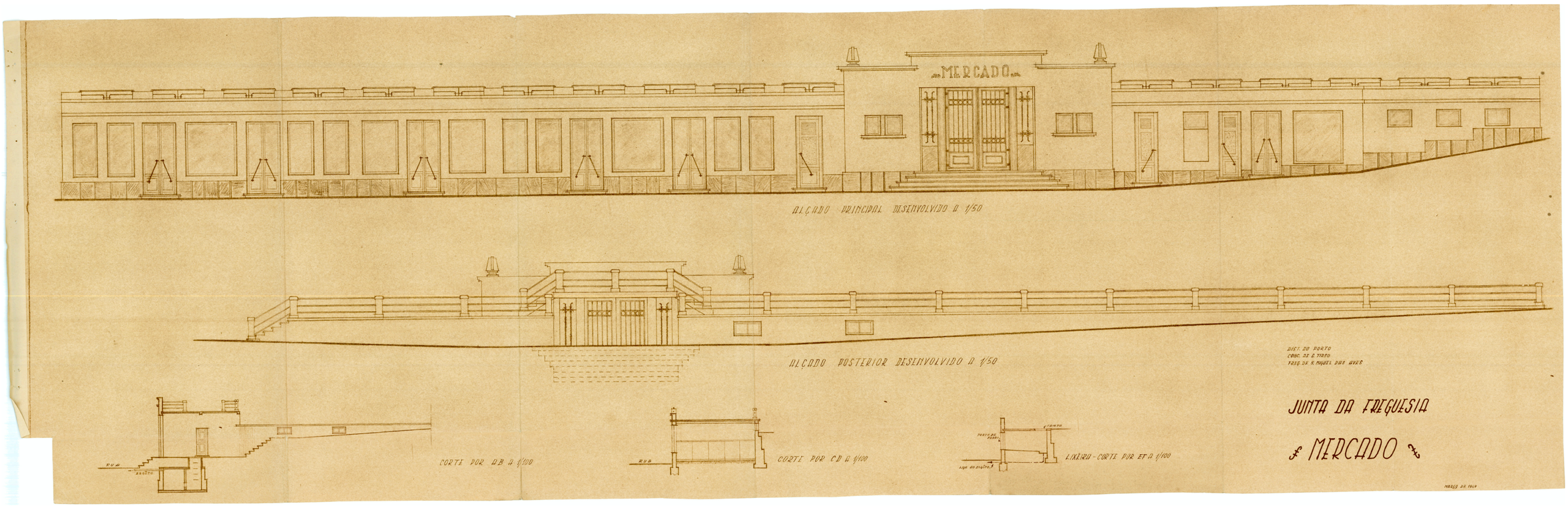
108-113. Desenhos / Imagens produzidas pelo autor.

* A cosulta de Referências na Internet deve ser considerada a Setembro de 2019.

ANEXOS



1. PROJETO PARA O MERCADO SILVA ARAÚJO, 1949.



2. PROJETO PARA O MERCADO SILVA ARAÚJO, 1949.



3. PROJETO PARA O MERCADO SILVA ARAÚJO, 1983.